

**O**  
**POVOAMENTO TARDO-ROMANO NA LOCALIDADE**  
**DE CASAIS VELHOS, AREIA**

**Guilherme Soares Sarmento**



## **Agradecimentos**

O presente trabalho não teria sido possível sem a ajuda de muitas pessoas, que me auxiliaram e acompanharam ao longo do seu percurso, a quem devo a minha gratidão e a quem me cumpre agradecer.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao Professor Doutor Adriaan De Man, que me incentivou, acompanhou e orientou neste projecto. Seguidamente gostaria de reconhecer o apoio do Professor Doutor Carlos Fabião da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Agradeço também a Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica que me auxiliou durante a realização desta tese, nomeadamente o seu presidente, o Dr. Nuno Ribeiro.

Deixo uma palavra de agradecimento aos membros do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Cascais pela ajuda que me prestaram aquando a realização deste trabalho.

O meu muito obrigado à empresa Publirep – Publicidade e Representações, Lda. pela impressão das cópias da minha tese de mestrado.

De resto, quero também agradecer a todos que, de uma forma geral, me apoiaram e incentivaram a realizar esta dissertação.





## **RESUMO**

O presente trabalho visa oferecer um estudo mais detalhado e actualizado sobre o povoamento romano de Casais Velhos, em Cascais. Desenvolveu-se uma investigação ao sítio arqueológico propriamente dito, e uma análise intensiva ao conjunto de artefactos resultantes dos trabalhos arqueológicos já aqui realizados, e que presentemente se encontram guardados no Museu de Conde Castro de Guimarães. Em resultado, pretende-se apresentar novos dados a nível da cronologia da ocupação deste povoado, assim como demonstrar a necessidade premente de novos trabalhos arqueológicos neste dado local de modo a ter uma melhor percepção do seu contexto no mundo rural romano.

## **ABSTRACT**

The present work seeks to propose a more detailed and up-to-date study concerning the roman settlement of Casais Velhos, in Cascais. An investigation was developed on this archaeological site, and a thorough analysis on the collection of artifacts that resulted from previous archaeological works carried out at this location, and that are presently found stored at the Museum Conde de Castro de Guimarães. In result, it is proposed to reveal new information on the subject of the chronology of its settlement, as well as demonstrate the urgent need for new archaeological works at this given site, in order to have a better awareness of its context in the roman provincial world.



## INTRODUÇÃO

O tema central desta dissertação é o estudo povoado romano e medieval de Casais Velhos, em Cascais.

Para além do conjunto artefactual, metodologicamente este trabalho teve como base uma pesquisa bibliográfica, cartográfica e toponímica deste sítio arqueológico.

Nesta perspectiva de trabalho, apesar das limitações sentidas, após o enquadramento geográfico e histórico da área em estudo, assim como de um balanço da investigação arqueológica já desenvolvida sobre esta temática, proceder-se-á a uma análise de todos os dados que forem recolhidos como resultado deste novo estudo sobre os materiais oriundos deste povoado.

Ao visitar-se as ruínas do antigo povoado de Casais Velhos, inseridas na zona designada como Outeiro das Vinhas, sobranceira às dunas do Guincho, em plena região da fachada atlântica, depara-se com um sítio que aparentemente teve uma longa ocupação humana, dada a quantidade elevada de materiais arqueológicos à superfície, como é o caso de cerâmicas romanas, telhas, tijolos, etc. Trata-se de um local muito próximo do mar, com acesso fácil a uma fonte de água, neste caso na nascente do Selão. Tem-se a impressão da sua grande extensão pela quantidade de materiais dispersos pela zona, no entanto ainda são bem visíveis alguns vestígios de muralhas defensivas e de um torreão, que circundavam a zona das termas. O seu complexo termal ocupa um lugar de destaque no contexto das ruínas de Casais Velhos, dada a sua magnitude perante os restantes edifícios nas suas redondezas. Quanto a vestígios de outras estruturas, existem, para além de alguns tanques e um aqueduto, vestígios de estruturas habitacionais, já muito degradados. A presença de muita pedra calcária, telhas e de cerâmica por todo o terreno evidencia que o povoado teria tido algumas habitações mesmo fora do perímetro amuralhado, embora seja difícil observar com certeza qual seria os seus limites, devido à grande degradação da própria muralha.

Para ter um melhor entendimento da natureza de ocupação que existiu neste local optou-se por dividir o trabalho em três partes distintas, tendo em conta a organização de todo um conjunto arqueológico que se pretende ainda apresentar:

Numa primeira parte faz-se o enquadramento dos dados disponíveis acerca do povoado romano e medieval de Casais Velhos, nomeadamente da sua localização geográfica, com especial atenção ao levantamento topográfico.

Numa segunda parte traça-se um resumo das actividades arqueológicas que foram realizadas em Casais Velhos, mencionando e apresentando algumas análises dos

resultados das escavações publicadas pelos diferentes investigadores que se debruçaram sobre esta temática. Menciona-se, sobretudo, os resultados dos trabalhos de escavação arqueológica realizados pelo capitão Afonso do Paço e Fausto Amaral de Figueiredo (1950, p.236-241) assim como os trabalhos de limpeza e consolidação das ruínas de Casais Velhos levados a cabo por D. António de Castelo Branco e Octávio da Veiga Ferreira (1971, p.67-84). Inclui-se ainda nesta parte algumas reflexões sobre uma incerta produção tintureira no povoado de Casais Velhos.

Por fim, numa terceira parte, faz-se a análise qualitativa do conjunto de materiais de Casais Velhos, depositado no Museu de Conde de Castro de Guimarães, ensaiando desta forma uma abordagem interpretativa com o objectivo de apresentar uma leitura mais completa a nível arqueológico para as diversas peças que foram alvo deste estudo.

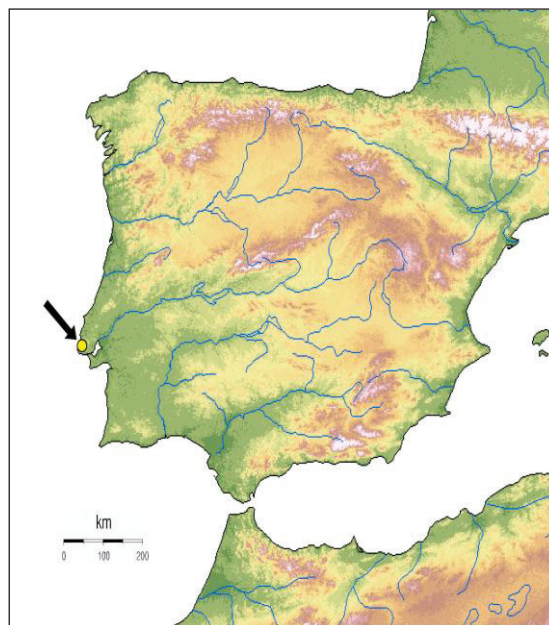
## I – ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

### 1.1 – Delimitação geográfica e administrativa

A área de estudo integra-se na Freguesia de Cascais, situada na parte ocidental da península de Lisboa<sup>1</sup>. O povoado de Casais Velhos encontra-se, aproximadamente, a 5 quilómetros a Noroeste do centro da vila de Cascais, e a cerca de 30 quilómetros do centro da cidade Lisboa, que durante a Antiguidade Tardia seria a maior metrópole nas proximidades do povoado, com o título de município romano, *Felicitas Iulia Olisipo*, que lhe havia sido atribuído por César ou Augusto, segundo Plínio-o-Velho (IV, 117).

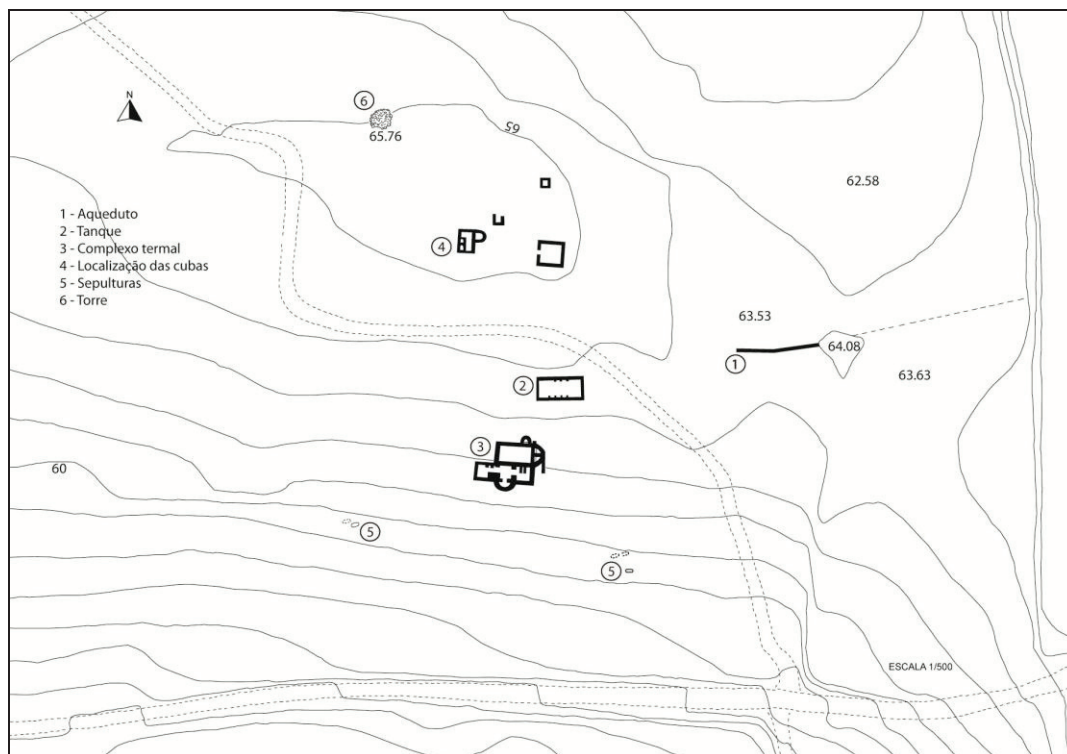
O sítio arqueológico de Casais Velhos está localizado no Outeiro das Vinhas, entre as áreas de Pinheiro Bravo e Caruma a Nordeste, a Ponta da Galé e a Praia Grande do Guincho a Noroeste,

Cresmina (e parque de campismo) a Sudoeste, e a cerca de 400 metros da povoação de Areia que fica a Sul/sudeste.



**FIG.** Erro! Apenas o documento principal. - Localização da região de estudo na Península Ibérica (a amarelo). Fonte: FERNANDEZ, Emilio Gomez - Mapa físico de la Península Ibérica

A área total de dispersão de materiais arqueológicos possivelmente relacionados com o antigo povoado abrange cerca de 6 hectares (onde também se enquadram as ruínas) e encontra-se no seguimento da Rua de São Rafael em direcção à Aldeia de Juso, Bairro Chesol e Murches, mais especificamente, a área das ruínas postas a descoberto pelas escavações equivale a pouco menos que um hectare (cerca de 9384 metros quadrados).



**FIG. 2 - Planta do povoado de Casais Velhos**

Toda esta área é limitada a Norte pela Ribeira da Foz do Guincho. Actualmente está a um pouco mais de 1 quilómetro da costa ente a Ponta Alta e a Ponta da Galé, na direcção Oeste, e a cerca de 748 metros a Oeste do marco geodésico do Selão, também próximo da povoação da Areia, onde ainda existe uma nascente de água que costumava abastecer o povoado romano dos Casais Velhos, através de um aqueduto. Nos terrenos lavrados à volta da pequena elevação, onde se situa o marco, encontram-se indústrias líticas sobre seixos rolados, datáveis do período Paleolítico (Zbyszewski e França, 1948, p. 263). A pouco menos de 1 quilómetro a Norte do Povoado encontra-se outro marco geodésico, o Alto do Barril, a norte do campo da bola da Malveira da Serra, onde no meio das dunas foram encontradas lascas de sílex e alguns fragmentos de cerâmica isolados. Situado na Freguesia de Alcabideche, este sítio designado de Guincho Norte, foi datado do Calcolítico, da Idade do Bronze, e do período romano (Figueiredo; Paço, 1950, p.41).

A proximidade de Casais Velhos com *Olisipo*, mencionada por Estrabão (III, 3.1) como uma das duas cidades mais importantes de toda esta região, certamente favoreceu um desenvolvimento do comércio com o resto do império.

É também de realçar a localização privilegiada da colina em que se veio a erguer o povoado. Numa favorável situação topográfica, com um vasto controlo visual sobre a entrada da zona do Guincho, permitindo assim um certo domínio estratégico da mesma e o controlo do acesso ao interior do território.

As características de implantação do povoado de Casais Velhos, numa colina destacada do relevo circundante, aliadas a boas condições de defensibilidade, apresentando em boa parte do seu contorno encostas de fácil defesa, tornaram este local um sítio de eleição para o estabelecimento de um aglomerado habitacional, que a certa altura foi fortificado, algo justificável tendo em conta que durante a Antiguidade Tardia existiram vários períodos de grande instabilidade com a dissolução política da unidade imperial no Ocidente. Por exemplo, nos inícios do século V d.C. sucedem-se várias rebeliões no seio do Império do Ocidente, já muito debilitado pelas investidas dos vários povos que habitavam na sua periferia, e assiste-se à instalação na Península Ibérica de contingentes de bárbaros, como os Alanos, Vândalos e Suevos.

No que diz respeito à altitude, a cota máxima registada na zona do povoado é precisamente onde se encontram as ruínas da torre que fazia parte da antiga fortificação, que está a 66 metros acima do nível do mar.

O povoado de Casais Velhos está classificado como Imóvel de Interesse Público através do Decreto nº 29/84 de 25 de Setembro.



**FIG. 3 - Localização de Casais Velhos na Carta Militar de Portugal (a vermelho).**

## 1.2 – Geologia

A nível geológico a área definida integra-se numa zona composta maioritariamente por calcário, de origem secundária, mais precisamente do Jurássico Superior e do Cretácico, formado em fundos marinhos profundos. Os tipos de solos calcários que se encontram nesta área são caracterizados por possuírem uma textura mediana. São comuns os solos calcários pardos típicos dos climas sub-húmidos e semiáridos de margas e calcários compactos inter-estratificados. Também são encontrados nesta zona solos mediterrâneos vermelhos ou amarelos de materiais calcários de calcários compactos ou dolomias, cobertos por areias eólicas. Nesta região também há que ter em conta alguns aspectos geológicos que resultam da erosão marinha, nomeadamente o avanço do mar e a destruição das arribas, que têm transformado toda a encosta ao longo do tempo. Assim como é de notar, na zona ao redor do povoado, a existência das dunas móveis resultantes da erosão eólica.

Ora, toda esta zona de solos calcários também encontra-se muito próxima do batólito de granito da serra de Sintra, que teve origem há 70 milhões de anos, no final do Mesozóico.



Do Quaternário existem dunas fósseis na zona que cobre os solos desde o Guincho até ao Farol da Guia, datáveis de há 8.000 anos.

### **1.3 – Hidrografia, clima e vegetação**

A área de estudo integra-se na zona costeira da península de Lisboa, banhada pelo Oceano Atlântico, que por sua vez está ligada e a este ao estuário do rio Tejo. A norte o curso de água mais próximo, a cerca de 800 metros, é a Ribeira da Foz do Guincho que é seguida, a este, pela Ribeira de Alcorvim. A cerca de 3 quilómetros este encontra-se a Ribeira dos Marmeleiros na zona de Alvide, e a 3,71 quilómetros sudoeste a Ribeira das Vinhas, na zona da Pampilheira. Ora o povoado está situado muito próximo destes cursos de água, que ligam toda esta região ao Oceano Atlântico ao estuário do rio Tejo. A permanência das populações perto dos seus leitos permitia o acesso fácil à água, o que ajudava na alimentação e na higiene das mesmas. Também servia para alimentar os animais domésticos. Na região de Cascais as nascentes de água são raras. As mais importantes são: a de Quenena, Freiria, Atrozela e Selão.

O clima é ameno, do tipo mediterrânico.

A nível da vegetação, o sítio de Casais Velhos insere-se numa paisagem que ostenta desde os sistemas dunares da zona do Guincho até às escarpas rochosas cobertas de vegetação da serra de Sintra, passando por zonas rurais de planalto. Estas formações geológicas têm uma variação de altitude pouco significativa, que não ultrapassa os 528 metros acima do nível do mar. A flora característica desta zona do Guincho é representada, na sua maioria, por espécies mediterrânicas e inclui quase 10 por cento de espécies endémicas, algumas classificadas como muito raras.

A maior riqueza ambiental desta região do Guincho reside na sua enorme diversidade de vegetação. Nas zonas costeiras esta é caracteristicamente composta por arbustos, como por exemplo o carrasco e o medronheiro. Os carvalhos abundam por toda esta região e os pinhais existentes na serra de Sintra (principalmente o pinheiro bravo) são resultantes de esforços de reflorestação com idades variáveis.





FIG. 4 - Vista aérea do povoado.

## II – ANTECEDENTES DO TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO.

### 2.1 – Trabalhos arqueológicos realizados pelos diferentes investigadores ao longo do séc. XX.

Os primeiros trabalhos de pesquisa arqueológica no sítio dos Casais Velhos foram realizados pelo capitão Afonso do Paço em 1945, com a colaboração de Fausto Amaral de Figueiredo (Figueiredo; Paço, 1950), pondo a descoberto alguns vestígios de edifícios e uma pequena necrópole.

Determinou-se assim a existência de uma estrutura termal composta pelo *hippocaustum*, do *frigidarium*, de uma sala tépida de transição e do *praefurnium*, de configuração semicircular. A norte deste edifício aparecem restos de um tanque rectangular revestido a *opus signinum*, que poderia ser o *natatio*.

Entre 1968 e 1971 foram executados trabalhos de desentulhamento, reconstrução e consolidação das ruínas dos Casais Velhos por D. António de Castelo Branco e Octávio da Veiga Ferreira (Branco; Ferreira, 1971, p.69-83).

Nos entulhos dos edifícios, em especial, no edifício de aquecimento, foram encontrados muitos restos de conchas de *Purpura haemastoma* L., assim como, menos abundantes restos de conchas de *Mytilus edulis*, *Patella coerulea*, *Ostrea edulis*, etc. Segundo os arqueólogos o edifício de aquecimento poderia ter feito parte de uma oficina para o tratamento de *Purpura* dada a quantidade deste molusco perto deste edifício.

Mais recentemente o sítio dos Casais Velhos foi estudado por Guilherme Cardoso e José d' Encarnação. Estes últimos são da opinião da possibilidade de se estar perante uma área de finalidades “industriais” colhendo argumento favorável da existência, em exíguos compartimentos, de pequenas tinas revestidas a *opus signinum* e dotadas de um sistema de tapamento hermético. Tais características apontam para estes recipientes uma função de “cozimento” de algo sob pressão, sem perda de energia nem emissão de vapores. Também lembram o facto de se ter encontrado, numa lixeira sita em níveis romanos, grande quantidade de conchas de *múrex*, algo que levou a Veiga Ferreira e D. António Castelo Branco (1971, p. 83) a aventarem a hipótese de se estar perante uma *purpuretica*.

### **2.1.1 – As primeiras escavações arqueológicas**

Aparentemente vem de muito longe o conhecimento desta estação arqueológica, pois já o arqueólogo Félix Alves Pereira (conhecido pelo seu trabalho na primeira metade do século XX) havia recolhido uma ara romana funerária nessa mesma região, de carácter provavelmente funerário que servia de base a uma cruz de pedra (Pereira: 1918, p.56).

Na primavera de 1945 Maxime Vaultier e depois o professor H. Breuil e G. Zbyszewski encontraram na zona arredores da praia do Guincho alguns exemplares de indústrias paleolíticas, quer à superfície, quer no contexto dos depósitos consolidados provenientes da modificação da antiga praia de 60 m, “Milazzien”, depósitos argilo-arenosos descritos como sendo do Quaternário provável (Breuil e Zbyszewski, 1945, p. 244-245).

No mesmo ano, sob a direcção de Fausto José Amaral de Figueiredo e com a colaboração de Afonso do Paço, decidiram-se fazer as primeiras escavações arqueológicas na zona a norte da povoação de Areia, denominada de Casais Velhos, ao longo dos muros que estavam à vista.

Os primeiros resultados foram surpreendentes, permitindo identificar as ruínas como pertencendo à época romana, nomeadamente à sua parte final, pois que algumas moedas encontradas datavam dos reinados dos imperadores Constantino, Honório e Arcádio. Também encontraram uma mó (que assumem ser do neolítico) e vários fragmentos de cerâmica romana.

A Junta de Turismo de Cascais na altura resolveu, à semelhança do que havia feito na Alapraia e em S.Pedro do Estoril, levar a cabo alguns reconhecimentos que permitissem

valorizar a importância arqueológica deste lugar. Para isso o Ministério de Educação Nacional exigiu a necessária licença para se efectuar sondagens e proceder-se posteriormente às escavações.

Durante estas primeiras intervenções determinou-se a existência de uma construção que veio a ser identificada, posteriormente, como um edifício termal, com o *hippocaustum*, o *frigidarium*, e o *praefurnium*.

Este complexo termal seria abastecido de água a partir do aqueduto situado a Este.

Vitrúvio descreve este tipo de edifício no seu livro *De Architectura* (aproximadamente 40 a.C.), chegando a dar claras indicações de como se construía um edifício termal. Ora, com base na descrição feita por Vitrúvio foi possível identificar, pelas suas características arquitectónicas (como o hipocausto, por exemplo), que o grande edifício posto a descoberto por Afonso do Paço e Fausto Figueiredo tratar-se-ia de um edifício termal. Os próprios autores defenderam essa ideia na altura “...dão-nos a impressão que se trata de um estabelecimento balneário de uma *villa* rústica que, pelo seu conjunto, seria de alguma importância”. A norte deste edifício surge um grande tanque rectangular revestido a *opus signinum*, que poderia ser o *natatio*.

Por todo o terreno recolheram-se restos de *terra sigillata*, cerâmica grosseira, um peso de chumbo, moinhos de mão (mós), elementos de colunas, etc.

Deram-se conta dos vestígios encontrados (Figueiredo; Paço, 1950, p.308-311), nomeadamente das termas, do aqueduto, e do material cerâmico típico dos Romanos.

Em Casais Velhos descobriram-se também três locais de enterramento: dois a Oriente e outro a Ocidente. As sepulturas eram todas orientadas Este-Oeste. Os autores das primeiras escavações (Figueiredo; Paço, 1950, p. 310) relatam que as sepulturas do lado Oriental eram mais ricas, de construção mais cuidada e contendo algo mais do que simples ossadas humanas.

Nesse conjunto ainda restava a cobertura superior constituída por grandes pedras numa das sepulturas, que era forrada na parte interior por tijolos grossos e tinha quatro pedras rectangulares a cada lado e mais duas nas cabeceiras. Também nas sepulturas a Oriente os arqueólogos encontraram um grupo de três crânios e uma vasilha de barro com decoração ondulada e, na parte oposta somente um crânio, uma lucerna e duas lanças de ferro. Existindo também no mesmo local outra sepultura que continha um indivíduo do sexo feminino que ostentava junto ao crânio, um brinco de bronze circular, aberto e com botão numa extremidade. Recolheu-se também outro brinco, diversos fragmentos de botões, uma agulha e um aplique de forma zoomórfica, assim como um cabo de osso.

Foi recolhida uma tigela de fundo plano, outra vasilha sem adorno, idêntica à que já foi referida (de acordo com os autores), e vários fragmentos de bordos (não precisados) completam o conjunto funerário recolhido nessa jazida.

Segundo os autores as sepulturas do grupo ocidental eram mais pobres (Figueiredo; Paço, 1950, p. 311), as coberturas superiores já haviam desaparecido por completo e o mesmo havia sucedido com quase todas as cabeceiras, arrastadas pelo arado, sendo que algumas possuíam apenas algumas pedras toscas laterais ou estavam desprovidas de qualquer protecção. Neste grupo, ao lado das sepulturas de adultos havia algumas crianças muito jovens.

A partir do século III d.C. os enterramentos em inumação começaram a ser prática mais comum, em cemitérios afastados das povoações. As sepulturas encontram-se delimitadas por esteios de rochas locais, servindo para enterramentos sucessivos. É difícil de distinguir se são tardo-romanas ou visigóticas, dependendo muito no espólio que contêm, na sua grande maioria de origem no Baixo Império. De facto as necrópoles visigóticas não diferiam muito das do tipo existente no Baixo Império. Normalmente o defunto é inumado na posição de decúbito dorsal, orientado Este-Oeste, voltado a Nascente ou orientado Sul-Norte, voltado a Sul. As sepulturas são do tipo covacho, ou caixa, delimitadas por esteios de calcário ou outro tipo de rocha e seladas por lajes de calcário, existindo por vezes também raros sarcófagos de grés. No interior do moimento poderá haver um ou dois esqueletos, ou mais raro, três e quatro. O defunto podia ser acompanhado de um jarro junto aos pés ou à cabeceira, levando jóias e armas. Os artefactos faziam parte de oferendas funerárias ou da própria indumentária dos indivíduos. No grupo dos objectos metálicos que foram encontrados nas sepulturas de Casais Velhos estão os anéis, brincos, braceletes ou pulseiras, uma fivela, uma fíbula e uma placa zoomórfica de decoração, todos de bronze.

Os exemplares de materiais metálicos visigóticos mais semelhantes aos de Casais Velhos foram encontrados nas necrópoles da Abuxarda (Encarnação, 1968, p. 20), Talaíde (Cardoso e Cardoso, 1995, p. 407- 414) e Carpio del Tajo (Ripoll, 1985, p.95-173).

Os investigadores deram conhecimento ao público do seu trabalho no I Congresso Nacional espanhol de Arqueologia, celebrado em Almería (Figueiredo; Paço, 1950, p.236-241).

Afonso do Paço e Fausto Amaral de Figueiredo interrogam-se mesmo se os elementos romanos encontrados ao pé da praia do Guincho poderiam evidenciar que esta zona

seria aproveitada como desembarcadouro tal como os restos da mesma cultura que se encontram em Moroucos, Murches, Alto do Cidreira, Bom Sucesso, Pau Gordo, Bela Vista, Goilão, Caparide e Outeiro, e que são provas de que a região teve uma certa importância naqueles tempos. Tais achados fizeram-lhes supor que a própria baía de Cascais devia servir de porto aos navios imperiais que estabeleceriam contactos entre o Mediterrâneo e os cidadãos que habitavam as cidades estabelecidas nas diferentes localidades referidas (Figueiredo; Paço, 1950, p. 311).

A hipótese de íntima ligação com o mar seria novamente colocada depois dos trabalhos de limpeza e conservação das estruturas levados a cabo por iniciativa de D. António de Castelo Branco (1971, p. 67-84).

### **2.1.2 – Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia**

Nos anos de 1968, 1970 e 1971, D. António de Castelo Branco e Octávio da Veiga Ferreira (1971, p. 67-84), devido à importância dos achados atrás mencionados, e também devido ao abandono a que estavam sendo votadas as ruínas de Casais Velhos, realizaram trabalhos de desentulhamento, reconstrução e consolidação das ruínas descobertas em 1945. Na mesma altura determinou-se que a antiga aglomeração seria fortificada (devido à presença de muralhas em redor dos edifícios), parecendo que todo o conjunto deveria ter pertencido a uma povoação industrial ainda desconhecida pelos autores.

Questionava-se ainda qual seria o real enquadramento de uma povoação de tamanhas dimensões nessa região, sendo que os autores apenas se referiram nas suas conclusões (através do estudo dos materiais e construções) que se trataria apenas de um povoado industrial lusitano-romano tardio com fortificação.

Destaque ainda para os trabalhos de recuperação realizados no edifício termal, que permitiram averiguar que seria composto por 9 compartimentos no total, situando-se a Sul do conjunto das ruínas. O conjunto dos compartimentos e da planta desse edifício fazia parte de um sistema de aquecimento para água, tendo sido identificada uma *fornax* ou fornalha, cuja abóbada era tijoleira (*lateres*). Ao lado deste conjunto, outro compartimento estava ao nível da suspensura dos compartimentos anteriores e era, no entender dos arqueólogos, uma sala de trabalho que servia os tanques semicirculares. Ainda foi possível verificar que os tanques comunicam, entre si, por meio de uma canalização de chumbo e também, por sua vez, com outro pequeno compartimento.



Todo o conjunto deste edifício foi consolidado e, em parte, reconstruído nesta primeira campanha de beneficiação.

Deve-se ainda referir a existência de entulhos nos edifícios, em especial, no edifício de aquecimento, onde foram encontrados muitos restos de conchas de *Purpura haemastoma* L., assim como, menos abundantes restos de conchas de *Mytilus edulis*, *Patella coerulea*, *Ostrea edulis*.

A Noroeste do grande edifício termal ainda subsistem os restos de um edifício que os arqueólogos consideraram um pouco estranho, constituído, em planta, por uma casa rectangular encabeçada a nascente por uma construção em abside. No bordo sul da casa abrem-se abaixo do solo, dois tanques; um rectangular e outro quase quadrado, com cantos arredondados, revestidos de *opus signium* e com moldura para se ajustar uma tampa. Este edifício também foi reconstruído e beneficiado, em planta.

Nas considerações finais dos autores defendem que o edifício, a norte das termas, com os pequenos tanques com tampa poderia servir para a tinturaria de tecidos, uma vez que parece ter existido quase anexo um tear, onde foram encontrados alguns pesos de tear, um botão, uma fivela, etc.

Em resultados desses “novos trabalhos” (Branco; Ferreira, 1971, p.67-84) por, numa lixeira, se haverem encontrado abundantes conchas de *múrex* (o molusco marinho de que se extrai a púrpura) os autores colocaram a questão se não se podia tratar de um povoado cuja função primordial seria a da preparação da púrpura, uma vez, que inclusive, se haviam identificado em compartimentos tinhas com encaixe para tampas herméticas, o que perfeitamente se adequava a esse fim, segundo os autores.

Destaque ainda para o facto do povoado ser alimentado por um aqueduto que ia buscar água a uma nascente ainda existente no marco geodésico do Selão.

Aquando as campanhas de desentulhamento, reconstrução e consolidação das ruínas de Casais Velhos realizou-se uma sondagem perto de um esteio cravado de cutelo, a poente do edifício de aquecimento, assinalando uma sepultura escavada no calcário do Cenomaniano da região, mas em vez de estar à cabeceira ou aos pés, estava a meio, no sentido do maior comprimento da sepultura (Branco; Ferreira, 1971, p.74). Os arqueólogos acharam que devia-se tratar de uma cova de um indivíduo pobre, talvez escravo, pois não continha nenhum objecto. Determinaram que necrópole de Casais Velhos estende-se desde o torreão, a nascente, até o extremo poente da fortificação; o esqueleto encontrado, reduzido à forma do corpo por esmagamento vertical, estava de costas e olhava a nascente. Segundo os autores a necrópole continha sepulturas para

ricos e para pobres, que por sua vez abrangiam os elementos que permitiram datar o conjunto das ruínas encontradas (Branco; Ferreira, 1971, p.83). Estes elementos resumiam-se a uma vasilha de barro com desenho ondulado, uma lucerna, uma lança de ferro, um pendente de bronze circular, fragmentos de botões, uma agulha de bronze, uma figura zoomórfica em bronze, um cabo de marfim de um espelho, um prato de fundo plano, uma vasilha de barro, fragmentos de bordos de vasilhas, e uma moeda envolvida por pequenos pedaços de tecido de linho grosseiro que, de acordo com os autores, conservou-se devido à circunstância de estar defendido pelos saís de cobre da moeda. Os autores reconheceram que os achados de tecidos são de uma raridade extrema.

O estudo que foi realizado sobre as moedas, encontradas na zona das ruínas, permitiram aos autores avaliar que se tratavam de numismas dos reinados dos imperadores Constâncio II, Constante, Teodósio, Constantino, Graciano, Arcádio, demonstrando assim que o local teria provavelmente tido uma ocupação mais intensa durante o Baixo Império romano. Também foram encontradas algumas moedas medievais e modernas “uma moeda de prata de D. João VI, cinco “ceitis” de D. Afonso V, e uma moeda ilegível”.

Outro elemento de datação do sítio arqueológico de Casais Velhos foi o fragmento da cerâmica de TSC com decoração estampada, e que foi datado de 350 d.C. Sendo reconhecido na altura que este tipo de cerâmica teria uma origem no Norte de África, apesar de se conhecerem apenas alguns fragmentos (Jodin e Ponsich, 1965, p. 67).

### **2.1.3 – As investigações de Guilherme Cardoso e José d’Encarnação**

As actividades realizadas por Guilherme Cardoso e José d’Encarnação iniciaram-se exactamente nos primórdios da década de 70, tendo dois principais objectivos: Guilherme Cardoso percorreu atentamente o interior do concelho de Cascais, a fim de localizar o que ainda restasse dos vestígios apontados pelos investigadores precedentes. José d’Encarnação interessou-se, de modo particular, pelos vestígios epigráficos, que estudou. A partir de então, forçados pelas circunstâncias, intervieram em determinadas áreas do concelho, nomeadamente em Talaíde, no Alto do Cidreira e em Freiria, tendo também pesquisado algo sobre Casais Velhos (Cardoso e Encarnação, 1990, p. 59-74). Cascais na época da ocupação romana foi uma região ora ocupada pelo município profusamente explorada no período romano. Os romanos implantaram no território mais

de uma dezena de *villae* e construíram alguns complexos industriais. A proximidade de *Olisipo* e do seu porto beneficiaram grandemente toda a região, possibilitando o incremento do comércio com o resto do império.

Segundo os investigadores Casais Velhos é um sítio cujas características ainda estão por definir, tendo sido alvo de intervenções pontuais. É identificado como sendo uma *villa* provida de complexo industrial de tinturaria ou curtumes. Um aqueduto, reservatório, balneário e diversos alicerces são as ruínas postas a descoberto pelas escavações arqueológicas. Possuía três locais distintos de enterramento, dois a sul e um a poente. As sepulturas eram do tipo caixa delimitadas por esteios de calcário afeiçoados, sendo algumas cantarias de antigas estruturas. Os esqueletos encontravam-se na posição de decúbito dorsal, voltados a nascente, acompanhados por jóias, armas, moedas e vasilhas.

Um dos achados mais curiosos deste sítio arqueológico foi o de uma moeda ainda envolta em tecido, datado da época romana. Estava no bolso e a oxidação do bronze impediu que o tecido se desfizesse com o tempo.

De acordo com os dois investigadores a possibilidade de se estar perante uma área de finalidades “industriais” colhe argumento favorável da existência, em exíguos compartimentos, de pequenas tinas revestidas a *opus signinum* e dotadas de um sistema de tapamento hermético. Tais características apontam para estes recipientes uma função de “cozimento” de algo sob pressão, sem perda de energia nem emissão de vapores.

O facto de se ter encontrado, numa lixeira sita em níveis romanos, uma grande quantidade de conchas de *múrex* levou a Veiga Ferreira e D. António Castelo Branco (1971, p. 83) a aventarem a hipótese de se estar perante uma *purpuretica*.

Ora, os autores pensam que a hipótese seria aliciante, e que eventualmente poderia ser confirmada com descobertas por fazer em futuros trabalhos arqueológicos no local. Acrescentam ainda que existem dois outros pequenos argumentos a favor dessa proposta, nomeadamente o facto do povoado ser sobranceiro a um vale que se abre em direcção ao mar, de facto Casais Velhos vigiava todo o areal da praia do Guincho, o que também pode ser visto como um aspecto defensivo. A pesca e a apanha de moluscos, com objectivos alimentares ou industriais, nunca deixaram de existir. O outro argumento baseia-se no facto de que a maior parte da vegetação natural da zona em que se localizam os Casais Velhos, ser constituída por carrascais. Ora segundo os autores a grã, espécie de cochonilha, ao instalar-se nas folhas do carrasco forma uma excrescência



vermelha que depois pode originar um líquido escarlate próprio para tinturaria (Cardoso e Encarnação, 1990, p. 59-74).

Também no Alto do Cidreira (Cardoso e Encarnação, 1983, p. 39-40) tinham sido vistos, nos princípios do século, tanques que, pelas descrições que deles se deixaram, se afiguram comparáveis aos dos Casais Velhos e provavelmente teriam a mesma função, segundo os autores.

Destaque ainda para a presença de cursos de água ou de mananciais abundantes: exemplo de que a água chegava da colina vizinha por meio dum aqueduto ainda hoje visível no terreno. Conhece-se o traçado desse aqueduto que abastecia o povoado. Foi identificado ainda um grande tanque (talvez um *natatio* de acordo com os investigadores, ou seja uma piscina ao ar livre), uma zona termal e um lagar.

A água vinha de uma nascente sita perto do marco geodésico do Selão. O trajecto do aqueduto já não é possível de acompanhar, mas o seu troço final ainda se conserva. Nas termas as tinas para os banhos tépidos foram, a dado momento, divididas a meio. Indício seguro, de acordo com os autores, de que a água, que se previra abundante, depois já começara a escassear.

#### **2.1.4 – Algumas reflexões sobre a Púrpura.**

Desde da primeira realização de trabalhos arqueológicos em Casais Velhos por Afonso do Paço em 1945, e a subsequente identificação de vestígios de *Múrex* no edifício de aquecimento, que se pôs em aberto a hipótese deste povoado fortificado ter sido um centro produtor de “púrpura” durante o Baixo Império Romano.

Nos estudos realizados por Guilherme Cardoso e José d’ Encarnação (1990, p. 59-74) sobre o mesmo local a hipótese defendida por Veiga Ferreira e D. António Castelo Branco (1971, p. 83) ainda parece ser aliciante, dado que existiu uma grande procura deste tipo de produto de luxo no Império Romano.

Não parece credível, no entanto, que Casais Velhos tenha sido um centro produtor da púrpura (especialmente), durante o Baixo Império Romano, visto que a informação arqueológica que é disponibilizada sobre os vestígios de conchas encontradas no local (junto ao tanques), mais especificamente sobre a espécie do *múrex*, não parece ser suficiente para se chegar à conclusão de que de facto se trataria de um complexo fabril destinado à produção da púrpura a níveis industriais.

É de salientar que a produção deste tipo de produto era muito trabalhosa, necessitando-se de cerca 1000 moluscos para se obter apenas um grama de tinta. O que justificava o seu elevado preço, e a sua exclusividade imperial (símbolo de poder). A cor púrpura é uma cor fria que em pigmento é dificilmente extraída. Por séculos, a púrpura foi obtida através de algumas espécies de molusco nativos do Mediterrâneo, o que causou a extinção de algumas delas. Pela dificuldade na sua obtenção e seu alto preço, o corante da púrpura era reservado ao tingimento de tecidos de luxo.

No entanto Guilherme Cardoso e José d' Encarnação (1990, 59-74) não excluem por completo essa hipótese, afirmando ser necessário que haja uma nova intervenção arqueológica no local para que se possa apurar melhor a validade ou não desta ideia, que segundo eles seria aliciante. Ora tendo que concordar com esta última premissa apenas no aspecto da extrema necessidade de novas intervenções arqueológicas, dado que apenas assim será possível obter mais informações acerca do local em si que possam ajudar a compreender qual seria a sua verdadeira funcionalidade e enquadramento no contexto da ocupação rural romana na região ao redor de *Olisipo*. É de salientar que qualquer outra hipótese (como a hipótese da produção da *púrpura*, por exemplo) sobre a funcionalidade e contextualização do povoado fortificado de Casais Velhos, sem que surjam mais indícios a nível arqueológico, poderá ser ainda puramente especulativa, correndo-se o risco de entrar no campo daquilo que é considerado como mito ou lenda.

### **III – METODOLOGIA – O ESTUDO DOS MATERIAIS CERÂMICOS.**

#### **3.1 – O conjunto cerâmico de Casais Velhos**

O estudo que se apresenta seguidamente é uma síntese do conhecimento artefactual recolhido nas prospecções e escavações arqueológicas realizadas em 1945, sob a direcção do capitão Afonso do Paço (Figueiredo; Paço, 1950, p. 236-241) sendo que algumas peças já foram retiradas durante os trabalhos de desentulhamento, reconstrução e consolidação das ruínas dos Casais Velhos por D. António de Castelo Branco e Octávio da Veiga Ferreira (1971, p. 67-84). É de salientar que devido ao carácter inicial destas escavações (no que diz respeito à arqueologia moderna), não foi feito nenhum registo estratigráfico dos materiais encontrados (ou pelo menos não subsistiu), logo a pouca informação que existe não é suficiente para dar uma ideia do seu contexto (à excepção dos materiais exumados nas sepulturas). Presentemente o conjunto de materiais arqueológicos de Casais Velhos encontra-se na colecção do Museu de Conde Castro de Guimarães, em Cascais. Numa primeira abordagem a este conjunto de peças

notou-se que já havia sido feito uma inventariação do mesmo. No que diz respeito ao conjunto das cerâmicas foi possível verificar que trata-se de um grupo homogéneo, quase exclusivamente composto por cerâmica comum, 44% das peças, com a excepção de alguns fragmentos de TSC africana e da lucerna 4%, ânforas 7%, optando-se por estudar exaustivamente, juntamente com os vidros e metais, este tipo de material visto ser o conjunto mais numeroso, com um total de 109 peças cerâmicas.

Foi ensaiada, da minha parte, uma tentativa de colagem de alguns fragmentos, tendo sido bem sucedido em apenas algumas colagens (como no caso do gargalo do jarro CV.613.45, e do pote CV.533.68). Foi possível fazer uma clara selecção dos fragmentos que pareciam ser mais significativos dentro de cada forma, optando por dar preferência às peças que forneciam perfis completos, embora não fossem muito abundantes neste agrupado.

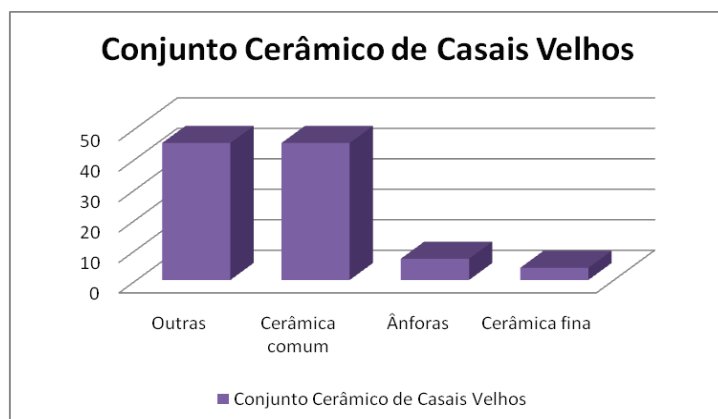
Com se observa, no gráfico 1, uma parte considerável do conjunto dos materiais cerâmicos de Casais Velhos, cerca de 44% das peças, é constituído por fragmentos de *tegulae*, pesos de tear, mós e formas indeterminadas. Ora, este conjunto não fornece informação suficiente para a elaboração de um registo mais pormenorizado, passando assim a ser objecto de um tratamento a nível da composição química das pastas e um estudo mais estatístico, também interessante para este trabalho. Qualquer leitura que se faça deste conjunto terá que ter sempre em conta as características específicas do tipo de local em que foi reunido, ou seja uma povoação fortificada de pequenas dimensões não muito distante do grande centro populacional que era *Olisipo*.

Ora, apesar de ser considerado um complexo industrial, pelos diferentes autores que já o estudaram, um povoado deste tipo dificilmente acumularia toda a diversidade artefactual da região num dado momento da antiguidade tardia.

Desta forma, este estudo baseia-se essencialmente na realidade móvel que se dispõe, que mesmo assim acaba por dar apenas uma ideia relativa do que terá sido o seu apetrechamento quotidiano, partindo para uma leitura que nos permita aproximar das condições materiais de existência desta população, com a finalidade de se chegar a uma caracterização social, económica e cultural da comunidade que ocupou este sítio.

Todas as observações tecidas em torno desta ocupação não poderão ser muito alargadas, principalmente devido às limitações que o próprio espólio demonstra. No entanto, a ligação das interpretações do acervo material juntamente com a análise da realidade arquitectónica facilitará um melhor conhecimento sobre o quotidiano das populações

que teriam habitado em Casais Velhos, fundamentando uma melhor caracterização deste tipo de instalações na região do extremo ocidente da Península Ibérica.



**Gráfico 1 – Grupos de material cerâmico de Casais Velhos**

Em relação às tipologias que serviram para a classificação dos diferentes fragmentos deste conjunto de cerâmicas, foram as propostas por J.W. Hayes (1972, p.13-465) e Michel Bonifay (2004, p. 155-489) sobre as cerâmicas de TSC.

Em relação ao conjunto de ânforas, foi consultada a tipologia na obra *Les amphores du Sado* (Mayet; Schmitt; Silva, 1996, p. 124-164).

A população romana de Cascais utilizou vários tipos de pastas para os objectos cerâmicos (Nolen, 1982, p. 93-137). A cerâmica dita “comum” era usada no dia-a-dia e era de pasta e confecção menos cuidadas, sendo também a mais encontrada nos trabalhos arqueológicos. Raramente são encontradas inteiras, à excepção dos contextos funerários onde os vasos eram colocados com finalidades rituais, mas o achamento de bordos, de bases ou de fragmentos significativos permite a reconstituição da forma e do tamanho iniciais do objecto. A cerâmica comum é, geralmente, de um fabrico regional, embora as formas e os tamanhos possam revelar características comuns a várias épocas e regiões.

No caso da lucerna de Casais Velhos foi utilizada uma classificação, devido à sua simplicidade, a de Deneauve (1969, p. 165).

### **Peças da época tardo ou pós romana**

Para os contextos arqueológicos datáveis do período tardo-romano, e especialmente quando o conjunto de cerâmica comum apresenta uma pobre qualidade de fabrico, é, por vezes, tentador assumir-se que isto deve-se a uma certa quebra demográfica verificada neste período de instabilidade no Império. No entanto, essa ideia é enganadora, visto que com o desaparecimento do comércio de cerâmica fina a produção

local de cerâmica alargou-se para uma vertente mais “comum”. A cerâmica comum, nomeadamente as cerâmicas tardias de armazenamento, foi muito comercializada neste período, apesar das quebras e grandes dificuldades que o próprio comércio marítimo sofreu nesta altura (Gutiérrez Lloret, 1998, p. 172-173).

À primeira vista, uma análise ao repertório de peças de cerâmica comum de Casais Velhos dá-nos uma ideia de um certo empobrecimento morfológico, algo constatável pelo reduzido número de variantes de bordo e dos perfis completos, assim como na perda da depuração das pastas. Ora, é importante referir que tal não se deve forçosamente a uma produção mais modesta de auto-consumo e de circulação limitada (Della Porta, Sfredda e Tassinari, 1998, p.137).

A redução de um vasto leque de formas e o aparente abandono da produção em série resultam, realmente, numa certa escassez tipológica mas, ao mesmo tempo, numa grande variedade de casos concretos. De facto, a tendência é para que cada peça seja cada vez mais singular em relação às outras, nomeadamente a nível da modulação e da cozedura.

Também é de notar, a nível das pastas, uma grande quantidade de impurezas o que poderia indiciar um certo afinamento do fabrico em si.

### **3.2 - As formas da cerâmica comum**

Em relação às formas, a classificação formal das peças de acordo com a sua função é por vezes difícil, visto que poucos são os vasos cuja funcionalidade está devidamente comprovada.

#### **Panelas**

Existem apenas dois exemplares de panelas no sítio arqueológico de Casais Velhos, CV.381 e CV.438. As panelas eram normalmente utilizadas para servir à mesa ou para cozinhar, sopas ou outras comidas com molho. Constata-se uma sobrevivência e uma duradoura utilização desta forma.

A pasta usada para o fabrico destas panelas, parece ser a mesma para os dois fragmentos, contém muitas inclusões não argilosas, de tamanho médio. Essa pasta, mal classificada, é dura e compacta e pouco esponjosa. A cor é laranja-acastanhada. Encontra-se também nesta pasta alguma mica.

## **Tigelas**

As tigelas são encontradas com pouca frequência em Casais Velhos e serviam para o consumo de alimentos.

É de notar que no conjunto de cerâmica de Casais Velhos existem apenas duas peças: CV. 611.45, com uma pasta feldspática, e CV.619.45, com pasta mais fina, semelhante à das panelas. O exemplar CV. 611.45 encontra-se em bom estado de preservação tendo sido recolhido numa das sepulturas a Oriente da necrópole de Casais Velhos durante as primeiras escavações (Figueiredo; Paço, 1950, p. 310). As tigelas, de formas abertas, usadas para o consumo alimentos, seriam também utilizadas como pratos.

## **Bilhas e Jarros**

As bilhas eram utilizadas como recipientes de transporte e conserva de líquidos; os jarros seriam utilizados para servir líquidos à mesa. Ambos estão pouco documentados entre o espólio cerâmico de Casais Velhos. Existem apenas 3 fragmentos de bojo de jarro (CV.204; CV.505, CV.566.68), um bordo com asa (CV.622.45) e um Jarro completo sem decoração (CV.627.45), em bom estado de preservação. As pastas dos jarros de Casais Velhos são caracterizadas pela presença de quartzo entre os componentes não argilosos. Encontra-se também pouco feldspato e escassos grãos polimineriais e/ou cerâmica moída. Têm uma cor cinzenta, indiciando uma cozedura redutora. Quanto às bilhas de Casais Velhos, apesar de serem em pouco número oferecem algumas informações, nomeadamente o exemplar (CV.612.45) com decoração brunida. Já os restantes fragmentos, como uma asa (CV.569.68), um bordo (CV.620.45) e um bojo (CV.570.68) fornecem alguma informação através da análise das pastas. De facto verifica-se que no caso das bilhas a generalidade tem uma pasta branda, onde o elemento não argiloso mais significativo é a cerâmica moída. Esta pasta contém muitos grãos rolados de quartzo, encontrando-se poucos grãos de feldspato e/ou mica. Costuma ter uma cor laranja amarelada. Já o caso do exemplar CV.612.45 tem uma pasta mais grosseira, com inclusões não argilosas, mal classificada, dura e esponjosa. A sua cor é laranja acastanhada ou castanha até cinzenta escura e laranja amarelada.

As bilhas e os jarros são materiais muito abundantes nas necrópoles do Alto Alentejo (Nolen, 1988, p. 74).

O estado de conservação das bilhas e jarros do sítio de Casais Velhos é razoável.

### **Potes**

É uma forma de cerâmica “comum” muito frequente em Casais Velhos. Mas restam apenas fragmentos dos bordos e bojos. Ao todo temos presentes neste conjunto 10 fragmentos de bordo (CV.529.68, CV.526.68, CV.504, CV.577.68, CV.571.68, CV.532.68, CV.533.68, CV.433, CV.442 e CV.704.68), e apenas 3 fragmentos do bojo (CV.572.68, CV.445, e CV.434). Nos potes de fabrico tardo ou pós-romano a pasta é dura, geralmente muito grosseira, indicador da cronologia tardia, também os perfis dos bordos, com ranhuras e molduras finas, e as paredes delgadas são características da produção do período de transição dos fins da época romana para os primeiros séculos medievais.

### **Taças**

Existem quatro exemplares de taças em Casais Velhos, embora uma das peças, CV.205, o exemplar mais completo, seja mais uma tacinha. Os restantes exemplares são fragmentos de bordos (CV.522, CV.528.68) e um bojo (CV.618.45). As pastas são variadas, podendo ser argilosa, ou branda. As Taças, que seriam usadas para beber, são formas bastante raras entre a cerâmica comum das estações romanas, quer sejam necrópoles, *villae*, ou cidades. Na Antiguidade Tardia as peças em *terra sigillata*, “paredes finas” e vidro foram preferidas nesta função.

### **Cântaro**

Existe apenas um bordo de Cântaro no conjunto cerâmico de Casais Velhos, trata-se da peça CV.622.45, que está quase inteira à excepção do fundo, ou seja preserva ainda o bordo e as duas asas. Tem uma pasta grosseira, com inclusões não argilosas, mal classificada, dura e esponjosa. Os Cântaros, de duas asas e considerável capacidade, eram destinados a transportar e guardar água, podendo, eventualmente, servirem para armazenar vinho, azeite ou leite.

### **Dólios**

Os dólios de Casais Velhos constituem um grupo de 12 peças, com apenas 3 fragmentos de bordo: (CV.410), (CV.587) e (CV.576.68) de bordo contracurvado; e 4 fragmentos de fundo (CV.195, CV.546.68, CV.178, CV.440.02), assim como 5 fragmentos de bojo (CV.578.68, CV.648.68, CV.164, CV.172, CV.389). O conjunto de dólios de Casais

Velhos tem um tipo de pasta feldspática, grosseira, mal ou medianamente classificada, onde feldspato é o ingrediente mais característico e abundante. Apresenta-se em grãos de tamanho variável desde o pequeno até ao grande. O quartzo é em menor quantidade, apresentando grãos sub-rolados até sub-angulosos. Encontra-se também cerâmica moída e grãos polimineralizados. É uma pasta dura, áspera, cozida a temperaturas geralmente altas, dando tons de laranja claro até o castanho-escuro alaranjado, sendo mais frequente o laranja acastanhado. Os dólios eram geralmente utilizados para guardar produtos alimentares destinados a longo prazo. Tendo em conta a cronologia tardia de algumas peças também pode-se avançar para uma possibilidade de alguns *doliae* terem servido como recipientes para vinho, nomeadamente local, o que também serviria para explicar uma certa ausência de ânforas no local.

### **3.2.1 - Conclusões sobre a cerâmica comum**

As cerâmicas comuns sofreram alterações nas formas, adquirindo assim formas funcionalmente eficientes, adequando-se perfeitamente à sua funcionalidade específica. No entanto, não se regista, durante a época romana, uma profunda evolução formal dos modelos utilizados. Por isso verifica-se que em diferentes sítios arqueológicos e em diversas épocas, as formas de cerâmica comum são semelhantes. No entanto, a sua cronologia, pode por vezes ser deduzida a partir de paralelos exteriores ou então por inferência analógica com a cerâmica fina ou os vidros. Uma interpretação possível seria a possibilidade do “não evoluir” no formato poder estar relacionado com uma certa compensação no que toca a decoração. Um vaso pode ser decorado durante a modulação, por exemplo com depressões, ou, quando já moldado com sulcos ou com molduras.

No caso de Casais Velhos a bilha CV.612.45 foi decorada durante a modulação. Esta técnica chamada de brunir, é realizada com o auxílio de um instrumento brando. Este tipo de decoração é revelador, por parte do oleiro, de uma preocupação com a harmonia do vaso.

A nível da cozedura, a falta de homogeneidade na coloração das peças é reveladora de não ter existido uma grande preocupação aquando o fabrico das mesmas, possivelmente em fornos rudimentares. As pastas mais escuras são, normalmente, resultado de uma cozedura redutora, ou seja, sem circulação de oxigénio. Já as tonalidades mais claras, ou seja cor-de-laranja, denotam uma circulação de oxigénio, cozedura um forno mais sofisticado (Gutiérrez Lloret, 1998, p.128).



É possível que uma certa incapacidade de manter as temperaturas altas e constantes em alguns fornos fizesse com que algumas produções oxidantes não fossem mesmo alaranjadas mas sim mais acastanhadas ou beges (Beltán Lloris, 1990, p.94).

Em termos do abastecimento da cerâmica comum no povoado de Casais Velhos, tal como grande parte da zona de Cascais, e de outros locais da península de Lisboa era, provavelmente feito nos fornos de ânforas que também produziam cerâmica comum para venda no mercado local.

### **3.3 - A cerâmica *sigillata* clara de Casais Velhos**

Durante as primeiras escavações realizadas em Casais Velhos, em 1945, foram encontrados apenas três fragmentos de cerâmica de TSC, que os autores consideraram como sendo da época tardo-romana, sem no entanto explicarem a razão dessa cronologia (Figueiredo; Paço, 1950, p. 309). Porém, mencionam um fragmento de cerâmica com decoração estampada (CV.615.45). Aquando os trabalhos de limpeza e consolidação das ruínas de Casais Velhos (Branco; Ferreira, 1971, p.69-83), os arqueólogos deram especial atenção a este fragmento de cerâmica com decoração estampada, visto tratar-se de uma peça que poderia ajudar a datar o sítio. Fizeram uma breve descrição do tipo de decoração, cuja ornamentação, como referem, é constituída por círculos concêntricos e palma à volta, e dataram-no de 350 d.C. Nessa altura, de acordo com os autores, este tipo de cerâmica não seria muito comum no território nacional, mas não deixam de apontar alguns paralelos em Conímbriga (Alarcão e Alarcão, 1963-1964), em Monforte, Elvas, Mértola, Lagos, Faro e Loulé (Paço e Farrajota, 1966), e em Montemor-o-Novo. Ainda mencionam que este tipo de cerâmica seria conhecido na altura com certa abundância na região do Norte de África, embora apenas por fragmentos (Jodin e Ponsich, 1965-67). Durante a análise ao material recolhido nessas escavações, confirmou-se que este pequeno fragmento ainda se encontra bem preservado no Museu de Conde de Castro Guimarães.

A importância da *sigillata* clara, ou TSC, exterioriza-se a nível de datação como documento precioso. Apesar do seu pequeno número e reduzidas dimensões, no caso do sítio de Casais Velhos os fragmentos de cerâmica de TSC constituem um elemento significativo no conjunto dos materiais encontrados durante as intervenções arqueológicas realizadas em 1945 e 1968. Juntamente com o conjunto de moedas, os objectos metálicos, os vidros, e alguma cerâmica comum, as cerâmicas de terra *sigillata* permitem determinar uma datação mais precisa da ocupação romana neste local.

Na tentativa de se perceber um pouco melhor a natureza do comércio dos fabricos de TSC norte africana na Península Ibérica, depara-se com uma certa carência de dados sobre este assunto. Contudo, denota-se que o início das importações da TSC na Península Ibérica, poderia estar relacionado com a quebra das produções hispânicas, já o seu fim estará associado à presença dos fabricos, nesta região, com origem no Mediterrâneo Oriental (Garcia Moreno, 1972, p. 127-154).

A produção e a exportação da cerâmica TSC são um exemplo do próprio desenvolvimento económico que a região do norte de África conseguiu atingir a partir do século II d.C., onde verificou-se um acréscimo da exportação de cerâmicas de cozinha e as lucernas, mas não só. Também exportaram-se de produtos alimentares como o azeite e o *garum*. Todos estes produtos chegaram a ter em comum a mesma rota e os mesmos mercados.

A partir de meados do século III d.C. verifica-se um aumento da sua importação para o actual território português, sendo de assinalar uma forte presença das formas Hayes 45 e 50, à semelhança do que acontecia noutros sítios no Mediterrâneo.

Falando especificamente do material cerâmico de TSC encontrado em Casais Velhos, nomeadamente todo ele atribuível ao fabrico D, deve-se referir que esta série foi a última a ser produzida no Norte de África, marcando presença, no ocidente peninsular, entre meados do século IV d.C. e meados do século V d.C. Ora, tem sido precisamente este tipo de TSC que tem auxiliado uma melhor datação das fases de abandono de algumas unidades industriais de preparados piscícolas e de ânforas no estuário do Tejo e do Sado, assim como da ocupação e abandono de muitas *villae* no actual território português.

Já em relação ao final das importações da TSC provenientes do Norte de África, no actual território português, a questão não é tão clara. Alguns investigadores apontam para uma série de factores internos, derivados da presença visigoda, e outros problemas relacionados com a própria produção (Nieto Prieto, 1984), devido à diminuição que se verificou nesse período.

### **3.3.1 – Análise ao conjunto de TSC**

Ao analisar a peça CV.615.45 deparou-se com algumas dificuldades a nível de identificação objectiva da sua tipologia. À primeira vista não é fácil decidir se este pequeno fragmento poderia ser incluído dentro dos limites da cerâmica TSC africana, ou se deveria ser considerado como uma imitação ou uma variante local, tendo em conta

que existem diversas variedades da TSC. No entanto, através da análise de certos elementos indicativos, e próprios da TSC, tais como a decoração estampada, que é identificada na peça, assim como as características da sua pasta, o seu engobe, e a sua espessura, dá para ter uma ideia mais crível da sua tipologia.

Já inserido neste presente estudo, o fragmento de cerâmica estampada (CV.615.45) foi identificado como correspondendo, provavelmente, à Forma Hayes 61 da cerâmica de TSC (Hayes, 1972, p. 100). Trata-se de um prato de fundo plano com um bordo vertical ligeiramente curvado, alisado na superfície exterior para dar um perfil mais ou menos triangular à peça. O bordo é geralmente largo, apesar de este facto não poder ser comprovado nesta dada peça pela ausência visto tratar-se apenas de um fragmento do fundo. Apesar disso, um dos elementos identificáveis no caso desta peça de TSC de Casais Velhos é a decoração. As peças da Forma Hayes 61 ostentam uma decoração estampada no fundo, do estilo A, e o fundo apresenta alguns sulcos. Foi possível determinar que o fragmento CV.615.45 ostenta uma decoração do tipo 37W, composta por quatro círculos adornados com franjas e que corresponde ao estilo A(iii) e costuma ser usada individualmente, numa faixa redonda no fundo.

Esta forma sofreu várias alterações ao longo dos séculos. O desenvolvimento da forma é facilmente traçado nas etapas iniciais, mas torna-se menos claro nas etapas posteriores. Porém, o autor menciona que o estilo decorativo típico da forma Hayes 61B (e 61C) é o A(iii), o mesmo estilo que pode ser identificado na peça CV.615. O seu “floruit” parece ser de finais do século IV d.C. e do início do século V d.C. Hayes propõe inicialmente uma cronologia para esta forma (Hayes, 1980, p. 516): c. 380 d.C.

Ora, segundo Bonifay (2004, p.155), a tipologia de Hayes continua ainda operante no que diz respeito ao essencial das formas encontradas.

A forma Hayes 61 é uma das formas de TSC onde a evolução e a datação permanecem mais controversas. Atribui-se a produção da forma Hayes 61A aos centros oleiros do vale de Mejerda (Mackensen, 1993, p.321), já no caso da forma Hayes 61B a sua produção é atribuída ao centro oleiro de Sidi Khalifa (Mackensen, 1993, pp.32-33).

Inicialmente datada por volta de 400-420 d.C. por Hayes (1972, p. 106), a forma 61B foi recuada para fins do século IV d.C. pelo mesmo autor (Hayes 1980, p. 515).

A pasta desta peça (CV.615.45) é caracterizada por ser coesa, com uma certa aparência granular. Tem uma cor laranja-vermelhada. A impureza mais comum nesta pasta é o calcário, frequentemente presente em partículas pequenas, com torrões maiores ocasionais. Adicionalmente, são visíveis partículas finas de quartzo, brancas ou

acastanhadas, juntamente com partículas negras ocasionais; estas parecem preencher grande parte da textura granular da cerâmica. São observadas algumas manchas de mica prateada, embora estas nunca estejam presentes em grandes quantidades.

Quanto ao fragmento de bordo CV.616.45, de cerâmica TSC parece corresponder à Forma Hayes 50 da cerâmica *sigillata* clara (Hayes, 1972, p. 69). A espessura da parede é de 4mm e a espessura do bordo de 3mm. Ora, esta forma trata-se de um prato largo, com um fundo largo e liso e uma parede alta em linha recta elevando-se até ao ângulo num bordo plano, um pequeno pé biselado por baixo do limite do fundo. Não ostenta qualquer decoração. Tem uma parede fina (3mm); é de um fabrico fino com um engobe liso. Parece ser uma versão mais fina da Forma Hayes 31. Hayes faz a distinção de dois tipos de fabrico nesta (1972, p. 69); no tipo A – a cerâmica tem uma parede íngreme e um fundo largo e é de fabrico fino; no tipo B – a cerâmica tem uma parede mais brilhante e uma base proporcionalmente menor e o fabrico é menos fino. O tamanho varia entre os 20-40cm de diâmetro. São peças muito comuns, de utilização à mesa. Ora como existem poucos elementos que podem ser utilizados para fazer uma análise comparativa do fragmento CV.616.45, como o bordo, o engobe e a pasta, torna-se muito difícil precisar se a forma correcta desta peça seria de facto esta. Portanto, a atribuição deste fragmento a esta forma é apenas uma hipótese, baseada fundamentalmente na espessura do bordo, no tratamento da superfície, e nas características da pasta. O fragmento de Casais Velhos é muito reduzido para que se possa fazer a correcta distinção entre os dois tipos da forma Hayes 50. No entanto, deve-se fazer uma referência aos possíveis paralelos desta peça: do tipo A são conhecidos alguns exemplares na Agora de Atenas (P. 9891, 18423, 21650, 21652), em Olímpia (Walter, 1953-55); em Sidi el-Hani (CA 2821); em Sidi Ferruch na Argélia (Faider-Feytmans, 1952); em La Alcudia em Elche (Ramos, 1963); em Ta' Gawhar em Malta (Museum Report, 1960) e também na Villae Romana em Rabat, e em Zejtun; em Rodes na Grécia (Technau, 1929); em Khisfine (Damasco, 1951); em Beit Nattif (Jerusalém); nas escavações em Tarso, na Turquia (Jones, 1950); em Ventimiglia (Lamboglia, 1963); destaque ainda para um exemplar da região de Elvas, no Alentejo (Delgado, 1968, p. 59). Do Tipo B existem alguns exemplares da Agora de Atenas; em La Skhira (na Tunísia); em Corinto e na Olímpia, na Grécia (Hayes, 1972, p.71).

O barro utilizado no fabrico da pasta é puro, duro e limpo e frequentemente quebradiço; as superfícies alisadas estão cobertas com um engobe fino. Este é engobe é brilhante nas

peças mais antigas, mas na maior parte dos casos não é lustroso. O engobe é aplicado de forma a ficar mais espesso. A série principal apresenta um bordo redondo e sem o bisel das peças anteriores. A forma Hayes 50 é uma forma comum, datada nos grupos de meados do século III d.C. e inícios do século IV d.C (Hayes, 1972, p. 73).

Não foi possível determinar a forma do fragmento CV.617.45 visto tratar-se de um pequeno bojo de cerâmica TSC. A espessura da parede da peça é de 4mm. É de fabrico fino, e o barro utilizado no fabrico da pasta é aprimorado; a superfície está coberta por um engobe fino.

### **3.3.2 – Aspectos a reter sobre a TSC**

Ora, tendo em conta que se trata de um pequeno conjunto fragmentos de TSC, foi necessário obter o maior número de informações possível, nomeadamente a nível da decoração estampada e fabrico, devido ao facto destes materiais poderem ajudar a compreender a cronologia da ocupação romana do aglomerado de Casais Velhos. O fragmento de prato (ou taça) CV.615.45 correspondente à forma Hayes 61, com decoração estampada datável de finais do século IV, mais precisamente 380 d.C. (Hayes. 1980, p. 516). A outra peça que pode ser comparada tipologicamente é o fragmento de prato CV.616.45, atribuído à forma Hayes 50, e datado de meados do século III d.C. e inícios do século IV d.C.

A cerâmica de TSC foi a cerâmica dominante na região ao longo do período tardo romano. Ora, isso explica-se devido ao facto de o mar proporcionar uma rota barata de transporte destas cerâmicas em grandes quantidades, causando que fossem mais competitivas em todos os mercados. Na Península Ibérica a cerâmica de TSC começa por ser mais comum na costa mediterrânica, podendo-se falar mesmo da cerâmica dominante da região a partir dos inícios do século II d.C. Com o declínio dos produtos locais hispânicos as cerâmicas TSC e a *sigillata grisé* passaram a ser mais comuns aparecendo em locais mais a Oeste, principalmente as cerâmicas estampadas do estilo A; também sendo comuns nas regiões mais a nordeste. No caso de Casais Velhos o fragmento de prato da forma Hayes remete a presença da TSC neste povoado desde meados do século III d.C.

Já em meados do século V d.C. verifica-se novamente um declínio das importações na região ocidental peninsular e, por outro lado, uma maior concentração desta cerâmica na zona ao longo da costa mediterrânica (Hayes, 1972, p. 425).

A função das TSC seria principalmente de baixela (pratos e taças), com alguns casos particulares (frequentemente usados na cozinha).

A sua ampla circulação é exemplificadora de que estas cerâmicas eram capazes de competir com sucesso com as produções locais.

### **3.4 – As ÂNFORAS**

Nos trabalhos realizados anteriormente sobre a ocupação romana de Casais Velhos foi mencionada a ocorrência de alguns fragmentos de ânforas, nomeadamente na descrição do material proveniente das primeiras escavações arqueológicas (Figueiredo; Paço, 1945, p. 236-241), e também no material proveniente das campanhas de limpeza (Branco; Ferreira, 1971, p.74). A sua importância reside fundamentalmente no facto de se poder determinar a sua proveniência através da análise combinada da forma e da argila com que foram produzidas. A forma é particularmente importante visto corresponder a uma padronização, de fabrico em massa, e pelo acondicionamento no interior das embarcações.

O conhecimento que hoje se tem sobre a cronologia dos vários tipos e fabricos de ânforas permite-nos uma melhor análise dos fenómenos de intercâmbio entre as regiões do Império.

Na abordagem destes materiais no conjunto de peças cerâmicas guardados no museu Conde Castro de Guimarães foi possível verificar a existência de sete fragmentos de ânfora, no total. Trata-se de um conjunto pouco numeroso e pouco diversificado de dados, onde a maioria das peças encontram-se em mal estado de conservação, ou seja, muito fragmentadas. A totalidade dos materiais é constituída por fragmentos de bocais, asas e fundos de ânforas. Ora, com tal escassez de informação tem que se encarar esta análise numa óptica qualitativa.

A metodologia adoptada reflecte o quadro de problemáticas que procura-se resolver ao longo deste estudo. Porém, alguns dos critérios adoptados resultam das limitações inerentes a um trabalho desta natureza, ou seja, separaram-se todos os fragmentos de ânforas provenientes dos trabalhos arqueológicos realizados em Casais Velhos, tendo-se de seguida procedido à sua marcação e colagem (sempre que possível), em muitos casos as peças já se encontravam marcadas. Seguiu-se então a análise macroscópica das pastas com o objectivo de poder definir os grupos de fabrico que eventualmente auxiliassem na determinação dos tipos de ânfora presentes, bem como a sua origem. Nesta análise teve-se em conta a cor da pasta, o seu grau de dureza, a natureza dos elementos não plásticos

e a cor e o tratamento das superfícies. Isto foi feito com o objectivo de prosseguir com a caracterização química e mineralógica dos grupos, para uma melhor compreensão das técnicas de fabrico e áreas de proveniência. Como se verifica neste estudo, encontram-se algumas limitações de ordem prática, como por exemplo a total ausência de informação estratigráfica nos trabalhos publicados sobre as escavações, que dificultam o nosso conhecimento sobre as proveniências exactas das peças.

Procedeu-se à realização do desenho das peças à escala 1/1, para que todos os elementos que possibilitassem uma reconstituição fossem registados, de forma a obter uma melhor classificação tipológica. Seguindo também as tipologias mais utilizadas pela generalidade dos investigadores, reabilitando assim, para as ânforas do mundo romano, as “designações tradicionais” e utilizando referências como por exemplo “Les amphores du Sado” (Mayet; Schmitt; Silva, 1996, p. 124-164); e também “As ânforas lusitanas. Tipologia, produção, comércio” (Alarcão; Mayet, 1990); “ O quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano” (Diogo, 1991, p. 179-191); “Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado” (Filipe; Raposo, 1996, p.180-183).

Ao analisar o conjunto de 7 fragmentos de ânforas de Casais Velhos verifica-se que apenas as ânforas lusitanas do tipo Dressel 14 estão em maioria, com 5 fragmentos correspondentes, as peças CV.500, CV.568, CV.621.45, CV.575 e CV.242 parecem todas pertencer à classe Dressel 14. O fragmento de fundo CV.580 é a única que aparente ter uma tipologia Almagro 51C; já a peça CV.198 parece ser uma produção da Bética, nomeadamente uma Beltrán 2B. É de notar que o mau estado de algumas peças dificultou a identificação das mesmas de acordo com as tipologias, tendo-se recorrido fundamentalmente à análise das pastas.

### **3.4.1 – Análise ao conjunto de ânforas**

No conjunto de ânforas de Casais Velhos, as Dressel 14 predominam, com um total de 5 exemplares (CV.500, CV.568, CV.621, CV.242, CV.575).

O conjunto de ânforas Dressel 14 é caracterizado por dois fragmentos de bordo espesso (CV.500 e CV.575) e um fragmento de asa oval (CV.568). Existe também um fragmento do pescoço (CV.242) que é alto e cilíndrico, e ainda um fundo longo e côncavo (CV.621).

O tipo de bordo das ânforas Dressel 14 é redondo, com um lábio simples e arredondado. O ombro também é redondo, demarcado e servindo de suporte para as asas, mas sem reentrância. As asas (no perfil) são verticais alongadas, aparecendo nas ânforas de



pescoço alto fixadas junto ao topo do pescoço e progredindo na vertical até ao ombro. Na secção as asas têm uma aparência ovóide/elíptica. As ânforas do tipo Dressel 14 têm um pescoço largo e um corpo cilíndrico, apresentando pouca curvatura. Já em relação ao fundo, as ânforas Dressel 14 têm a base e o pé alongados e côncavos.

Em dimensões as ânforas Dressel 14 apresentam uma altura que varia dos 90cm a um 1,10m, e uma largura que vai dos 27-33cm. Já o diâmetro do bordo costuma ser 16-22cm.

Sob esta classificação geral de Dressel 14 encontram-se geralmente agrupadas várias ânforas com características comuns. Presentemente, na *Lusitania*, nos principais centros de produção identificados nos fornos do vale do Sado, pode-se identificar uma produção mais antiga com um bordo diferente no colarinho, datada do reinado de Cláudio.

As formas de corpo canónico e as que têm um gargalo estreito e corpo piriforme, com o maior diâmetro na parte inferior, parecem datar de meados do século I d.C. até finais do século II d.C. Finalmente, uma produção tardia que em termos de dimensões é muito menor, data de finais do século II a inícios do século III d.C. (Mayet e Silva, 1998; 2002; Fabião, 2004).

No actual território português foram identificados fornos nos vales do Tejo e do Sado, e uma variante próxima de Castro Marim; já no Sul de Espanha foi identificada uma fornalha na zona de Calahonda (Beltrán Lloris, 1970).

As ânforas Dressel 14 eram distribuídas essencialmente nas províncias do Ocidente do Império Romano; mais particularmente em Portugal, Espanha, França e Itália, no entanto algumas eram exportadas também para o Norte de África (Riley, 1979) e para a Bretanha (Carreras Monfort, 2000).

Em termos de conteúdo as ânforas Dressel 14 tinham uma capacidade média que variava dos 30-35 litros e continha produtos feitos à base de peixe (Beltrán, 1970).

Características do fabrico: A ânfora Dressel 14 possui um fabrico duro, grosseiro e arenoso com inclusões de calcário e xisto. A sua cor é amarela clara (7.5YR 7/4 a 6/4).

A nível da petrologia, os exemplares de ânforas Dressel 14 encontrados as fornaldas de Porto dos Cacos, correspondentes à maioria dos exemplares de Casais Velhos, apresentam um fabrico grosseiro contendo frequentemente grãos de quartzo, longas fibras de mica e uma dispersão de discretos grãos de feldspato (plagioclásio, microclínio e potassa). Os materiais provenientes dos fornos na Manta Rota apresentam uma



variedade de grãos de quartzo do tamanho de um limo com uma dispersão de grãos maiores de quartzo e um pouco de calcário.

**3.4.1.2** - Fragmento de ânfora CV.580 é do tipo Almagro 51C. Trata-se de um fundo caracteristicamente aguçado deste tipo de ânfora tendo uma forma de estaca.

Este tipo de ânfora também foi classificada como Lusitana 4 (Diogo, 1991).

As ânforas do tipo Almagro 51C são datáveis do século III d.C., até, possivelmente, meados do século V d.C. (Keay, 1984).

As ânforas do tipo Almagro 51C parecem ter uma origem no actual território português, mais precisamente nos vales do Tejo e do Sado, assim como na região do Algarve.

Eram distribuídas em vários locais na Lusitânia, e na Bética, onde também é conhecida a sua produção local.

Este tipo de ânfora, com uma capacidade média de 25-30 litros, continha muito provavelmente *garum*, devido ao facto de a ânfora ser fabricada nos fornos situados nas proximidades de fábricas de produtos derivados de peixe (Fabião e Carvalho, 1990; Étienne, 1990).

Os exemplares conhecidos têm um fabrico duro, com uma areia grosseira, de uma cor castanha-clara avermelhada (2.5YR 6/4). A nível da petrologia os exemplares de Almagro 50, 51C exibem grãos frequentes de quartzo, grãos de mica muscovita, algum feldspato de potássio, calcário, fósseis e rocha metamórfica (Peacock e Williams, 1986: Classe 23).

**3.4.1.3** – O fragmento de ânfora CV.198 parece ser do tipo Beltrán 2B. Trata-se de um fragmento onde o tipo de bordo é triangular e espessado, a que corresponde uma asa de rolo com arranque no lábio.

Em termos de dimensões pode chegar dos cerca de 90cm a 105cm de altura.

O exemplar CV.198 tem uma pasta muito fina e branda, de tonalidades bege-amarelas e rosadas, com pequenos quartzos, calcites e minúsculas micas.

Trata-se de um contentor de produtos piscícolas, tradicionalmente datado de meados do século I d.C. e século II d.C.

A produção da ânfora do tipo Beltrán 2B é atribuída a vários locais ao longo da costa mediterrânica de Espanha (Peacock, 1974)

Este tipo de ânfora teve uma grande distribuição por todo o Império de Ocidente (Beltrán Lloris, 1970)

### **3.4.2 – Aspectos conclusivos sobre as ânforas de Casais Velhos**

Como foi possível verificar, grande parte das ânforas que fazem parte deste conjunto, encontrado nas escavações arqueológicas em Casais Velhos, têm características semelhantes: são produções locais, provenientes dos fornos do vale do Tejo e do Sado.

A excepção reside no fragmento CV.198, Beltrán 2B, que é uma produção da Bética. Mas que não deixa de ser um tipo de ânfora era muito comum na Lusitânia.

No caso da Lusitânia, é de referir que todas as olarias do Vale do Sado, por exemplo, constituem um conjunto homogéneo do ponto de vista da composição petrográfica.

No Vale do Tejo é impossível de separar as produções da oficina da Quinta do Rouxinol daquelas da oficina do Porto dos Cacos segundo os critérios petrográficos. Quando se compara a composição petrográfica das pastas destas olarias com a das pastas do Sado, é impossível fazer uma distinção válida. A natureza dos grãos é a mesma. Esta dificuldade é explicada pelo facto do contexto geológico, o enchimento das bacias do baixo-Tejo e do Sado é idêntica.

Ao deparar-nos com a dificuldade causada pelas limitações do próprio conjunto de ânforas de Casais Velhos, resta tirar algumas conclusões quanto à datação que é feita para estas peças, sendo que a maioria, cinco fragmentos de Dressel 14, é datável do século II d.C. até ao século III d.C. Também o exemplar de Beltrán 2B (CV.198) remete-nos para uma datação do século I e II d.C., revelando uma ocupação do povoado de Casais Velhos ainda no Alto Império. Já no caso do fragmento de ânfora Almagro 51C (CV.580) a datação é mais tardia, do século III d.C. até ao século V d.C.

Ora, com estes dados é possível datar a ocupação de Casais Velhos para datas muito mais recuadas do que inicialmente se estipulava, remetendo-a para finais do século I d.C. e inícios do século II d.C.

### **3.5. - A LUCERNA**

A lucerna de Casais Velhos (CV.645.45) faz parte do conjunto de materiais retirados das sepulturas do cemitério, viradas a Oriente, durante as primeiras escavações (Figueiredo; Paço, 1945, p. 236-241). Os autores, ao publicarem o resultado dessas escavações, mencionam-na apenas no contexto dos artefactos encontrados numa das

sepulturas orientais que continha (para além de quatro crânios humanos), uma bilha, e duas lanças de ferro. Para além desta referência os autores não consagraram mais cuidado a uma análise da única lucerna encontrada no cemitério de Casais Velhos. Na publicação das campanhas de limpeza e consolidação das ruínas de Casais Velhos (Branco; Ferreira, 1971, p. 67-84) não foram encontrados mais exemplares de lucernas. Para além da exposição dos artefactos encontrados no cemitério (entre eles a lucerna) durante as primeiras escavações, de 1945, os autores realizaram apenas um registo fotográfico da lucerna, demonstrando o seu estado de conservação na altura (parte do bico estava fragmentado e a asa estava praticamente destruída). Apontaram uma cronologia para esta peça entre os séculos III-IV d.C. Sabe-se, ao analisar esta peça pertencente ao conjunto de cerâmica de Casais Velhos guardado no Museu Conde de Castro Guimarães, em Cascais, que a uma determinada altura foi realizado um trabalho de restauro (por um arqueólogo do museu). A lucerna ficou mais completa, preservando-se o aspecto original.

Realizou-se uma tentativa de associação de vários elementos das lucernas para poder identificar esta peça tipologicamente: a forma do bocal, o fundo e a asa, as dimensões e por exemplo, a ausência de decoração.

### **3.5.1 - Lucernas africanas de tradição itálica**

Apesar da dificuldade inerente em comparar com exactidão as lucernas africanas, devido à grande difusão das oficinas, à multiplicação das imitações locais e à moldagem sucessiva dos mesmos tipos por longos períodos de tempo, foi possível estabelecer alguns paralelos com peças semelhantes, nomeadamente com as lucernas africanas de tradição itálica do Tipo Deneauve VII, lucernas de “bico redondo”. Estas lucernas, diversificadas, que têm em comum o bico redondo ligado à base plana (ou directamente ao disco) foram reagrupadas sob o grupo “Deneauve VII”. Têm a borda inclinada para o exterior, normalmente lisa.

No caso do tipo VII A – Lucernas de bico redondo limitadas por um sulco direito, o rebordo corresponde geralmente ao perfil 10. É raramente decorado. Encontra-se normalmente um pequeno orifício no disco ou sobre os sulcos que o contornam. Têm normalmente uma asa. Este tipo de lucerna surge na segunda metade do século I d.C., e está bem representada em Pompeia e a Vindonissa (na Suíça). Ela perdura ao longo do século seguinte. Ora, de acordo com a sua cronologia, a lucerna de Casais Velhos afigura-se também como outro elemento (para além das ânforas e de algumas moedas)

que remete a datação da ocupação do povoado de Casais Velhos para finais do século I d.C. e inícios do século II d.C., apesar de ter sido encontrado num contexto funerário bem mais tardio, já durante a ocupação visigoda.

## **IV – O CONJUNTO DE VIDROS E METAIS DE CASAIS VELHOS**

### **4.1.1 – O conjunto de vidros**

Trata-se de um conjunto com 10 peças de vidro inventariadas, com um total de 52 fragmentos enquadráveis em época romana. O seu levantamento passou por um preenchimento de fichas individuais e pelo registo gráfico (desenho na escala de 1:2) selectivo das peças, consoante o seu estado de preservação. Foram registados os exemplares (todos fracturados) que podiam fornecer mais informações, segundo as regras do desenho arqueológico. Quanto aos exemplares de pequenas dimensões ou em muito mau estado de preservação não foi realizado qualquer registo gráfico.

Em termos de funcionalidades os exemplares de Casais Velhos cobrem essencialmente o serviço de mesa, como servidores de líquidos, mas também tem-se em conta outras funcionalidades, tais como a iluminação, os hábitos de higiene diária e mesmo uma aplicação arquitectónica.

Apesar de não existir qualquer referência sobre este tipo de materiais arqueológicos nos trabalhos já realizados sobre o povoado de Casais Velhos (não havendo uma informação sobre o seu contexto), procuraram-se alguns paralelos possíveis para que se pudessem confrontar datações e ter, desse modo, uma maior segurança relativamente ao intervalo cronológico em presença. Procedeu-se assim a uma seriação morfológica e funcional de acordo com a forma, iniciando pelas peças abertas (copos) finalizando com as peças fechadas (garrafas). Ou seja apresenta-se um catálogo organizado na perspectiva da forma e não da escavação, visto que esta não forneceu informações a nível das Unidades Estratigráficas. Procurou-se também confirmar a utilização que seria dada aos recipientes.

Constatou-se que no grupo de peças de vidro de Casais Velhos não havia peças com decoração, e ao realizar a análise de alguns fragmentos foi possível perceber grande parte das peças encontram-se em mau estado de conservação e muito fragmentadas. É importante referir que o contexto do qual os fragmentos estudados foram recolhidos é temporalmente inconclusivo, não havendo nenhuma informação sobre quaisquer níveis arqueológicos. Deste modo, os fragmentos apenas podem ser datados por comparação

com peças de morfologia idêntica com cronologias bem fixadas. Há que mencionar também o elevado número de peças (6) cuja forma não é possível conhecer com segurança devido à reduzida dimensão dos fragmentos, com um total de 49 fragmentos inclassificáveis. Também a cor e a qualidade da *paraison* foram elementos importantes para a definição da cronologia. Teve-se em conta o estado de conservação e a qualidade das peças: a transparência e a ocorrência de bolhas de ar, estrias, impurezas e irisão.

Procurou-se descrever os fragmentos em estudo com o pormenor adequado ao preenchimento dos dados referentes a esses elementos.

Tentou-se distinguir o método de fabrico: soflagem livre, moldagem, ou associação de ambas, pormenorizando sempre que possível a intervenção dos utensílios próprios do vidreiro.

As descrições do catálogo obedecem às seguintes rubricas: número da peça no presente trabalho; número de inventário dentro da totalidade dos materiais de Casais Velhos descrição do fragmento (morfologia, número de fragmentos com ou sem colagem, modo de elaboração da peça, tipo de fabrico, estado de conservação); dimensões do fragmento (altura conservada, espessura, diâmetro); identificação da forma e tipo.

Ao ser feita a inventariação agruparam-se os fragmentos mais numerosos e em pior estado no mesmo número, ou seja no caso do material numerado com CV.772 existem ao todo 25 fragmentos, mas apenas um (copo) foi identificado. De facto, de todo este conjunto foi feito o registo gráfico de apenas 7 peças, visto a grande maioria estar demasiado fragmentada para se poder recolher mais informações sobre os materiais de vidro de Casais Velhos.

Os Fragmentos CV.646.45 e CV.671.68 parecem corresponder à forma 50 de Isings Garrafa quadrada. No entanto, torna-se difícil confirmar essa ideia devido ao facto das peças encontrarem-se fragmentadas. Existem dois métodos de fabrico para este tipo de material: soflagem livre e moldagem. Este tipo de garrafa é conhecida em achados do século III d.C., apesar de poucos exemplares serem datáveis: Nijmegen, cemitério KL (Nijmegen, Kan Museum, nr.307 KL) do século II e III d.C; Colónia (B.J. 114/5, gr.50e, p. 417) datado de 250 d.C; Karanis (Harden Kar., p. 239 f.;p. 249 f.; nº. 749-756 e nº 757-760), de vários períodos. A pequena garrafa quadrada também surge nos grupos do século IV d.C., apesar de ser mais rara neste período. Quanto às garrafas quadradas largas, surgem um pouco depois das pequenas, sendo a primeira datada do período Flaviano. Alguns elementos são iguais aos da garrafa pequena, tais como a asa, o bordo e a base.

No caso do fragmento CV.772 – Base em anel de copo hemisférico – Grande parte destes copos têm um bordo inacabado. Surgem no século III d.C. mas são mais típicos do século IV d.C. Existem os tipos simples, com decoração de bolhas, decoração ondulada, etc. O vidro tem uma cor esverdeada. A) Copo simples: existem exemplares conhecidos de Mayen (Haberey, 1942, p.225) de várias sepulturas, todos com bordos inacabados. São datáveis dos finais do século IV d.C. Também em Furfooz existem dois copos provenientes de sepulturas dos finais do século IV d.C. (Nenquin, p. 45); Em Spontin existe um copo simples de um cemitério dos finais do século IV d.C. e inícios do século V d.C. (Museu de Namur); De Samson existem dois espécimes de um cemitério dos finais do século IV a VI d.C., um deles com um bordo redondo, o outro com o bordo inacabado, datáveis da segunda metade do século V d.C. (Museu de Namur; Dasnoy, A.S.A.N. 1955, p. 14 f.); De Eprave, na Bélgica, foi descoberto um copo proveniente de cemitério do século IV/VII d.C. De Steinfort (Museu do Luxemburgo), foram encontrados dois exemplares de um cemitério da segunda metade do século IV e início do século V d.C.

Em relação ao exemplar CV.670 – Pé com esfera de um cálice – parece ter paralelos com alguns exemplares encontrados em Astorga (*Asturica Augusta*), na actual província de Leão, Espanha (Cruz, 2009, v. III, p.81), mais precisamente as formas AstLC8.02 ou AstLC8.03 que Mário Cruz expõe no seu trabalho sobre o Vidro romano no Noroeste Peninsular (Cruz, 2009, v. III), que correspondem a dois cálices com asas e pé com esfera, de cronologia incerta, provavelmente da segunda metade do século I – séc. II.

#### **4.1.2 - Fabrico e cronologia**

Grande parte dos recipientes em vidro aparenta ter tido uma multifuncionalidade. No entanto vai-se focar principalmente nas formas abertas e fechadas de serviço de mesa, que são as categorias mais numerosas e mais diversificadas.

É de notar que o vidro, para além de ser um material atractivo a nível das suas cores e transparência, possui ainda grande plasticidade e versatilidade, e é quimicamente inerte, não reagindo quando em contacto com produtos orgânicos, como por exemplo alimentos, bebidas, perfumes, etc. (Cruz, 2009, Vol. I, p. 135).

Ao contrário da cerâmica, que pode ser datada pelas formas dos bordos, os vasos de vidro têm apenas ligeiras variações no fabrico dos bordos e bases, devido às limitações inerentes a este tipo de material (Isings, 1957, p.163). Outro factor envolvente na

cronologia é a prevalência de mercadorias vulgares para o dia-a-dia no ambiente caseiro, que não mudou de forma ou tipo durante um longo período de tempo. Vidros de luxo, em contrapartida, demonstram uma maior diversidade e foram mais influenciados por outras artes do mesmo período cronológico. Deve-se salientar, no entanto, que ao datar este tipo de materiais, estas peças valiosas eram por vezes guardadas como relíquias de família, e apesar de estarem presentes em achados mais tardios, os materiais de vidro de luxo podem ser portanto de uma data bem anterior à do seu contexto.

O período áureo do vidro abrangeu os finais do século I a.C. até finais do século I d.C. Durante este período o vidro destacou-se pela sua perfeição, diversidade e pela particularidade das suas produções. Tornou-se mais acessível com a tecnologia do vidro soprado e com uma grande difusão da produção por todo o Império. É também nesta altura que se encontram os primeiros recipientes de vidro corrente produzidos localmente (Cruz, 2009, vol. I, p.138).

Já durante os séculos II d.C. e III d.C. a maioria dos vasos de serviço de mesa em vidro são incolores, algo marcante nas produções desta época.

Nota-se um domínio da louça moldada incolor que se estende até finais do século III d.C., principalmente ao nível das formas amplas para serviço de alimentos, como taças e pratos por exemplo (Cruz, 2009, vol. I, p.140). Quanto às formas para servir líquidos, nota-se uma grande ausência dos jarros para o serviço de vinho e outros líquidos, por outro lado as garrafas quadrangulares são abundantes. Aliás este tipo de recipiente é marcante durante este período, sendo a maioria de produção local e tendo uma circulação limitada. Apresentam ainda tons verde azulados. Mas também se encontram, neste período, alguns exemplares de louça moldada incolor e algumas taças cilíndricas.

Os principais centros de fabrico de vidro espalharam-se pelo norte do continente europeu, surgindo na Gália Belga e na zona do Reno. No entanto, pouco se sabe sobre a indústria do vidro na Península Ibérica, a não ser algumas produções identificáveis no Noroeste peninsular. Em contrapartida as províncias a norte do Império pareciam ter mais actividade (Isings, 1957, p.164). Os vidros mais trabalhados e com melhor qualidade que foram fabricados nessas províncias podem ser datados do início do século III d.C. durante a dinastia dos Severos, prolongando-se até mais tarde. Durante esse período o fabrico de vidro entrou num universo bastante artístico. A partir de meados do século III d.C., as agitações políticas, e o grande número de conflitos dentro do Império Romano, ou seja, toda a instabilidade que se viveu na época começou a influenciar as artes, deixando as suas marcas e provocando um declínio na qualidade e na decoração



dos vidros. As invasões por parte dos povos germânicos foram responsáveis pela destruição de grande parte das *villae* na região do Reno e na província da Bélgica, e apenas alguns compradores permaneceram na região com os meios necessários para terem acesso aos vidros caros fabricados em Colónia e outros lugares próximos.

Apesar disso a produção de vidros não cessou nessas províncias do Norte do Império Romano, mas reduziu-se bastante a produção do vidro de luxo. Os vasos para uso doméstico já começavam a sofrer muitas alterações morfológicas e no fabrico, agora grande parte desses vasos era de fraca qualidade a nível do fabrico, com muitas bolhas e impurezas. Apesar de no século IV d.C. se fazerem alguns materiais de vidro com alguma qualidade, a maioria dos vidros usados em casa, incluindo o serviço de mesa, era de fraca qualidade. O vidro, que usualmente tinha uma cor esverdeada, contém muitas bolhas e listras. Materiais com bordos pouco trabalhados eram muito comuns para servir à mesa.

A arte das classes baixas das províncias influenciou também a arte romana. O empobrecimento na Itália, assim como no resto do Império fez-se sentir com cada vez mais intensidade, causando a fraca qualidade do vidro romano tardio (Isings, 1957, p. 165). Na parte Oeste do Império a situação piorou a partir do reinado de Constantino. Muitos vasos de vidro tinham bordos pouco trabalhados, formados de uma maneira muito grosseira. Na Gália e no distrito do Reno os vasos de vidro continuavam a ser numerosos, muito devido ao facto da sua manufactura ter sido favorecida pela emissão de um imposto por Constantino. Pela má qualidade de fabrico, os vasos para uso caseiro e os restantes vasos de vidro, também usados no ambiente doméstico, eram muito semelhantes. Estes diminuíram consideravelmente, sendo substituídos no seu lugar pela cerâmica.

No final do século IV d.C. os vidros produzidos no oeste revelam sinais do início de um novo período, no qual o gosto das tribos francas era predominante. Os bordos eram novamente redondos e surgiu a decoração com delicadas espirais brancas. O número de formas limitou-se apenas ao uso de serviço de mesa, não sendo também muito numeroso.

## **4.2 – O CONJUNTO DE METAIS**

### **4.2.1 – Os metais no contexto da necrópole de Casais Velhos**

Em Casais Velhos descobriram-se, em 1945, três locais de enterramento: dois a Oriente e outro a Ocidente. As sepulturas eram todas orientadas Este-Oeste. Os autores das

primeiras escavações (Figueiredo; Paço, 1945, p.310-311) relatam que as sepulturas do lado Oriental eram mais ricas, de construção mais cuidada e contendo materiais que permitiram uma datação da necrópole. Numa dessas sepulturas a Oriente os arqueólogos encontraram duas lanças de ferro, entre outras peças não metálicas. Existindo também no mesmo local outra sepultura que continha um indivíduo do sexo feminino que ostentava junto ao crânio, um brinco de bronze circular, aberto e com botão numa extremidade. Recolheu-se também outro brinco, diversos fragmentos de botões (que já não se encontram no museu), uma agulha com cabeça espatulada com um furo em losango, e um aplique em forma de canídeo (segundo os autores), de cobre. Destaque ainda para a presença na sepultura de um bracelete serpentiforme de bronze, uma fíbula de bronze anular, com cabeça poliédrica (era ornamentada no corpo mas está muito desgastada), e outra fíbula de bronze do mesmo tipo da anterior mas com a cabeça cilíndrica com sulcos paralelos, e ainda um anel de bronze em fita, e à volta alguns fragmentos de pregos. Nos trabalhos de limpeza (Branco; Ferreira, 1971, p.81-82), foram encontrados perto da casa com pequenos tanques (ou seja fora do contexto das sepulturas), uma fivela de bronze e um fusilhão de fivela com ornamentação muito gasta.

Ora, neste grupo dos objectos metálicos encontrados nas sepulturas de Casais Velhos encontram-se ainda hoje nos acervos do Museu de Conde de Castro de Guimarães vinte e três peças já inventariadas. Das peças que foram identificadas no contexto das primeiras escavações, provenientes das sepulturas, restam as duas lanças de ferro (catalogadas CV.698.45 e CV.699.45), um pequeno conjunto de quatro pregos de ferro (CV.685.45 a CV.688.45), uma agulha (CV.690.45), dois brincos (CV.692.45 e CV.693.45), uma fíbula, com decoração desgastada (CV.689.45), um anel (CV.694.45), uma placa (ou aplique) zoomórfica de decoração (CV.695.45), e um bracelete (CV.691.45). Todas estas peças são de bronze, à excepção das lanças de ferro e dos pregos. Ausente deste conjunto está uma fíbula de bronze encontrada nas primeiras escavações e descrita como do mesmo tipo da anterior (CV.689.45), mas com a cabeça cilíndrica com e sulcos paralelos.

Das campanhas de limpeza de 1968 resta apenas um vestígio metálico, a fivela de bronze (CV.696.68), que os autores consideram paleocristã. O fusilhão de fivela com ornamentação já não se encontra no conjunto de peças metálicas de Casais Velhos no museu de Conde de Castro de Guimarães, em Cascais.

Destaque ainda para a presença na colecção do museu de uma chapa de bronze de forma semicircular com duas perfurações que foi inventariada como fazendo parte de um sapato (CV.697), um peso de chumbo (CV.684.45), e de um pedaço de escória (CV.710.68). Estão ainda catalogados três conjuntos com alguns fragmentos metálicos não identificáveis, o primeiro (CV.667.68) é constituído por dezasseis fragmentos, o segundo (CV.668.68) tem apenas dois fragmentos, e por último o conjunto catalogado como CV.771 tem doze fragmentos. Trata-se de pequenos fragmentos de cobre de difícil identificação devido ao seu mau estado de preservação. É possível que estes vestígios terão sido encontrados aquando os trabalhos de limpeza e consolidação das ruínas de Casais Velhos (Branco; Ferreira, 1971, p.81), no entanto como não há referências sobre os mesmos no trabalho publicado pelos arqueólogos, pode-se apenas especular que tal seja o caso.

Existem alguns exemplares de materiais metálicos visigóticos semelhantes aos de Casais Velhos que foram encontrados nas necrópoles da Abuxarda (Encarnação, 1968, p. 20), e Talaíde (Cardoso e Cardoso, 1995, p.407-414). Os artefactos que foram encontrados nas sepulturas dessas necrópoles faziam parte de oferendas funerárias ou da própria indumentária dos indivíduos.

Para realizar neste estudo uma interpretação dos objectos metálicos de Casais Velhos foi consultada a obra de Gisela Ripoll sobre a necrópole de El Carpio de Tajo (Ripoll, 1985, p.14-197) onde são tratados os conjuntos de objectos metálicos de época visigótica no contexto das sepulturas da necrópole. Foi possível identificar e comparar alguns materiais conhecidos de Casais Velhos com os paralelos estilísticos dos materiais provenientes dessa necrópole.

#### **4.2.2 – Análise dos materiais metálicos.**

O anel (CV.694.45) por exemplo é enquadrável no mesmo tipo de anéis que foram descobertos nas escavações da necrópole de El Carpio de Tajo. Neste caso o anel tem a forma de cinta circular mas não tem encaixe na zona frontal. Existem também paralelos encontrados nas necrópoles de Duratón, Segóbriga e Pamplona (Ripoll, 1985, p.33). Estes anéis aparecem tanto em sepulturas masculinas como femininas, no entanto, tal como em El Carpio de Tajo, o anel de Casais Velhos surge com brincos ou pendentes. No caso da necrópole de El Carpio de Tajo isto parece demonstrar que a utilização de anéis era mais ampla por parte das mulheres, mas também pelos homens, só que em

menor quantidade. Já no caso de Casais Velhos, como existe apenas um anel em contexto de uma sepultura (entre quatro), não é possível ter a certeza.

Estes anéis, tal como os brincos ou pendentes, são de tradição romana e perduraram durante a Idade Média. Aparecem exemplares nas necrópoles visigodas e também merovíngias. Alguns paralelos são encontrados na Necrópole de Duratón (Perez, 1948, p.111-113), Segóbriga (Almagro, 1985 p.114-115) e Pamplona (Catalan, 1965, p.119-122).

Podemos então considerar estes anéis de tradição romana e como um dos elementos de maior duração na ourivesaria tardo romana, visigoda e alto medieval.

Os dois brincos presentes no espólio funerário (CV.692.45 e CV.693.45) enquadram-se nos brincos de tradição romana, também encontrados na necrópole de El Carpio del Tajo. No entanto, os brincos ou pendentes que aparecem nas necrópoles visigodas são de diversas formas. Por regra geral são compostos de uma argola aberta com uma ponta afilada num extremo e rematado por formas geométricas do outro. Estas podem ser poliédricas, quadradas, romboidais, cúbicas facetadas ou com duas ou três molduras circulares planas justapostas entre si. No caso das peças de Casais Velhos, o brinco CV.692.45 apresenta uma extremidade amovível quadrada com pequenos círculos (dando uma impressão de dado), já o brinco CV.693.45 tem uma das extremidades com três molduras circulares. No caso do cemitério de Casais Velhos os brincos são de bronze.

Os brincos de tradição romana aparecem em enterramentos do século IV d.C. e tiveram uma grande expansão durante o século VI d.C. O facto de serem peças de origem romana explica a existência de paralelismos e semelhanças em zonas geográficas muito diversas. Podem-se encontrar alguns paralelos em Duratón (Perez, 1948), Segóbriga (Almagro, 1985, p.18), Zarza de Granadilla (Donoso e Burdiel, 1970, p.333), Faro (Zeiss, 1934, lám. 24), Estagel (Lantier, 1943, p.169), Sorna Porec (Sonje, 1979, p.107), Aguilafuente (Lucas e Viñas, 1977, p. 389-404), Hochfelden (Hatt, 1965, p.250), Saint-Denis (Piganiol, 1963, fig. 9), e Mérida (Zeiss, 1934, lám. 24).

Existem diversos tipos de apliques de cinturão. Molinero (1948, p.144-145) distinguiu cinco grupos diferentes: os de forma geométrica composta de apenas um elemento ou vários fundidos (cruciforme, escutiforme, etc.) de formas diversas como animais ou cabeças humanas, os reversíveis ou de duplo uso e os bastidores metálicos com orifícios e peças adaptadas. Em Casais Velhos encontrou-se um aplique com recorte zoomórfico (CV.695.45). Estes tipos de apliques geométricos encontram-se repartidos por várias

necrópoles visigodas da Península Ibérica, sobretudo na Meseta castelhana. O período de utilização destes apliques de cinturão no Centro, Norte, Oeste e Sudeste da Europa, coincide com a utilização nas diferentes necrópoles da Meseta castelhana (Hübener, 1974, p. 373). Ainda falta identificar o local de produção destes cinturões com apliques zoomórficos, que deve ter-se situado provavelmente na Europa Central (Ripoll, 1985, p. 37). Em Portugal existem paralelos na necrópole de Talaíde (Cardoso; Cardoso, 1995, fig. 11), no entanto é de referir que se dispõe de poucos elementos de comparação suficientes para o território português.

A fivela de cinto encontrada em Casais Velhos (CV.696.68) pode ser associada às fivelas de cinto em forma de anel ovalado. A nível técnico são produtos de fundição. A grande maioria destas peças são latões em vez de bronzes, e a agulha e a argola são de coladas diferentes, pois os metais de composição da liga variam na sua percentagem. Infelizmente a fivela de Casais Velhos já não mantém a sua agulha. As investigações sobre estas peças são muito escassas, assim como a bibliografia. Por isso é difícil atribuir-lhes uma origem e cronologia precisa. Provavelmente são da tradição da metalurgia tardo-romana hispânica e germânica. Os paralelos mais directos que se encontram na Península Ibérica datam da segunda metade do século IV d.C. (Palol, 1969, p. 159). As fivelas de cinto em forma de anel ovalado têm claros paralelos com as peças merovíngias (Ripoll, 1985, p.39). Este tipo de fivela foi utilizado de forma muito abundante pelos merovíngios e tiveram um longo período de fabrico. Todas as peças encontradas em França, por exemplo, procedem de cemitérios merovíngios e são datadas do século V d.C., perdurando até ao VII d.C. Este tipo de fivela está relacionado com os apliques de cinto em forma de escudo, que também se encontram nas necrópoles merovíngias. No entanto acredita-se que para o caso das fivelas existiram diversos centros de fabrico que trabalharam por imitação (Ripoll, 1985, p. 39).

Para as fivelas rectangulares, as ovais com agulha de igual largura longitudinal e para as ovaladas com decoração geométrica, atribui-se uma origem romana, sendo peças bastante reutilizadas (Ripoll, 1985, p. 39).

Existem paralelos na necrópole de Abuxarda, em Cascais, onde foram encontradas peças de fivelas ovais nas sepulturas (Zeiss, 1935, lám. IX); e também na necrópole de Alcoitão (Zeiss, 1934, lám.7). Também em Padilla de Arriba e Daganzo de Arriba (Fernandez e Barradas, 1930, p. 114) foram encontradas fivelas do mesmo género nas sepulturas; assim com em Pamplona (Catalan, 1965, pp. 111-112), e em La Torrecilla (Priego e Quero, 1975, lám. III-2), e Villel de Mesa (Martin e Elorrieta, 1947, p. 56).

No caso da fíbula com decoração (CV.689.45) encontrada numa das sepulturas orientais do cemitério de Casais Velhos, não foi possível atribuir-lhe uma classificação ou comparar com outros paralelos, visto que a decoração encontra-se com grande desgaste, e a própria fíbula está incompleta.

As diversas influências que a metalurgia visigoda recebe podem ser traçadas nos resíduos do Germanismo, no Cristianismo, no Romanismo e também no Bizantinismo. Todos estes factores, tão desiguais entre si, influenciaram decisivamente a arte visigótica, dando lugar na Península Ibérica, à arte hispano-visigótica (Ripoll, 1985, p.16)

Os achados da escavação das duas sepulturas orientais de Casais Velhos, indicam que pertenciam a gentes de classe alta da sociedade. Também fica atestada uma tradição de inumação do corpo com alguns dos seus pertences. Esta prática de inumação por parte do povo visigótico está bem comprovada já desde do século IV d.C. na região do Danúbio (Ripoll, 1985, p.16).

Na necrópole de Casais Velhos todas as sepulturas tinham uma orientação e alinhamento Este-Oeste. Seguem, portanto, uma tradição de enterramento paleocristã e não típica da orientação germânica Norte-Sul. Desconhece-se a profundidade das sepulturas. Desconhece-se também o sexo dos esqueletos, à excepção de uma referência a um indivíduo do sexo feminino numa das sepulturas a oriente (Figueiredo; Paço, 1945, p. 310).

Quanto à presença de duas lanças, CV.698.45 e CV.699.45, no contexto das sepulturas (os autores não especificam qual) a Oriente do cemitério de Casais Velhos (Figueiredo; Paço, 1945, p. 310), é possível que tenham também uma cronologia do período visigodo. É neste período que, nas necrópoles, mais armas aparecem (Santa Olalla, 1934). Na necrópole de Duratón, peças análogas foram situadas no século VI d.C. (Molinero, 1948).

Os pregos de ferro (CV.685.45, CV.686.45, CV.687.45, CV.688.45) são frequentes em necrópoles visigóticas, como por exemplo em La Varella – Castellar (Oliver, 1975) e por vezes atestam a existência de caixões de madeira.

#### **4.2.3 – A decoração**

O repertório de motivos decorativos (nas peças de Casais Velhos) pode ter sido realizado com a técnica do biselado, pungido ou do relevo ou repuxado. Existem distintas influências e origens para estes motivos, assim como existem os seus paralelos

estilísticos e a sua duração no tempo, chegando em alguns casos até à época medieval. Os elementos básicos, da sociedade visigoda, como o germanismo, as influências romanas e bizantinas, repetem-se nos motivos decorativos. São adopções ou reminiscências do mundo romano. Os elementos elaborados nas oficinas germânicas também são muito claros. Também os elementos de origem mediterrânica são fáceis de observar, pelos paralelos estilísticos que têm com os manuscritos de época bizantina e sobretudo com os objectos de uso litúrgico (Ripoll, 1985, p.185).

Na peça CV. 695.45, o aplique de forma zoomórfica, constam alguns motivos decorativos que também aparecem sobre algumas peças de adorno pessoal da necrópole visigoda de El Carpio de Tajo (Ripoll, 1985, p.186): linha de triângulos equiláteros não contíguos e alternativamente invertidos. Este motivo existe nos tecidos orientais de época bizantina e também sobre objectos de uso litúrgico como pratos e jarritos. Não se pode, no entanto, afirmar com segurança a sua origem. Este motivo costumava fazer parte de placas de broches de cinturão do tipo I, respondendo a um esquema geométrico e simétrico; nota-se a linha de esquadros sobrepostos, um motivo aparece normalmente emoldurando algum outro, de técnica incisa realizada a bisel. A linha de esquadros sobrepostos é muito frequente nas peças de adorno pessoal. Este motivo decorativo não se realizava intencionalmente, mas era o resultado da não premeditação ao decorar certas peças, ou seja, era utilizado como recheado; Essa linha de triângulos tangentes também surge inscrita numa linha, trata-se de um motivo muito utilizado em elementos ornamentais de época visigoda, mas também é muito frequente na musaística romana, não querendo dizer que seja uma herança directa desta.

Também encontram-se alguns círculos concêntricos, um elemento decorativo bastante frequente já no mundo romano que foi muito utilizado pelos artesãos dos povos germânicos. Aparece também nas realizações bizantinas. Este motivo alcançou uma expansão geográfica considerável e perdurou durante muito tempo, chegando até à Idade Média. A decoração de círculos concêntricos, no caso do aplique, surge em pequenos grupos de dois círculos. Este tipo de decoração também surge num das extremidades do brinco CV.692.45.

A peça CV.689.45, fíbula de bronze, também tem decoração. No entanto, a sua decoração é de difícil interpretação visto estar muito degradada. Não foi possível associar nenhuma forma presente na decoração dessa peça de Casais Velhos com os motivos decorativos visigodos presentes nas peças da necrópole de El Carpio de Tajo, por exemplo.



No caso do bracelete CV.691.45 encontrado numa das sepulturas de Casais Velhos, nota-se a presença de uma linha de esquadros sobrepostos no seu contorno. Este motivo aparece normalmente emoldurando algum outro, de técnica incisa realizada a bisel. A linha de esquadros sobrepostos é muito frequente nas peças de adorno pessoal. Este motivo decorativo não se realizava intencionalmente, mas era o resultado da não premeditação ao decorar certas peças, ou seja, era utilizado como recheado.

#### **4.2.4 - Cronologia**

A datação estipulada para esta necrópole é do século V d.C. ao VII d.C. No entanto é preciso salientar que conhecimento acerca da tipologia dos materiais metálicos, incluindo os adornos, das populações tardo-romanas e germânicas, é ainda muito incompleto. Existe pouca informação sobre as técnicas de fabrico de tais artefactos e a sua composição elementar.

A necrópole de Casais Velhos pode ser visto com um exemplo de continuidade de costumes: As alterações introduzidas das práticas funerárias pelo Cristianismo ou uma população exógena parecem não ter tido reflexão neste cemitério. Em Casais Velhos continuou-se a sepultar os mortos fora da antiga povoação.

A procura de paralelos para os objectos recolhidos deparou-se com problemas de carácter cronológico. As dificuldades incidiram principalmente na raridade de trabalhos sobre este período. Faltam monografias sistemáticas locais. Ainda assim a obra de Gisela Ripoll sobre a necrópole de El Carpio de Tajo (Ripoll, 1985) onde são tratados os conjuntos de objectos metálicos de época visigótica no contexto das sepulturas, com uma cronologia do século V d.C. ao século VIII d.C., serviu essencialmente como elemento comparativo com os objectos semelhantes encontrados nas escavações de Casais Velhos, mais precisamente no cemitério. Tentou-se assim estabelecer relações entre a ocorrência de peças metálicas e a cronologia das respectivas sepulturas.

Importa ainda referir que a prática de inumação dos cadáveres com objectos metálicos (quase sempre de adorno) entrou em declínio com a progressiva afirmação do Cristianismo.

### **4.3 – O CONJUNTO NUMISMÁTICO**

Do conjunto numismático de Casais Velhos temos um total de 21 moedas que actualmente encontram-se no acervo arqueológico do museu de Conde de Castro de Guimarães. A grande maioria (20 moedas) foi encontrada durante as primeiras

escavações arqueológicas realizadas em Casais Velhos (Paço, Figueiredo, 1945, p.310). Existe também uma única moeda romana (CV.725.45) que foi descoberta aquando os trabalhos de limpeza e consolidação das ruínas (Branco; Ferreira, 1968, p. 82). Ora, ao analisar este conjunto foi possível verificar a existência de cronologias distintas para as moedas de Casais Velhos: 15 moedas romanas, 5 moedas medievais e 1 moeda moderna. É de notar que foram estudadas com particular destaque as moedas atribuídas ao período romano.

Tendo verificado com antecedência que já havia sido feito um estudo preliminar dessas mesmas moedas realizado por Castelo Branco e Veiga Ferreira, no trabalho acima referido, com base na obra “Descrição histórica das moedas romanas existentes no Gabinete Numismático de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Luís I” (Aragão, 1870), tentou-se de certa forma aprofundar o estudo dos vestígios numismáticos de Casais Velhos, com uma perspectiva mais recente, de forma a apurar a sua cronologia e obter mais informações sobre o seu contexto no sítio arqueológico de Casais Velhos. Para este efeito foram utilizadas essencialmente as obras sobre materiais numismáticos do Baixo Império, como *The Roman Imperial Coinage* (Kent, 1968-1994), assim como a obra *Las Monedas Imperiales Romanas y Bizantinas* (Castán, 2002), como obras de referência para a elaboração desse mesmo estudo. Para as moedas medievais e modernas foram utilizadas as obras: “Dicionário de Numismática” (Folgosa, 1963) e o “Livro das Moedas de Portugal” (Vaz e Salgado, 1984-85).

#### **4.3.1 – Estudo do conjunto numismático.**

Após uma análise cuidadosa elaboraram-se fichas descritivas de cada numisma, contendo informações chave como: o n.º de inventário, descrição da peça, legenda, estado de conservação, tipo de metal, peso, e dimensões, etc. Verificou-se que na generalidade o estado de conservação do conjunto de moedas de Casais Velhos era mau, sendo que a maioria apresenta um grande desgaste e sinais de ampla circulação, com excepção de alguns numismas, como é o caso da peça CV.726.45, um *foliis* de bronze do reinado de Constantino I que encontra-se em bom estado de conservação.

Ora, não é referido nos estudos prévios sobre as moedas de Casais Velhos, qual seria o seu contexto, ou seja, foi feita apenas a exposição dos materiais contendo alguma informação de carácter descritivo, sem que se mencionasse a sua contextualização no sítio arqueológico de Casais Velhos. Há, porém, uma excepção: no trabalho sobre Casais Velhos (Branco, Ferreira, 1968, p.82) existe uma referência a uma moeda

encontrada numa das sepulturas (não especificando qual) que estaria envolvida por pequenos pedaços de tecido de linho grosseiro, que conservou-se devido à acção dos sais de cobre da própria moeda. Infelizmente, ao realizar-se o estudo das moedas de Casais Velhos armazenadas no museu de Conde Castro de Guimarães, verificou-se que a moeda envolta com linho já não constava do acervo, não havendo informação sobre o seu paradeiro.

Com base na informação que foi possível recolher através do estudo das moedas de Casais Velhos, dando maior destaque ao conjunto de moedas romanas, elaborou-se uma cronologia possível para a ocupação do povoado de Casais Velhos. Teve-se em conta fundamentalmente toda a informação sobre os centros emissores, o valor das moedas, o seu desgaste, etc.

Do conjunto de 21 moedas de Casais Velhos 15 são romanas. Esta distinção foi feita com base na informação obtida através de alguns elementos, como por exemplo a legenda no anverso e no reverso, a marca do centro emissor no enxergo da moeda, o peso e o diâmetro. Dentro deste grupo de numismas foi possível distinguir um sestércio, um *follis*, duas maiorinas e 10 centesimais (4 exemplares de  $\frac{1}{4}$  centesimal), para além de uma moeda de bronze em muito mau estado, provavelmente romana, que não pôde ser identificada.

Ora, o período cronológico abarcado por este conjunto estende-se do século III d.C., sendo a moeda mais antiga o sestércio de bronze do reinado de Filipe I, que foi encontrada por A. Castelo Branco e O. Ferreira durante os trabalhos de limpeza, e inicialmente identificada como sendo do reinado de Alexandre (Branco, Ferreira, 1968, p.82), parecendo mais provável que seja do reinado de Filipe, o Árabe, devido à inscrição no seu reverso (AEQVITAS AVGG). Passando para o início do século IV d.C., com o *follis* de bronze de Constantino I. Já os dois exemplares de  $\frac{1}{4}$  de centesimal de bronze do reinado de Constante I remetem-nos para meados do mesmo século, assim como mais duas moedas de  $\frac{1}{4}$  e  $\frac{1}{2}$  centesimal atribuíveis ao reinado de Constâncio II e/ou Constâncio Gallo; o  $\frac{1}{4}$  centesimal atribuído a Valentiniano I datáveis da segunda metade do século IV d.C., assim como mais dois centesimais e uma maiorina em bronze de Valentiniano II. É de notar que estas moedas apresentam um elevado grau de desgaste, o que poderá significar uma grande circulação das mesmas, durante muitos séculos. Do final do mesmo século destaca-se ainda a maiorina de bronze do reinado de Magno Máximo e, do reinado de Teodósio I, os três centesimais de bronze datados de

392/395 d.C. Apresentam-se os elementos das moedas romanas de Casais Velhos no seguinte quadro:

N.º de Inventário	Tipo de moeda:	Iconografia/legenda do reverso	Imperador	Centro emissor	Referência R.I.C.	Cronologia (d.C.)
CV.718.45	Desconhecido	Ilegível	---	---	---	---
CV.725.45	Sestércio de bronze	AEQVITAS AVGG	FILIPPE I	Roma	vol. IV, nº 57	247/249
CV.726.45	Follis de bronze	SARMATIA DEVICTA	CONSTANTINO I	Treveris	vol. VII, nº429	323/324
CV.727.45	¼ Centesimal de bronze	VICTORIAE D. D. AVGG Q. NN.	CONSTANTE I	Treveris	vol. VII, nº207	342/348
CV.728.45	¼ Centesimal de bronze	VICTORIAE D.D. AVGG Q. N.N.	CONSTANTE I	Treveris	vol. VIII, nº 203	342/348
CV.729.45	¼ Centesimal de bronze	P. FEL TEMP. REPARATIO	CONSTÂNCIO II	Treveris	vol. VIII, Nº 233	348/351
CV.730.45	½ Centesimal de bronze	FEL TEMP RE – PARATIO	CONSTÂNCIO II/CONSTANCIO GALLO	Thessalonica	vol. VIII, Nº 172	350/355
CV.731.45	¼ Centesimal de bronze	SECVRITAS – REIPVBLICAE	VALENTINIANO I	---	vol. IX, Nº7 (a)	364/375
CV.732.45	Centesimal de bronze	REPARATIO - REIPVB	VALENTINIANO II	Lyon	vol. IX, Nº20 (a)	378/383
CV.733.45	Maiorina de bronze	REPARATIO – REIPVB	VALENTINIANO II	Siscia	vol. IX, Nº26 (b)	378/383
CV.734.45	Centesimal de bronze	SALVS REI – PVBLICAE	VALENTINIANO II	---	vol. IX, Nº35	383/387
CV.735.45	Centesimal de bronze	GLORIA – ROMANORVM	TEODÓSIO I	---	vol. IX, Nº27 (a)	392/395
CV.736.45	Centesimal de bronze	GLORIA – ROMANORVM	TEODÓSIO I	---	vol. IX, Nº27 (b)	392/395

CV.737.45	Centesimal de bronze	GLORIA – ROMANORVM	TEODÓSIO I	Heraclea	vol. IX, N°27 (b)	392/395
CV.770	Maiorina de bronze	REPARATIO - REIPVB	MAGNO MÁXIMO	---	vol. IX, N°85	383/388

#### 4.3.3 – Os centros emissores

Quanto ao centros emissores, foi possível identificar a origem de algumas moedas ao notar a marca no enxergo no seu reverso, que revela as siglas do centro emissor. No entanto, consoante o seu estado de conservação, é possível identificar a proveniência de algumas peças. Neste conjunto de moedas romanas encontradas em Casais Velhos temos quatro exemplares que foram cunhados na casa de moeda da cidade de *Treveris*, ou Trier (na actual Alemanha). Estes são os seguintes: um *follis* de bronze do reinado de Constantino I (CV.726.45); dois exemplares de ¼ Centesimal de bronze do reinado de Constante I (CV. 727.45 e CV.728.45), e um ¼ Centesimal de bronze do reinado de Constâncio II (CV.729.45).

O centro emissor de Thessalonica, na actual Grécia, cunhou uma moeda (CV.730.45), ½ Centesimal de bronze do reinado de Constâncio II ou Constâncio Gallo. Segundo a informação baseada na marca no enxergo, TES. A cidade de *Thessalonica*, durante o domínio romano, era conhecida por cunhar moedas de prata e bronze e a sua importância como centro emissor manteve-se até ao século VII d.C.

O sestércio de bronze do reinado de Filipe I (CV.725.45) foi cunhado pelas oficinas monetárias de Roma, sendo a identificação desse mesmo centro emissor confirmada pela marca no enxergo no seu reverso.

De *Lugdunum*, actual Lyon em França, existe um exemplar (CV.732.45) no conjunto de Casais Velhos que é oriundo das suas oficinas. Trata-se de um centesimal de Valentiniano II, datado de 378/383 d.C. que exhibe a marca LVG no enxergo.

Destaca-se ainda um exemplar (CV.737.45) que foi emitido em *Heraclea*, na actual Turquia, nomeadamente um centesimal em bronze do reinado de Teodósio I que apresenta no seu reverso uma estrela à direita da figura do imperador. Ora a presença desse símbolo juntamente com a identificação da marca HER e a imagem do imperador constituem elementos reveladores da sua proveniência das oficinas de *Heraclea*.

O centro emissor de *Siscia*, ou Sisak na actual Croácia, foi identificado como o emissor de uma moeda (CV.733.45) pertencente ao conjunto de Casais Velhos, uma maiorina

em bronze do reinado de Valentiniano II, na qual nota-se a marca SIS ou SISC no enverso no reverso da mesma.

É importante realçar que devido ao mau estado de grande parte das moedas deste conjunto de Casais Velhos não foi possível aferir com exactidão a proveniência de 6 numismas. Somente através de outros dados indicativos, como a figura do imperador, ou as legendas, é que foi possível enquadrá-las cronologicamente no período romano. Consideram-se algumas hipóteses de centros emissores para essas moedas. Entre esses centros emissores estão os de Alexandria, no Egipto, Aquileia, na península itálica, Antioquia, na Turquia, Arles, em França, Constantinopla, actual Istambul, Nicomedia, na região da Anatólia e Kyzikos, também na Anatólia. Todas estas cidades são conhecidas pelas suas oficinas monetárias em grande actividade durante o Baixo Império. No entanto, devido ao seu mau estado de conservação e à ausência das marcas dos centros emissores, não é possível, de todo, afirmar com certeza qual seria a sua proveniência.

A única moeda que não se encontra muito desgastada é o exemplar CV.726.45, um *follis* de bronze do reinado de Constantino I encontrando-se em bom estado de conservação. As restantes moedas apresentam um grau pouco variado de mau estado de conservação, levando a acreditar que terão tido uma ampla circulação ou que terão sido usadas muito para além da Antiguidade Tardia.

É de referir a presença, no conjunto de moedas encontrado nas escavações arqueológicas de Casais Velhos, de cinco moedas medievais e uma moeda moderna.

#### **4.3.4 – As moedas medievais e a moeda moderna.**

Desconhecendo-se a sua contextualização no sítio de Casais Velhos, devido à falta de informação, foi apenas possível elaborar algumas fichas informativas dessas moedas para tentar perceber qual seria a sua cronologia, com base nas tipologias acima referidas. Quanto às moedas medievais, mais precisamente ceitis, foi possível datá-las desde de finais do século XIV d.C., do reinado de D. João I ou D. Duarte I, até à segunda metade do século XV d.C. no reinado de D. Afonso V. Quanto à moeda moderna, que poderá ser um tostão, foi possível datá-la de inícios do século XIX d.C., durante o reinado de D. João VI

#### **4.3.5 – Algumas conclusões sobre o conjunto numismático**

Apesar de não se tratar de um conjunto numeroso dá-nos uma pequena ideia da presença humana deste local. Segundo a cronologia das moedas que foram retiradas do sítio arqueológico, parece haver uma forte ocupação deste povoado durante o Baixo Império,

não se sabendo exactamente até que século visto que mesmo as moedas romanas apresentam um elevado desgaste significando a sua utilização em trocas comerciais por grandes períodos de tempo, provavelmente até mesmo durante a Alta Idade Média. No entanto foi possível verificar que durante a Baixa Idade Média parece ter havido também algum movimento comercial neste dado local. Ora, por não existirem informações sobre o contexto arqueológico dessas moedas, e por ainda não se ter escavado o sítio arqueológico na sua totalidade, é difícil dizer se houve uma ocupação contínua entre estes dois períodos distintos, ou se foi esporádica, visto o conjunto ser demasiado pequeno para se poder tirar alguma conclusão. No entanto, há que mencionar que existe um exemplar, no caso das moedas romanas, CV.725.45, um sestércio de reinado de Filipe, O Árabe, que de facto remete-nos também para uma data mais recuada, século III d.C. o que significa que, através da análise ao conjunto numismático de Casais Velhos é possível perceber que a ocupação deste povoado terá começado no século III d.C. (ou ainda antes se considerarmos outros materiais), e que deverá ter perdurado até à Idade Média, com destaque para a época tardo-romana, quando o povoado, aparentemente, sofreu uma maior ocupação.

As fichas, com informações mais detalhadas, de todas as moedas deste que perfazem este conjunto numismático de Casais Velhos são apresentadas nos anexos.

## **V – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Procurou-se ao longo deste trabalho sobre o povoado de Casais Velhos, e o seu conjunto de materiais arqueológicos, delinear uma estrutura de investigação e de apresentação de dados que permitisse transmitir uma nova interpretação a esta estação arqueológica.

Ao debruçar-me no estudo do sítio arqueológico de Casais Velhos deparei-me fundamentalmente com algumas limitações a nível de monografias, e outros estudos dedicados a este povoado. Deve-se sobretudo ao facto deste sítio ter sofrido apenas duas intervenções arqueológicas conhecidas nos últimos 63 anos. Em resultado de ambos trabalhos reuniu-se um conjunto de peças arqueológicas relativas à ocupação humana de Casais Velhos no Museu de Conde de Castro de Guimarães, em Cascais. Ora, foi essencialmente através dessas referências que se verificou a necessidade de uma nova análise a este sítio arqueológico de modo a que fosse possível uma recolha de um maior número de dados que permitam um conhecimento mais profundo da cronologia da ocupação humana de Casais Velhos.



Ao realizar a análise do espólio encontrado nas escavações de Casais Velhos, foi necessário constituir alguns grupos de diferentes materiais de modo a ter uma ideia da sua diversidade e também para facilitar a triagem de informação que possam fornecer. Deste modo foi constituído um grupo sobre as cerâmicas guardadas no museu, com subgrupos dedicados aos diferentes tipos e suas respectivas formas, começando nomeadamente com o conjunto de cerâmica comum, sendo possível aferir que o abastecimento da cerâmica comum no povoado de Casais Velhos, tal como em grande parte da região de Cascais, era provavelmente feito pelos fornos de ânforas que também produziam cerâmica comum para venda no mercado local.

Passando posteriormente à análise do grupo das cerâmicas de TSC, que embora se tratasse de um conjunto pouco significativo numericamente, apresentou-se essencial para poder datar (ou confirmar) a ocupação romana do povoado de Casais Velhos como tendo sido mais intensa durante os séculos IV e V d.C., ou seja, no período tardo-romano, comprovando também algumas relações comerciais deste pequeno povoado, designadamente com a região do Norte de África.

No que se refere ao grupo de ânforas incluído neste estudo das cerâmicas, é importante mencionar de que se trata maioritariamente de produções locais (Dressel 14), dos fornos do Vale do Tejo e do Sado. Dada a sua cronologia do século II d.C. estas ânforas “introduzem”, juntamente com outros materiais como a lucerna, algumas moedas e os fragmentos de vidro, um possível alargamento do período de ocupação deste povoado no extremo ocidente peninsular.

O único exemplar de uma lucerna, datável do século III d.C., também poderá ser exemplificativo, apesar do seu contexto funerário de cronologia bem posterior, de uma ocupação mais antiga do povoado, e/ou uma grande longevidade de utensilagem de certos materiais.

Relativamente aos restantes grupos de materiais encontrados em Casais Velhos, particularmente as moedas, e os objectos metálicos de adorno, reforça-se a ideia de que a ocupação deste povoado fortificado e a utilização da sua necrópole terá sido mais intensa durante o período tardo romano, porém terá sido iniciada, provavelmente, ainda durante o século II d.C., e terá prolongando-se até à Alta Idade Média, sensivelmente ao século VII d.C. No entanto, tal como alguns desses materiais parecem demonstrar, devido ao seu grande uso e desgaste, em particular no caso de grande parte das moedas romanas e medievais, e nos objectos em bronze de adorno de cronologia visigótica, essa cronologia poderia ser ainda mais alargada.

A análise destes conjuntos de peças recolhidas escavações arqueológicas, e também durante os trabalhos de limpeza de Casais Velhos, demonstra uma certa diversidade de materiais que este pequeno povoado fortificado forneceu ao longo de sucessivas ocupações. Ora, essa multiplicidade num pequeno conjunto de materiais levanta também algumas questões sobre a própria funcionalidade deste povoado no contexto do povoamento romano e medieval desta região no extremo Ocidente da Península Ibérica. De facto, à luz de novas informações, principalmente a nível da cronologia de certos objectos, como por exemplo as ânforas Dressel 14, a lucerna do século III d.C., o Sestércio de Filipe I, alguns fragmentos de vidro datáveis do século III, aliadas à próprias características do sítio, que preserva alguns elementos típicos de uma *villa*, como por exemplo, um complexo termal; parece ser possível redefinir a datação da ocupação deste sítio arqueológico. No entanto, face aos escassos exemplares de peças alto imperiais que existem neste conjunto, em detrimento de uma maioria de materiais datáveis do século IV e V d.C., torna-se difícil estabelecer uma relação mais clara deste espólio com o próprio povoado. Fica-se com algumas dúvidas sobre qual seria exactamente o seu papel no contexto da ocupação rural desta parte do Império romano. Se existem alguns indícios que nos dão a ideia de se tratar de um centro produtor de tinturaria, por ausência de mais informações, nomeadamente a nível estratigráfico, não é possível chegar-se a uma conclusão. Um dos aspectos que sobressaem é o facto de o povoado encontrar-se circundado de uma muralha defensiva. Ora, com a confirmação através da análise dos conjuntos de materiais de Casais Velhos de que a ocupação terá sido mais intensa durante o Baixo Império, não é de surpreender que as populações que habitaram este lugar tivessem tido alguma necessidade de defesa durante uma época que ficou marcada por períodos de grande instabilidade política, económica e militar. Neste período também há que destacar a influência que o Cristianismo terá exercido nas populações desta região da Lusitânia. Ao verificarmos o conteúdo de algumas sepulturas de Casais Velhos, que incluía algumas oferendas funerárias, tem-se a ideia de que durante a utilização visigoda desta necrópole ainda se praticavam alguns rituais caracteristicamente pagãos, como é o caso de se depositarem oferendas funerárias com os defuntos.

Existem também outras questões que foram levantadas ao estudar-se o conjunto de materiais de Casais Velhos. Sobretudo a nível do próprio contexto arqueológico de algumas peças, como no caso das moedas, dos vidros e dos fragmentos de *sigillata*. Os trabalhos que foram realizados anteriormente sobre os materiais não contêm

informações a nível das camadas estratigráficas em que terão sido encontrados, por isso fica-se sem saber o local e o contexto de muitas dessas peças. Daí advém a necessidade, a meu ver, de futuros trabalhos arqueológicos no local das ruínas de Casais Velhos. De facto é urgente que se defina a essência da ocupação romana, e também a posterior instalação de povos germânicos, mais precisamente os Visigodos, no espaço onde se insere o povoado de Casais Velhos. Com este trabalho procura-se atestar novas possibilidades, mais concretamente a nível da cronologia, para este aglomerado, que parece ter sido continuamente ocupado desde do século II d.C. até ao século VII d.C., com maior afectação no período tardo-romano, ou seja, entre o século III d.C. e o V d.C. Ora, apesar dessas elucidações, algumas questões poderão ficar sem resposta até que se proceda a uma investigação através de prospecções sistemáticas e escavações arqueológicas, para que se possa enriquecer o conjunto de materiais dessa época e desta forma obter novos dados sobre as populações que ocuparam esta região. A grande continuidade de ocupação que se verifica na morfologia de Casais Velhos só poderá ser melhor entendida através de novas investigações arqueológicas, de modo a que se possa confirmar ou invalidar certas questões a nível cronológico sobre este povoado.

Espera-se ter contribuído, de forma geral, para o avanço do conhecimento existente sobre a natureza da ocupação humana em Casais Velhos, com particular ênfase no alargamento da cronologia a ela associada. E, de certa forma também incentivar um interesse acrescido sobre este local de grande importância arqueológica no Concelho de Cascais.

## VI – BIBLIOGRAFIA

ABED, A. B. ; GRIESHEIMER, M. (2004) – La nécropole romaine de Pupput. Rome : École française de Rome.

ALARCÃO, A. ; ALARCÃO, J. , “*Cerâmica estampada vermelha de Conímbriga*”, in Arquivo de Beja, 20-21, 1963-1964. p.81-100

ALARCÃO, A.; PONTE, S. (1976) – Les lampes. In *Fouilles de Conímbriga ; VI – Céramiques diverses et verres*. Paris : Diffusion E. de Boccard.

ALARCÃO, A.; MAYET, F. (dir.) (1990) – Ânforas lusitnas: tipologia, produção e comércio. In *Conímbriga*. Paris: Museu Monográfico (Diffusion de Boccard); p. 87-96.

(1990) - Ânforas lusitanas: tipologia, produção, comércio: Actas/ des journées d'études tenues à Conímbriga. In ALARCÃO, A.; MAYET, F. eds. Lisboa: Museu Monográfico de Conímbriga, Mission Archéologique Française au Portugal.

BAILEY, D. (1980) – A catalogue of the lamps in the British Museum. In *Roman lamps made in Italy*. London : British Museum (Roman provincial lamps; 2, 3).

BELTRÁN LLORIS, M. (1990) - *Cerámica romana: tipología y clasificación*. Zaragoza: Libros Pórtico.

BONIFAY, M. (2004) – Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique. In *BAR : International Series ; 1301*. Oxford : Archaeopress.

CABALLERO, L.; MATEOS, P.; RETUERCE, M. (2003) – Cerâmicas tardorromanas y altomedievales en la Península Ibérica: Ruptura y continuidad. In *Archivo español de Arqueologia*. Madrid: Consejo Superior de investigaciones científicas (Anejos; 28), p. 505-531.

CABRAL, M. E. F. (1974-77) – Lucernas romanas de Alcácer do Sal. In *O arqueólogo português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Série 3, 7-9), p.347-354.

CABRAL, J.M.P.; GOUVEIA, M.A.; MORGADO, I. (1995) - *Caracterização químicas das produções de ânforas do vale do Tejo: I - Porto dos Cacos*. In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Seixal: Câmara Municipal; Lisboa: D. Quixote, p. 301-322.

CARDOSO, G.; ENCARNAÇÃO, J. (1987) – O povoado romano dos Casais Velhos. In *Associação Cultural de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

CARDOSO, G.; ENCARNAÇÃO, J. (1989) – Ruínas romanas: Casais Velhos. In *A Nossa Terra*. Cascais: Associação Cultural de Cascais.

CARDOSO, G.; ENCARNAÇÃO, J. (1990) - Cascais no tempo dos Romanos. In *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa; 1; p. 59-74.

CARDOSO, G. (1991) - Carta Arqueológica do Concelho de Cascais. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G.; GUERRA, M. F. (1995) – A necrópole tardo-romana e medieval de Talaíde (Cascais): caracterização e integração cultural: análises não destrutivas do espólio metálico. In *Estudos arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras; 5; p. 315-339

CARSON, R.A.G; KENT, J.P.C. (1965) – *Late roman bronze coinage. Part I: The bronze coinage of the House of Constantine (A.D. 324-346); Part II: Bronze roman imperial coinage of the Later Empire (A.D. 346-498)*. London: Spink & Son.

CARVALHO, T. P. (1998) – A terra sigillata de Monte Mozinho. In *Dissertação apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia*. Penafiel: Museu Municipal.

CASTÁN, C. (2002) - Las Monedas Imperiales Romanas y Bizantinas Sila 138 a.C. a 1453 d.C. Madrid: Siglo XXI.

CASTELO BRANCO, A.; FERREIRA, O. V. (1971) - Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho). In *Boletim do Museu Biblioteca dos Conde de Castro Guimarães*. Cascais : Câmara Municipal de Cascais; 2; p. 69-83.

CONRADO, J. (1957) - O Tenente-Coronel Afonso do Paço fala-nos acerca da arqueologia do Concelho de Cascais. In *A Nossa Terra*. Cascais.

COUTINHO, H. M. R. (1995) – Sigillata clara do Montinho das Laranjeiras: (escavações de 1990). In *IV Reunió d'Arqueologia Cristinana Hispànica/Secció Històrico-Arqueològica [del] Institut d'Estudis Catalans, Institut d'Arqueologia i Prehistòria [de la] Universitat de Barcelona, FCSH [del] Departamento de História de Arte [de la] Universidade Nova de Lisboa*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans; p. 507-514.

CRAVINHO, G. (1993-94) – Algumas peças da villa de Freiria (Cascais). In *Conímbriga*. Coimbra : Universidade de Coimbra (Faculdade de Letras. Instituto de Arqueologia ; 32-33), p. 333-348.

CRUZ, M. (2009). *O Vidro Romano no Noroeste Peninsular. Um olhar a partir de Bracara Augusta*. Braga. (Tese de Doutoramento) - Instituto de Ciências Sociais: Universidade do Minho, vols. I, II e III.

DELGADO, M. (1967) – Terra sigillata de Conímbriga. In *Separata de Conímbriga; VI*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

DELGADO, M. (1975) – Les sigillées claires. In ALARCÃO, J. ; ÉTIENNE, R., eds. - *Fouilles de Conimbriga IV*. Paris, p. 249-291.

DELLA PORTA, C.; SFREDDA, N.; TASSINARI, G. (1998) - Ceramiche comuni, Ceramiche in Lombardia tra II secolo a. C. e VII secolo d. C. Raccolta dei dati editi, *Documenti di Archeologia* 16. Mantova: Società Archeologica Padana.

DENEAUVE, J. (1974) - *Lampes de Carthage*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique ; p. 165-186.

DIOGO, A. M. D. (1987) – Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano. In *O arqueólogo português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (4ª série , 5); p. 179-192.

DIOGO, A. M. D. (2001) - Escavação de uma unidade de processamento de berbigão, na estação romana do Cerro da Vila, Loulé. In *Revista portuguesa de arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia; 4; nº 1; p. 109-115.

ENCARNAÇÃO, J. (1980) - Património Arqueológico: Perspectivas para uma Política. In *Arquivo de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais; 1.

ESPARRAGUERA, J. G.; GARRIGÓS, J. B.; ONTIVEROS, C.; ANGEL, M. B. (2005) - Late Roman coarse wares, cooking wares and amphorae in the Mediterranean : archaeology and archaeometry. In *International Conference on Late Roman Wares*. Oxford. Série: BAR international series ; 1340.

ÉTIENNE, R.; MAYET, F. (1993-94) – La place de la Lusitanie dans le commerce méditerranéen. In *Conímbriga*. Coimbra : Universidade de Coimbra (Faculdade de Letras. Instituto de Arqueologia ; 32-33), p. 201-218.

FABIÃO, C. (1987) - 100 Anos de Investigação Arqueológica no Concelho de Cascais. In *Arquivo de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais; 6; p. 41-58.

FIGUEIREDO, F. J. A.; PAÇO, A. (1943) - Esboço Arqueológico do Concelho de Cascais. In *Boletim do Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães*. Cascais: Junta de Turismo de Cascais; 1; p. 9-27.



FIGUEIREDO, F. J. A.; PAÇO, A. (1950) – Vestígios romanos de los “Casais Velhos” (Areia, Cascais). In *Actas del 1º Congreso Nacional de Arqueologia e 5º Congreso Arqueologico del Sudeste Espanhol*. Cartagena: Secretaria General de los Congresos Arqueológicos Nacionales; p. 236-241.

FOLGOSA, J. M. (1963) - Dicionário de Numismática. Porto: Livraria Fernando; p. 407-422.

GARCÍA MORENO, L. (1972) *Colónias de Comerciantes Orientales en la Península Ibérica*. S. V-VII. Habis, 3, p. 127-154.

GUTIÉRREZ LLORET, S. (1998) - Eastern Spain in the sixth century in the light of archaeology. In *The transformation of the Roman world, vol. 3: The sixth century*. Amsterdam: Brill

HAYES, J. W. (1972) – *Late roman pottery*. London: The British School at Rome.

HAYES, J. W. (1980) – *Supplement to late roman pottery*. London: The British School at Rome.

ISINGS, C. (1957) – Roman glass from dated finds. In *Archaeologica Traiectina* Groningen: J. B. Wolters; 2.

(cop.1924) – The Geography of Strabo. In JONES, H. L. ed. *Lacus Curtius Books* 1-9; 15-17.

JODIN, A.; PONSICH, M. (1967) - Nouvelles observations sur la céramique estampée du Maroc. *Bulletin d'Archéologie Marocaine*. Rabat. 8.

JUAN-TRESSERRAS, J. (2000) - El Uso de Plantas para el Lavado y Teñido de Tejidos en Época Romana: Análisis de Residuos de la *fullonica* y la *tinctoria* de Barcino. In *Complutum*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid; 11; p. 245-252.

LAMBOGLIA, N. (1941) – Terra sigillat chiara. In *Rivista di studi liguri*. Bordighera, vol. 7.

LOPES, M. C. (1994) – Sigillata de Represas: Coleção F. Nunes Ribeiro: tratamento informático. In *Conímbriga. Anexos; 2*. Coimbra: Faculdade de Letras, Instituto de Arqueologia.

(cop. 2006) – Vitruvius: Tratado de Arquitectura. In MACIEL, M. J.; HOWE, T. N.; COELHO, L. F. eds. Lisboa: IST Press – Instituto Superior Técnico.

MARTÍNEZ MAGANTO, J. (1994) - El litoral del S.E peninsular en época romana. In *Algunas cuestiones en torno a su explotación económica y comercial, Gerión*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid; 12.

MATTINGLY, H.; SYDENHAM, E.A. (1968) – *The roman imperial coinage*. London: Spink & Son.

MAYET, F.; SCHMITT, A.; SILVA, C. T. (1996) – *Les amphores du Sado (Portugal): Prospection des fours et analyse du matériel*. Paris: Bocard.

NIETO PRIETO, J. – *Introducción a la arqueología subacuática*, CYMYS, Barcelona, 1984.

NOLEN, J. U. S. (1988) – A villa romana do Alto do Cidreira (Cascais): os materiais. In *Conímbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Faculdade de Letras. Instituto de Arqueologia. Vol. 27; p.61 – 140.

NOLEN, J. U. S. (1988) – Vidros de S. Cucufate. In *Conímbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Faculdade de Letras. Instituto de Arqueologia. Vol. 27; p. 5-59.

OLIVEIRA, F. P. (1888-92) - Antiquités Pré-Historiques et Romaines des Environs de Cascaes. In *Comunicações da Comissão dos Trabalhos geológicos*. Lisboa; 2, fasc. 1.

PAÇO, A., FARRAJOTA J. - Subsídios para uma carta arqueológica do Concelho de Loulé, *Sep. de Arqueologia e História*, 8ª série, vol. XII, Lisboa, 1966.

PONSICH, M. (1961) – Les lampes romaines en terre cuite de la Maurétanie Tingitane. In *Publications du Service des antiquités du Maroc ; 15*. Rabat : Service des antiquités du Maroc.

PONTE, M. S. (2006) – *Corpus signorum das fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

RIPOLL, G. (1985) – *La necrópolis visigoda de El Carpio de Tajo*. Madrid: Ministerio de Cultura, Dirección General de Bellas Artes y Archivos, Subdirección General de Arqueología y Etnografía.

SAGUI, L. (1998) - Ceramica in Italia: VI-VII Secolo. In *Atti del Convegno in onore John W. Hayes, Roma, 11-13 maggio*. Florence.

SALOMONSON, J. W. – Études sur la céramique romaine d’Afrique. Sigillée claire et ceramique commune de Henchir El Ouiba (Raqqada) en Tunisie Centrale. [S.I.: s. n.], 1968.

SEPÚLVEDA, E.; SOUSA, V. R. C. (2000) – *Lucernas romanas: Catálogo*. Torres Vedras: M. M. Leonel Trindade.

TEICHNER, F. (2004) – Arquitectura doméstica romana no litoral algarvio: Cerro da Vila (Quarteira). In *Património. Estudos*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico; 7; p. 206-211.

TEICHNER, F. (2006) – Cerro da Vila : paleo-estuário, aglomeração secundária e centro de transformação de recursos marítimos. In *Setúbal arqueológica*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal; 13; p. 69-82.

VAZ, J. F.; SALGADO, J. (1987) - Livro das Moedas de Portugal. Braga: Barbosa & Xavier.

VAZ PINTO, I.; SCHMITT, A. (2005) – Provenance of common wares from the Roman villae at São Cucufate (Beja) and Tourega (Évora) in Portugal. In *Understanding people through their pottery*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia; p. 185-191.

ZBYSZEWSKI, G.; FRANÇA, J. C. (1948) – La plage milazienne de Areias (Cascais). In *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia; 11, fasc. 3-4; p. 262-271.

(1993) - Basílica paleocristã: Museu de Mértola. In *Campo arqueológico de Mértola*. Mértola: Câmara Municipal de Mértola.

## VII – ANEXOS

### ANEXO I – CATÁLOGO DE MATERIAIS

**Nº. de inventário**

**Designação**

**Material/Tipo**

**Estado de conservação**

**Descrição**

**Diâmetro de abertura**

**Tratamento de superfícies externa/interna**

**Cozedura**

**Cor da pasta**

**Tipo de Pasta**

1. Ânfora

CV.500

Cerâmica armazenamento/transporte

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bocal de ânfora da classe Dressel 14 bordo oval, exvertido sem ressalto, lábio biselado  
135mm

Pasta porosa normal

Oxidante

Amarelo avermelhado

Pasta tipo Dressel 14

2. Ânfora

CV.580

Cerâmica armazenamento/transporte

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Fundo de ânfora da classe Almagro 51C, com orientação vertical

Pasta porosa normal

Oxidante

Vermelho

Pasta tipo Almagro 51C

3. Ânfora

CV.198

Cerâmica armazenamento/transporte

Fragmentada passível de reconstituição muito parcial

Bocal de ânfora com arranque de asa da classe Beltrán 72  
105mm

Alisamento e engobe

Oxidante

Castanho pálido

Pasta tipo Beltrán 2B

4. Ânfora  
CV.568.08  
Cerâmica de armazenamento/transporte  
Fragmentada passível de reconstituição muito parcial  
Asa de ânfora da classe Dressel 14  
Pasta porosa normal  
Oxidante  
Cinzento rosado  
Pasta tipo Dressel 14
5. Ânfora  
CV.621.45  
Cerâmica armazenamento/transporte  
Fragmento isolado passível de reconstituição muito parcial  
Fundo de ânfora com orientação vertical da classe Dressel 14  
Pasta Porosa normal  
Oxidante  
Vermelho  
Pasta Tipo Dressel 14
6. Ânfora  
CV.575  
Cerâmica armazenamento/transporte  
Fragmento passível de reconstituição parcial  
Bocal de ânfora com arranque de asa, bordo oval, exvertido sem ressalto, lábio biselado da classe Dressel 14  
180mm  
Pasta porosa grosseira  
Oxidante  
Castanho-escuro alaranjado  
Pasta Dressel 14
7. Ânfora  
CV.242  
Cerâmica armazenamento/transporte  
Fragmento isolado passível de reconstituição muito parcial  
Bojo de ânfora, parte do gargalo com (5) caneluras da classe Dressel 14  
Pasta porosa grosseira  
Oxidante  
Laranja Cor-de-rosa  
Pasta Dressel 14
8. Dólio  
CV.576.68  
Cerâmica armazenamento/transporte  
Fragmento de bordo, bojo, passível de reconstituição parcial  
Bordo exvertido sem inflexão, lábio boleado  
280mm  
Alisamento/alisamento  
Redutora

Cinzeno claro

Pasta grosseira, mal classificada, com feldspato. Tem grãos de tamanho variável desde, apresentando grãos de quartzo sub-rolados. Tem alguma cerâmica moída e grãos polimineralizados. Pasta dura, áspera, cozida a temperaturas altas. Cor laranja claro até o castanho-escuro alaranjado, mais frequente o laranja acastanhado.

9. Dólio

CV.578.68

Cerâmica armazenamento/transporte

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Dólio de corpo simples com bojo largo hemisférico

Dura, áspera

Redutora

Cinzeno acastanhado

Pasta grosseira, mal classificada, com feldspato. Tem grãos de tamanho variável desde, apresentando grãos de quartzo sub-rolados. Tem alguma cerâmica moída e grãos polimineralizados. Pasta dura, áspera, cozida a temperaturas altas. Cor laranja claro até o castanho-escuro alaranjado, mais frequente o laranja acastanhado.

10. Dólio

CV. 648.68

Cerâmica armazenamento/transporte

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Dólio de corpo simples redondo, bojo largo com orientação vertical

Dura, áspera

Redutora parcial

Bege acinzentado

Pasta grosseira, mal classificada, com feldspato. Tem grãos de tamanho variável desde, apresentando grãos de quartzo sub-rolados. Tem alguma cerâmica moída e grãos polimineralizados. Pasta dura, áspera, cozida a temperaturas altas. Cor laranja claro até o castanho-escuro alaranjado, mais frequente o laranja acastanhado.

11. Dólio

CV. 195

Cerâmica armazenamento/transporte

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Dólio com fundo plano e corpo simples redondo, bojo hemisférico

510mm

Porosa grosseira

Redutora parcial

Castanho claro

Pasta grosseira, mal classificada, com feldspato. Tem grãos de tamanho variável desde, apresentando grãos de quartzo sub-rolados. Tem alguma cerâmica moída e grãos polimineralizados. Pasta dura, áspera, cozida a temperaturas altas. Cor laranja claro até o castanho-escuro alaranjado, mais frequente o laranja acastanhado.

12. Dólio

CV.546.68

Cerâmica armazenamento/transporte

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial



Dólio com fundo plano, corpo simples redondo bojo largo com orientação vertical  
464mm

Porosa grosseira

Redutora parcial

Cinzento acastanhado

Pasta grosseira, mal classificada, com feldspato. Tem grãos de tamanho variável desde, apresentando grãos de quartzo sub-rolados. Tem alguma cerâmica moída e grãos polimineralizados. Pasta dura, áspera, cozida a temperaturas altas. Cor laranja claro até o castanho-escuro alaranjado, mais frequente o laranja acastanhado.

13. Dólio

CV.164

Cerâmica armazenamento/transporte

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Dólio de corpo simples redondo, bojo largo hemisférico

Porosa grosseira

Redutora parcial

Cinzento avermelhado

Pasta grosseira, mal classificada, com feldspato. Tem grãos de tamanho variável desde, apresentando grãos de quartzo sub-rolados. Tem alguma cerâmica moída e grãos polimineralizados. Pasta dura, áspera, cozida a temperaturas altas. Cor laranja claro até o castanho-escuro alaranjado, mais frequente o laranja acastanhado.

14. Dólio

CV.389

Cerâmica armazenamento/transporte

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Dólio de corpo simples redondo, bojo hemisférico com asa vertical

Rugosa

Redutora parcial

Cinzento claro

Pasta grosseira, mal classificada, com feldspato. Tem grãos de tamanho variável desde, apresentando grãos de quartzo sub-rolados. Tem alguma cerâmica moída e grãos polimineralizados. Pasta dura, áspera, cozida a temperaturas altas. Cor laranja claro até o castanho-escuro alaranjado, mais frequente o laranja acastanhado.

15. Dólio

CV.440.02

Cerâmica armazenamento/transporte

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Dólio com fundo plano, corpo simples redondo bojo largo com orientação vertical

350mm

Porosa grosseira

Oxidante

Vermelho rosado

Pasta grosseira, mal classificada, com feldspato. Tem grãos de tamanho variável desde, apresentando grãos de quartzo sub-rolados. Tem alguma cerâmica moída e grãos polimineralizados. Pasta dura, áspera, cozida a temperaturas altas. Cor laranja claro até o castanho-escuro alaranjado, mais frequente o laranja acastanhado.

16. Dólio

CV.587

Cerâmica armazenamento/transporte

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Bordo exvertido com inflexão com ressalto, lábio triangular, corpo simples redondo

364mm

Rugosa

Oxidante

Vermelho amarelado

Pasta grosseira, com inclusões não argilosas, mal classificada, dura e esponjosa. A sua cor é laranja acastanhada ou castanha até cinzenta escura e laranja amarelada.

17. Dólio

CV.410

Cerâmica armazenamento/transporte

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Bordo exvertido sem inflexão, lábio boleado, corpo simples redondo

330mm

Porosa grosseira

Redutora parcial

Cinzento claro

Pasta grosseira, mal classificada, com feldspato. Tem grãos de tamanho variável desde, apresentando grãos de quartzo sub-rolados. Tem alguma cerâmica moída e grãos polimineralizados. Pasta dura, áspera, cozida a temperaturas altas. Cor laranja claro até o castanho-escuro alaranjado, mais frequente o laranja acastanhado.

18. Dólio

CV.172

Cerâmica armazenamento/transporte

Fragmento isolado passível de reconstituição muito parcial

Dólio de corpo simples direito de orientação vertical

Porosa grosseira

Redutora parcial

Cinzento avermelhado

Pasta grosseira, com inclusões não argilosas, mal classificada, dura e esponjosa. A sua cor é laranja acastanhada ou castanha até cinzenta escura e laranja amarelada.

19. Dólio

CV.178

Cerâmica armazenamento/transporte

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Dólio com fundo plano, corpo simples redondo bojo hemisférico

220mm

Porosa grosseira

Oxidante

Vermelho laranja

Pasta grosseira, mal classificada, com feldspato. Tem grãos de tamanho variável desde, apresentando grãos de quartzo sub-rolados. Tem alguma cerâmica moída e grãos polimineralizados. Pasta dura, áspera, cozida a temperaturas altas. Cor laranja claro até o castanho-escuro alaranjado, mais frequente o laranja acastanhado.

20. Pote

CV.529.68

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo exvertido com inflexão e com ressalto, lábio direito

120mm

Porosa normal

Redutora total

Cinzeno-escuro

Pasta grosseira, mal classificada, esponjosa e dura. Os elementos não argilosos são poucos ou raros, de tamanho pequeno e bem classificados. Ausência quase total de grãos polimineralizados. As peças com esta pasta são geralmente cozidas num forno redutor para ter uma cor acinzentada escura.

21. Pote

CV.532.68

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo exvertido com inflexão e sem ressalto, lábio direito

80mm

Porosa normal

Redutora parcial

Bege acinzentado

Pasta grosseira, mal classificada, esponjosa e não muito dura. O elemento não argiloso é o quartzo em grãos rolados. Ausência quase total de minerais ferromagnesianos. Pode incluir feldspato, grãos polimineralizados e mica. A cor é bastante escura: laranja acastanhada, com os bordos reduzidos de cinzeno-escuro ou preto.

22. Pote

CV.533.68

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo exvertido com inflexão e sem ressalto, lábio boleado

165mm

Porosa grosseira

Oxidante

Laranja

Pasta grosseira, mal classificada, com feldspato. Tem grãos de tamanho variável desde, apresentando grãos de quartzo sub-rolados. Tem alguma cerâmica moída e grãos polimineralizados. Pasta dura, áspera, cozida a temperaturas altas. Cor laranja claro até o castanho-escuro alaranjado, mais frequente o laranja acastanhado.

23. Pote

CV.526.68

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo exvertido com inflexão e sem ressalto, lábio direito

130mm

Porosa normal

Redutora total

Cinzeno-escuro

Pasta grosseira, mal classificada, esponjosa e dura. Os elementos não argilosos são poucos ou raros, de tamanho pequeno e bem classificados. Ausência quase total de grãos polimineralizados. As peças com esta pasta são geralmente cozidas num forno redutor para ter uma cor acinzentada escura.

24. Pote

CV.577.68

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo invertido com inflexão e sem ressalto, lábio direito

120mm

Porosa normal

Oxidante

Ocre alaranjado

Pasta comum com muitas inclusões não argilosas, de tamanho médio, bem classificada, dura e compacta ou pouco esponjosa. A cor é laranja-acastanhada ou ocre-alaranjado, até ao castanho escuro-alaranjado. Pode ter mica.

25. Pote

CV. 504

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo exvertido com inflexão e sem ressalto, lábio biselado

Porosa normal

Oxidante

Vermelho laranja

Pasta comum com muitas inclusões não argilosas, de tamanho médio, bem classificada, dura e compacta ou pouco esponjosa. A cor é laranja-acastanhada ou ocre-alaranjado, até ao castanho escuro-alaranjado. Pode ter mica.

26. Pote

CV.571.68

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo exvertido com inflexão e com ressalto, lábio direito

250mm

Brunida na face interna e externa

Oxidante

Vermelho rosa

Pasta comum com muitas inclusões não argilosas, de tamanho médio, bem classificada, dura e compacta ou pouco esponjosa. A cor é laranja-acastanhada ou ocre-alaranjado, até ao castanho escuro-alaranjado. Pode ter mica e cerâmica moída.

27. Pote

CV.704.68

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo invertido com inflexão e com ressalto, lábio direito

140mm

Porosa normal

Oxidante

Bege claro

Pasta comum com muitas inclusões não argilosas, de tamanho médio, bem classificada, dura e compacta ou pouco esponjosa. A cor é laranja-acastanhada ou ocre-alaranjado, até ao castanho escuro-alaranjado. Pode ter mica e cerâmica moída.

28. Pote

CV.572.68

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo exvertido com inflexão e sem ressalto, lábio direito

Porosa normal

Oxidante

Vermelho claro

Pasta grosseira, com inclusões não argilosas, mal classificada, dura e esponjosa. A sua cor é laranja acastanhada ou castanha até cinzenta escura e laranja amarelada.

29. Pote

CV.433

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo exvertido com inflexão e sem ressalto, lábio biselado

190mm

Porosa normal

Redutora parcial

Cinzento bege

Pasta grosseira, mal classificada, esponjosa e não muito dura. O elemento não argiloso é o quartzo em grãos rolados. Ausência quase total de minerais ferromagnesianos. Pode incluir feldspato, grãos polimineralizados e mica. A cor é bastante escura: laranja acastanhada, com os bordos reduzidos de cinzento-escuro ou preto.

30. Pote

CV.434

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo exvertido com arranque de asa vertical

Porosa normal

Oxidante

Vermelho acinzentado

Pasta grosseira, mal classificada, esponjosa e não muito dura. O elemento não argiloso é o quartzo em grãos rolados. Ausência quase total de minerais ferromagnesianos. Pode incluir feldspato, grãos polimineralizados e mica. A cor é bastante escura: laranja acastanhada, com os bordos reduzidos de cinzento-escuro ou preto.

31. Pote

CV.442

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo exvertido com inflexão e sem ressalto, lábio boleado

110mm

Porosa normal

Redutora parcial

Cinzentos avermelhados

Pasta grosseira, mal classificada, esponjosa e dura. Os elementos não argilosos são poucos ou raros, de tamanho pequeno e bem classificados. Ausência quase total de grãos polimineralizados. As peças com esta pasta são geralmente cozidas num forno redutor para ter uma cor acinzentada escura.

32. Pote

CV.445

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição muito parcial

Pote de bojo de corpo simples, redondo, hemisférico

Porosa normal

Oxidante

Vermelho

Pasta comum com muitas inclusões não argilosas, de tamanho médio, bem classificada, dura e compacta ou pouco esponjosa. A cor é laranja-acastanhada ou ocre-alaranjado, até ao castanho escuro-alaranjado. Pode ter mica e cerâmica moída.

33. Panela

CV.381

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo voltado para o exterior formando uma asa horizontal descolada do bojo e parede oblíqua

180mm

Porosa normal

Oxidante

Vermelho alaranjado

Pasta grosseira, com inclusões não argilosas, mal classificada, dura e esponjosa. A sua cor é laranja acastanhada ou castanha até cinzenta escura e laranja amarelada.

34. Panela

CV.438

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição muito parcial

Bordo exvertido com inflexão e sem ressalto, lábio triangular

132mm

Porosa normal

Oxidante

Vermelho alaranjado

Pasta comum com muitas inclusões não argilosas, de tamanho médio, bem classificada, dura e compacta ou pouco esponjosa. A cor é laranja-acastanhada ou ocre-alaranjado, até ao castanho escuro-alaranjado. Pode ter mica e cerâmica moída.

35. Jarro  
CV.204  
Cerâmica comum  
Fragmentada passível de reconstituição muito parcial  
Bordo exvertido sem inflexão e sem ressalto e com asa vertical  
Porosa grosseira  
Oxidante  
Vermelho rosa  
Pasta grosseira, com inclusões não argilosas, mal classificada, dura e esponjosa. A sua cor é laranja acastanhada ou castanha até cinzenta escura e laranja amarelada.

36. Jarro  
CV.505  
Cerâmica comum  
Fragmentada passível de reconstituição muito parcial  
Bordo exvertido sem inflexão e sem ressalto e com asa vertical  
Porosa normal  
Redutora parcial  
Cinzento claro  
Pasta grosseira, com inclusões não argilosas, mal classificada, dura e esponjosa. A sua cor é laranja acastanhada ou castanha até cinzenta escura e laranja amarelada

37. Jarro  
CV.627.45  
Cerâmica comum  
Restaurada e em bom estado de preservação  
Jarro com bico pontiagudo, bordo exvertido com inflexão e sem ressalto, lábio direito  
190mm  
Porosa normal  
Oxidante  
Vermelho alaranjado  
Pasta comum com muitas inclusões não argilosas, de tamanho médio, bem classificada, dura e compacta ou pouco esponjosa. A cor é laranja-acastanhada ou ocre-alaranjado, até ao castanho escuro-alaranjado. Pode ter mica e cerâmica moída.

38. Jarro  
CV.622.45  
Cerâmica comum  
Fragmento isolado passível de reconstituição parcial  
Jarro com bordo exvertido com inflexão e sem ressalto com asa vertical colada ao bojo e de parede oblíqua  
230mm  
Porosa normal  
Oxidante  
Bege avermelhado  
Pasta comum com muitas inclusões não argilosas, de tamanho médio, bem classificada, dura e compacta ou pouco esponjosa. A cor é laranja-acastanhada ou ocre-alaranjado, até ao castanho escuro-alaranjado. Pode ter mica e cerâmica moída.



39. Jarro

CV.613.45

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Jarro com bico pontiagudo, bordo exvertido com inflexão e sem ressalto, lábio boleado 60mm

Porosa normal

Redutora total

Cinzentos-escuros avermelhados

Pasta grosseira, com inclusões não argilosas, mal classificadas, duras e esponjosas. A sua cor é laranja acastanhada ou castanha até cinzenta escura e laranja amarelada.

40. Jarro

CV.566.68

Cerâmica comum

Fragmento passível de reconstituição parcial

Bordo exvertido com inflexão e sem ressalto com arranque de asa

Porosa normal

Oxidante

Vermelho rosado

Pasta depurada, com poucas inclusões não argilosas de tamanho pequeno, bem classificadas, pouco esponjosas, brandas, de cor laranja ou ocre-alaranjado. Abundância de mica

41. Taça

CV.205

Cerâmica comum

Peça restaurada

Taça de base contínua convexa e fundo côncavo, corpo simples redondo hemisférico, bordo exvertido com inflexão e sem ressalto, lábio boleado

45mm

Porosa normal

Oxidante

Vermelho acinzentado

Pasta grosseira, esponjosa e não muito dura. Os elementos não argilosos são poucos ou raros, de tamanho pequeno e bem classificados. Ausência quase total de grãos polimineralizados. As peças desta pasta foram geralmente cozidas num forno redutor para conseguir uma cor acinzentada escura.

42. Taça

CV.522

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Bordo exvertido com inflexão e sem ressalto, bojo simples direito com orientação vertical

250mm

Porosa normal

Oxidante

Rosa avermelhado

Pasta comum com muitas inclusões não argilosas, de tamanho médio, bem classificada, dura e compacta ou pouco esponjosa. A cor é laranja-acastanhada ou ocre-alaranjado, até ao castanho escuro-alaranjado. Pode ter mica.

43. Taça

CV.528.68

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Bordo exvertido com inflexão sem ressalto, lábio biselado

250mm

Porosa normal

Oxidante

Vermelho alaranjado

Pasta comum com muitas inclusões não argilosas, de tamanho médio, bem classificada, dura e compacta ou pouco esponjosa. A cor é laranja-acastanhada ou ocre-alaranjado, até ao castanho escuro-alaranjado. Pode ter mica.

44.Prato

CV.615.45

Cerâmica Terra Sigillata Africana

Fragmento isolado passível de reconstituição muito parcial

Fragmento da base com pormenor de decoração estampada

Vermelho cor-de-rosa

Pasta do tipo *sigillata* clara D

45. Prato

CV.616.45

Cerâmica Terra sigillata Africana

Fragmento isolado passível de reconstituição muito parcial

Engobe liso, bordo exvertido sem inflexão, lábio boleado

250mm

Vermelho claro

Pasta tipo *sigillata* clara D

46.Indeterminada

CV.617.45

Cerâmica Terra sigillata Africana

Fragmento isolado passível de reconstituição muito parcial

Engobe liso.

Laranja avermelhado

Pasta tipo *sigillata* clara D

47. Taça

CV.618.45

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Bordo exvertido com inflexão e com ressalto, lábio triangular

200mm

Porosa normal

Oxidante

Rosa avermelhado

Pasta branda. O elemento não argiloso mais significativo é a cerâmica moída. Também existem muitos grãos rolados de quartzo, trata-se de uma pasta transportada. Encontram-se poucos grãos de feldspato e/ou mica. A sua classificação é boa e a cor laranja amarelada.

48. Tampa

CV.435.02

Cerâmica comum

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Tampa de corpo simples, tosco, de forma mais ou menos direita, com pega vertical

210mm

Porosa grosseira

Oxidante

Bege acinzentado

Pasta grosseira, mal classificada, esponjosa e não muito dura. O elemento não argiloso é o quartzo em grãos rolados. Ausência quase total de minerais ferromagnesianos. Pode incluir feldspato, grãos polimineralizados e mica. A cor é bastante escura: laranja acastanhada, com os bordos reduzidos de cinzento-escuro ou preto.

49. Lucerna

CV.645.45

Cerâmica fina africana

Reconstituída e em bom estado de preservação

Tipo Deneauve VII

Comp. 170mm, larg. máx. 85mm; alt. 30mm

Laranja avermelhado

Pasta branda. Encontram-se poucos grãos de feldspato e/ou mica. Pasta africana, a cor vermelho amarelado.

50. Cântaro

CV.586

Cerâmica comum

Fragmentada e passível de reconstituição parcial

Bordo exvertido com inflexão e com ressalto, lábio boleado, colo simples com orientação vertical

180mm

Porosa normal

Oxidante

Vermelho amarelado

Pasta comum com muitas inclusões não argilosas, de tamanho médio, bem classificada, dura e compacta ou pouco esponjosa. A cor é laranja-acastanhada ou ocre-alaranjado, até ao castanho escuro-alaranjado. Pode ter mica.

51. Bilha

CV.612.45

Cerâmica comum

Pouco fragmentada passível de reconstituição quase integral

Bilha de bojo simples e redondo, hemisférico, com bordo exvertido com inflexão e sem ressalto. Asa de fita que arranca do colo indo apoiar no final do primeiro terço da peça.

120mm

Decoração brunida

Oxidante

Vermelho

Pasta grosseira, mal classificada, com feldspato. Tem grãos de tamanho variável desde, apresentando grãos de quartzo sub-rolados. Tem alguma cerâmica moída e grãos poliminerizados. Pasta dura, áspera, cozida a temperaturas altas. Cor laranja claro até o castanho-escuro alaranjado, mais frequente o laranja acastanhado.

52. Bilha

CV.569.68

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição muito parcial

Asa de secção oval orientada verticalmente

Porosa normal

Oxidante

Vermelho rosa

Pasta branda. O elemento não argiloso mais significativo é a cerâmica moída. Também existem muitos grãos rolados de quartzo, trata-se de uma pasta transportada.

Encontram-se poucos grãos de feldspato e/ou mica. A classificação é boa e a cor laranja amarelada

53. Bilha

CV.570.68

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição muito parcial

Bojo de corpo simples redondo, hemisférico, com asa de secção plana e orientação vertical

Porosa normal

Oxidante

Vermelho rosa

Pasta branda. O elemento não argiloso mais significativo é a cerâmica moída. Também existem muitos grãos rolados de quartzo, trata-se de uma pasta transportada.

Encontram-se poucos grãos de feldspato e/ou mica. A classificação é boa e a cor laranja amarelada.

54. Bilha

CV.620.45

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição muito parcial

Bojo de corpo simples, redondo, com arranque de asa horizontal, de secção redonda

240mm

Porosa normal

Oxidante

Vermelho amarelado

Pasta branda. O elemento não argiloso mais significativo é a cerâmica moída. Também existem muitos grãos rolados de quartzo, trata-se de uma pasta transportada.

Encontram-se poucos grãos de feldspato e/ou mica. A classificação é boa e a cor laranja amarelada

55. Tigela

CV.611.45

Cerâmica comum

Peça reconstituída quase integralmente, em bom estado de preservação

Tigela de corpo simples redondo, hemisférico, com fundo plano e base contínua rasa, bordo exvertido com inflexão, sem ressalto, lábio biselado

162mm

Porosa normal

Oxidante

Amarelo avermelhado

Pasta grosseira, mal classificada, com feldspato. Tem grãos de tamanho variável desde, apresentando grãos de quartzo sub-rolados. Tem alguma cerâmica moída e grãos polimineralizados. Pasta dura, áspera, cozida a temperaturas altas. Cor laranja claro até o castanho-escuro alaranjado, mais frequente o laranja acastanhado.

56. Tigela

CV.619.45

Cerâmica comum

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Bordo exvertido sem inflexão, lábio direito

120mm

Canelada/porosa normal

Oxidante

Vermelho amarelado

Pasta comum com muitas inclusões não argilosas, de tamanho médio, bem classificada, dura e compacta ou pouco esponjosa. A cor é laranja-acastanhada ou ocre-alaranjado, até ao castanho escuro-alaranjado. Pode ter mica e cerâmica moída.

57. Garrafa

CV.671.68

Vidro

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Forma 50 de Isings

6 cm

58. Indeterminado

CV. 672

Vidro

Fragmentada passível de reconstituição parcial

Forma indeterminada.

16 cm

59. Garrafa

CV.646.45

Vidro

Fragmento isolado passível de reconstituição parcial

Forma 50 de Isings

4 cm

60. Copo  
CV.772  
Vidro  
Fragmento isolado passível de reconstituição parcial  
Forma 108 de Isings  
3 cm

61. Pé com esfera de um cálice  
CV.670  
Vidro  
Fragmento isolado passível de reconstituição parcial  
Forma AstLC8.02 ou AstLC8.03  
5 cm

62. Indeterminado  
CV.674.68  
Vidro  
Fragmento isolado passível de reconstituição parcial  
Forma Indeterminada  
5,5 cm

63. Indeterminado  
CV.676  
Vidro  
Fragmento isolado passível de reconstituição parcial  
Forma Indeterminada  
7 cm

64. Fivela  
CV. 696.68  
Metal/Bronze  
Sem agulha. Em corrosão  
Fivela de tipo visigótica  
Altura - 40mm; largura - 29mm; espessura – 5mm

65. Sapato  
CV.697  
Metal/Bronze  
Fragmento. Em corrosão  
Chapa de bronze de forma semicircular, com duas perfurações  
Largura - 72mm; altura - 21mm, espessura da lâmina – 1mm

66. Peso de chumbo  
CV.684.45  
Metal/Chumbo  
Inteiro. Em corrosão  
Peso de forma cilíndrica  
45x34mm

67. Prego

CV.685.45

Metal/Bronze

Inteiro

Prego de cabeça ovalada com secção quadrada.

28mm; 3mm

68. Prego

CV.686.45

Metal/Bronze

Inteiro

Prego de cabeça ovalada com secção quadrada na área junto à cabeça e circular na ponta. A haste encontra-se ondulada possivelmente por acção de utilização.

29mm; 4mm

69. Prego

CV.687.45

Metal/Ferro

Inteiro. Em corrosão

Prego de cabeça troncocónica secção quadrada.

38mm; 5mm

70. Prego

CV.688.45

Metal/Ferro

Inteiro. Em corrosão

Prego de cabeça troncocónica secção quadrada.

52mm; 5mm

71. Fíbula

CV.689.45

Metal/Cobre

Fragmento

Fíbula com secção circular e com decoração.

66mm; 9mm, secção da cabeça 3x3mm;

72. Bracelete

CV.691.45

Metal/Bronze

Inteira. Em corrosão

Bracelete de forma circular com decoração incisa, secção oval

66x70 mm, secção 3mm

73. Anel

CV.694.45

Metal/Bronze

Inteiro. Em corrosão

Anel de forma circular e secção rectangular

Diâmetro – 16x20mm, secção da lâmina - 1mm



74. Aplique

CV.695.45

Metal/Bronze

Inteiro. Em corrosão

Aplique de forma zoomórfica e com decoração incisa, com secção rectangular

43mm; 1mm

75. Agulha

CV.690.45

Metal/Bronze

Inteiro. Em corrosão

Agulha com cabeça rectangular, com secção rectangular na zona da cabeça e secção oval no resto da peça.

111mm; 5mm

76. Brinco

CV.692.45

Metal/Bronze

Inteiro. Em corrosão

Brinco de forma circular e cabeça quadrada com decoração, secção oval e quadrada na cabeça, com decoração incisa.

D. 26x;27mm, secção da cabeça – 4mm

77. Brinco

CV.693.45

Metal/Bronze

Inteiro. Em corrosão

Brinco de forma circular e cabeça cilíndrica, secção oval.

33x32mm, secção da cabeça – 3mm

78. Lança

CV.698.45

Metal/Ferro

Fragmento.

Lança de forma irregular

250mm; 28mm

79. Lança

CV.699.45

Metal/Ferro

Fragmentada.

Lança de forma irregular, com secção trapezoidal e oval

271mm; 21mm

80. Escória

CV.710.68

Metal

Fragmento. Em corrosão

Pequena escória de forma irregular.

81. Pega  
CV.700.45

Osso

Cabo de osso, sem a parte superior. Com ornamentação talhada, 7 sulcos. É polido. Tem a secção elíptica.

Comprimento: 86mm; secção: 6x9mm

82. Mó  
CV. 597

Cerâmica

Mó manual

Pasta feldspática, usada para a fabricação de cântaros e dólios das épocas tardo e pós-romanas. Pasta grosseira, mal ou medianamente classificada, onde feldspato é o ingrediente mais característico e abundante. Apresenta-se em grãos de tamanho variável desde o pequeno até ao grande. O quartzo é em menor quantidade, apresentando grãos sub-rolados até sub-angulosos. Também tem cerâmica moída e grãos poliminerizados. É uma pasta dura, áspera, cozida a temperaturas altas, dando tons de laranja claro até o castanho-escuro alaranjado, sendo mais frequente o laranja acastanhado.

83. Mó  
CV.716

Pedra

Mó manual de Granito

89. Moeda romana  
CV.718.45

Metal/Bronze

Moeda romana em mau estado de conservação

27mm, 27mm

90. Real Preto/Ceitel  
CV.719.45

Metal/Cobre

Moeda do reinado de D. João I ou D. Duarte I

21mm, 22mm

91. Ceitel  
CV.720.45

Metal/Cobre

Ceitel do reinado de D. Afonso V

21mm, 21mm

92. Tostão  
CV. 721.45

Metal/Prata

1 Tostão do reinado de D. João VI

21mm, 21mm

93.Ceitel  
CV.722.45  
Metal/Cobre  
Ceitel do reinado de D. Afonso V  
21mm, 21mm

94. Ceitel  
CV.723.45  
Metal/Bronze  
Ceitel do reinado de D. Afonso V  
20mm, 20mm

95.Ceitel  
CV.724.45  
Metal/Bronze  
Ceitel do reinado de D. Afonso V  
20mm, 20mm

96. Sestércio  
CV.725.45  
Metal/Bronze  
Sestércio do reinado de Filipe I  
29mm, 29mm

97. Follis  
CV.726.45  
Metal/Bronze  
Follis do reinado de Constantino I  
20mm, 20mm

98.  $\frac{1}{4}$  Centesimal  
CV.727.45  
Metal/Bronze  
 $\frac{1}{4}$  Centesimal do reinado de Constante I  
16mm, 16mm

99.  $\frac{1}{4}$  Centesimal  
CV.728.45  
Metal/Bronze  
 $\frac{1}{4}$  Centesimal do reinado de Constante I  
16mm, 16mm

100.  $\frac{1}{4}$  Centesimal  
CV.729.45  
Metal/Bronze  
 $\frac{1}{4}$  Centesimal do reinado de Constâncio II  
16mm, 16mm

101. ½ Centesimal  
CV.730.45  
Metal/Bronze  
½ Centesimal do reinado de Constâncio II ou Contâncio Gallo  
18mm, 18mm

102. ¼ Centesimal  
CV.731.45  
Metal/Bronze  
¼ Centesimal do reinado de Valentiniano I  
16mm, 16mm

103.Centesimal  
CV.732.45  
Metal/Bronze  
Centesimal do reinado de Valentiniano II  
22mm, 22mm

104. Maiorina  
CV.733.45  
Metal/Bronze  
Maiorina do reinado de Valentiniano II  
21mm, 21mm

105. Centesimal  
CV.734.45  
Metal/Bronze  
Centesimal do reinado de Valentiniano II  
23mm, 23mm

106.Centesimal  
CV.735.45  
Metal/Bronze  
Centesimal do reinado de Teodósio I  
22mm, 22mm

107.Centesimal  
CV. 736.45  
Metal/Bronze  
Centesimal do reinado de Teodósio I  
20mm, 20mm

108. Centesimal  
CV.737.45  
Metal/Bronze  
Centesimal do reinado de Teodósio I  
22mm, 22mm

109. Maiorina  
CV.770  
Metal/Bronze  
Maiorina do reinado de Magno Máximo  
23mm, 23mm

110.Tegula  
CV.544.68  
Cerâmica comum  
Fragmento de tegula

111.Tegula  
CV.542.68  
Cerâmica comum  
Fragmento de tegula

112.Tegula  
CV.531.68  
Cerâmica comum  
Fragmento de tegula

113. Telha  
CV.378  
Cerâmica comum  
Fragmento de telha

114.Telha  
CV.556.68  
Cerâmica comum  
Fragmento de telha

115.Telha  
CV.649.68  
Cerâmica comum  
Fragmento de telha

116.Tijolo  
CV.190  
Cerâmica comum  
Fragmento de tijolo

117.Tijolo  
CV.191  
Cerâmica comum  
Fragmento de tijolo

118.Tijolo  
CV.503  
Cerâmica comum  
Fragmento de tijolo

119.Tijolo  
CV.549  
Cerâmica comum  
Fragmento de tijolo

120.Tijolo  
CV.561.68  
Cerâmica comum  
Fragmento de tijolo

121.Tijolo  
CV.562.68  
Cerâmica comum  
Fragmento de tijolo

122.Tijolo  
CV.547.68  
Cerâmica comum  
Fragmento de tijolo

123. Peso de tear  
CV.189  
Cerâmica comum  
Fragmento de peso de tear

124.Peso de tear  
CV.554  
Cerâmica comum  
Fragmento de peso de tear

125. Peso de tear  
CV.717.96  
Cerâmica comum  
Fragmento de peso de tear

126.Indeterminado  
CV.203  
Cerâmica comum

127. Indeterminado  
CV.425.68  
Cerâmica comum

128. Indeterminado  
CV.436  
Cerâmica comum

129. Indeterminado  
CV.439  
Cerâmica comum

130. Indeterminado  
CV.441  
Cerâmica comum

131. Indeterminado  
CV.443  
Cerâmica comum

132. Indeterminado  
CV.446  
Cerâmica comum

133. Indeterminado  
CV.447  
Cerâmica comum

134. Indeterminado  
CV.448  
Cerâmica comum

135. Indeterminado  
CV.521.68  
Cerâmica comum

136. Indeterminado  
CV.534.68  
Cerâmica comum

137. Indeterminado  
CV.535  
Cerâmica comum

138. Indeterminado  
CV.536.68  
Cerâmica comum

139. Indeterminado  
CV.537.68  
Cerâmica comum

140. Indeterminado  
CV.538.68  
Cerâmica comum

141. Indeterminado  
CV.539.68  
Cerâmica comum



142. Indeterminado  
CV.530.68  
Cerâmica comum

143. Indeterminado  
CV.541.68  
Cerâmica comum

144. Indeterminado  
CV.543  
Cerâmica comum

145. Indeterminado  
CV.545  
Cerâmica comum

146. Indeterminado  
CV.548.68  
Cerâmica comum

147. Indeterminado  
CV.550.68  
Cerâmica comum

148. Indeterminado  
CV.551.68  
Cerâmica comum

149. Indeterminado  
CV.565.68  
Cerâmica comum

150. Indeterminado  
CV.573  
Cerâmica comum

151. Indeterminado  
CV.624.45  
Cerâmica comum

152. Indeterminado  
CV.625.45  
Cerâmica comum

153. Indeterminado  
CV.703.68  
Cerâmica comum

154. Indeterminado  
CV.444  
Conjunto de fragmentos de bojo.  
Cerâmica comum

155.Indeterminado  
CV.677.68  
Conjunto de fragmentos de bojo.  
Cerâmica comum

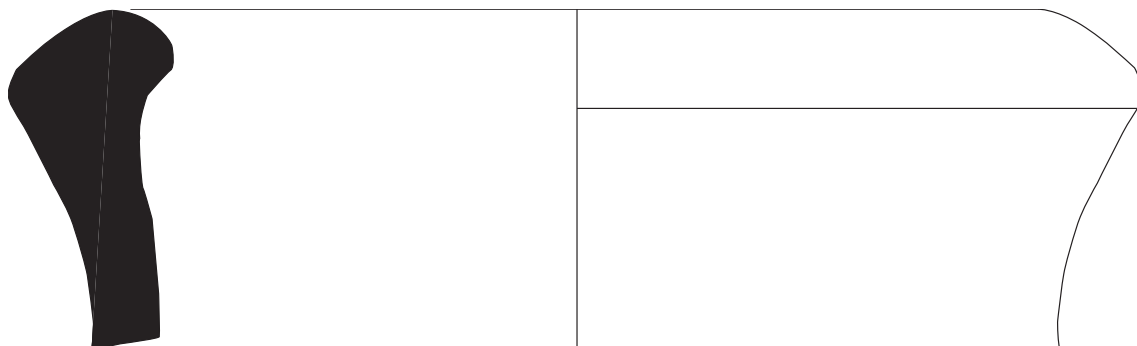
156.Indeterminado  
CV.707.68  
Conjunto de fragmentos de bojo  
Cerâmica comum

157.Indeterminado  
CV.745  
Conjunto de fragmentos de bojo  
Cerâmica comum.

## ANEXO II – ESTAMPAS

### Estampa I - Ânforas

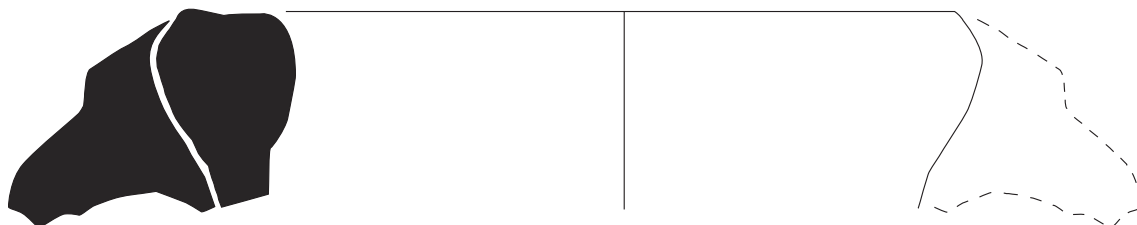
1



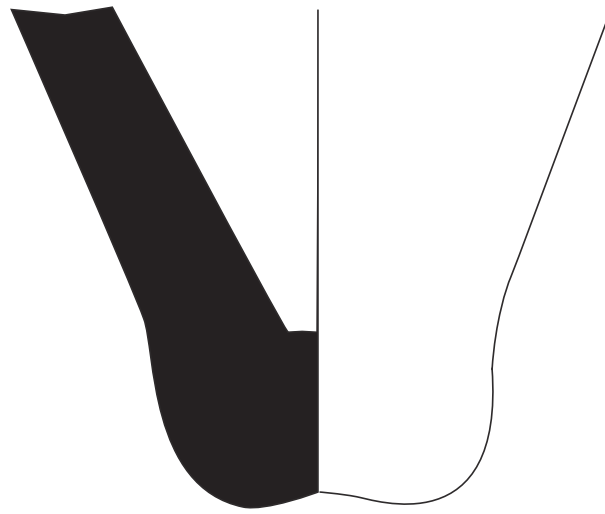
2



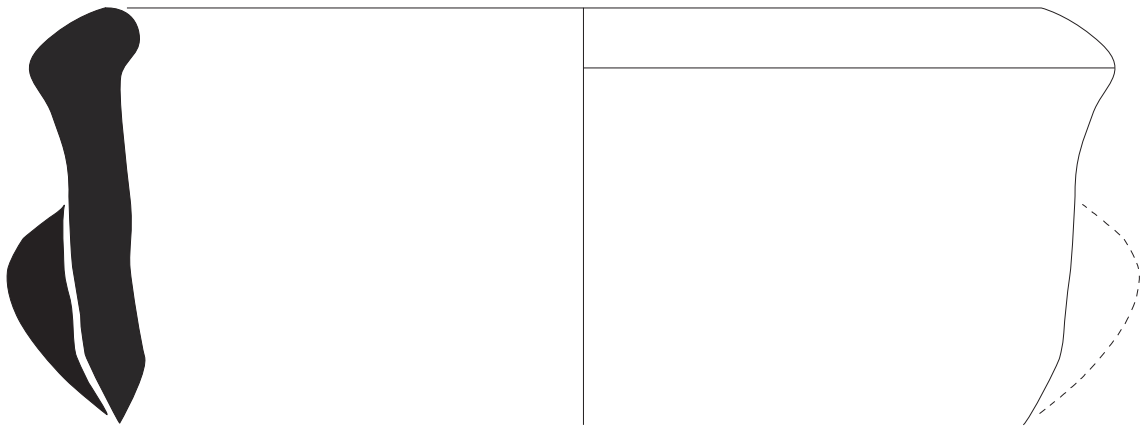
3



5

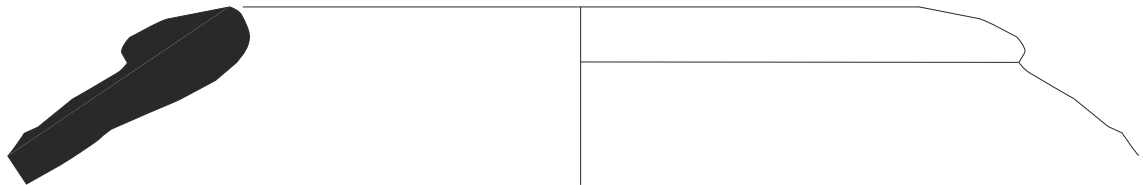


6

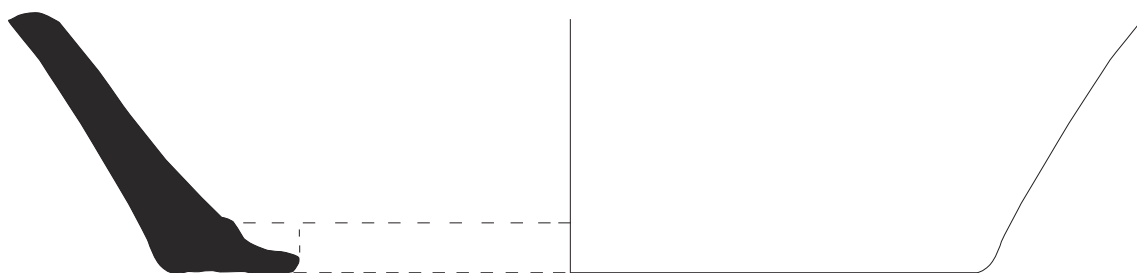


Estampa II - Dólios

8



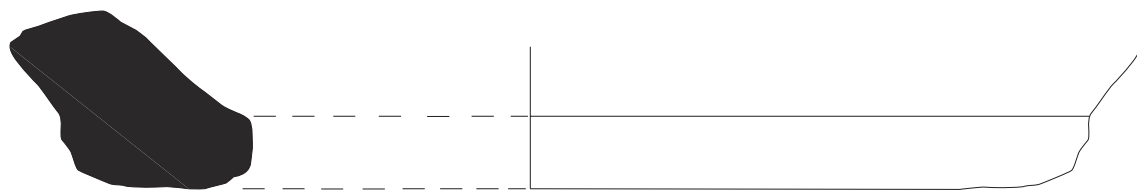
11



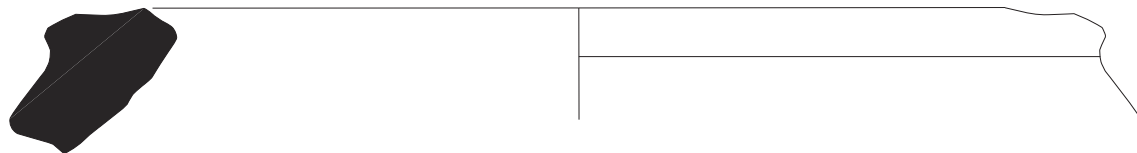
12



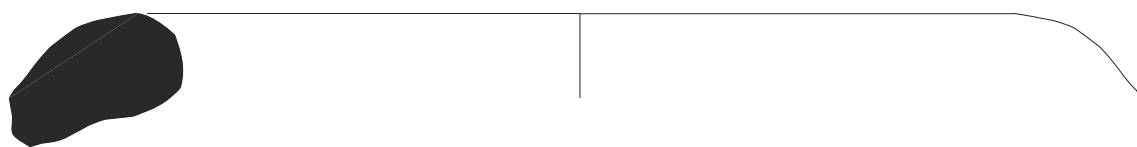
15



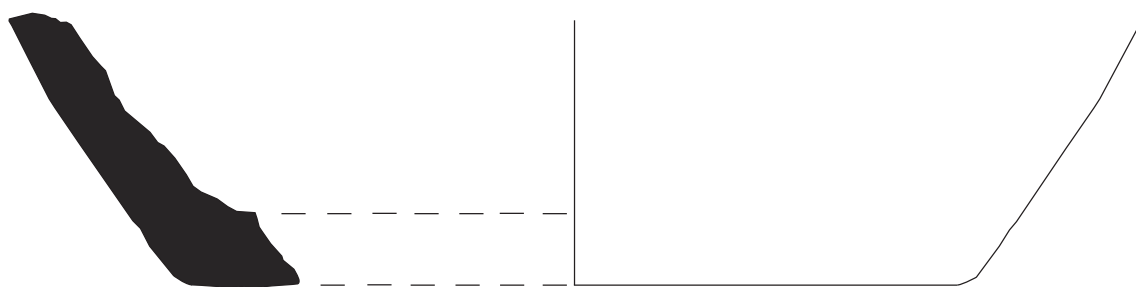
16



17

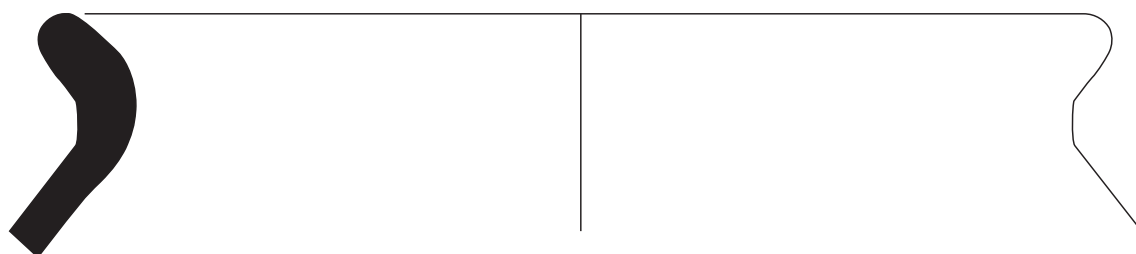


19

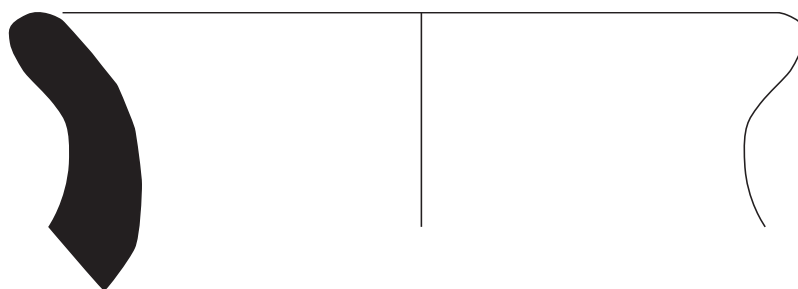


Estampa III – Potes

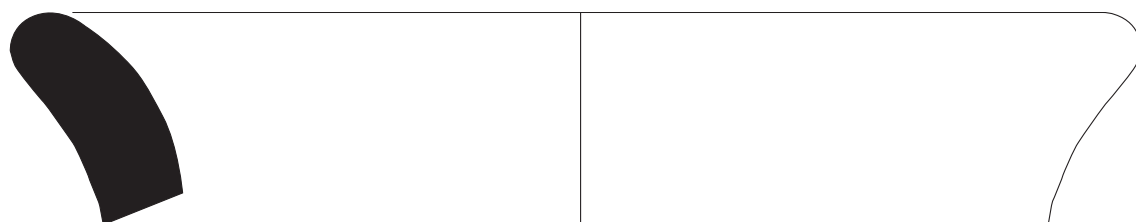
20



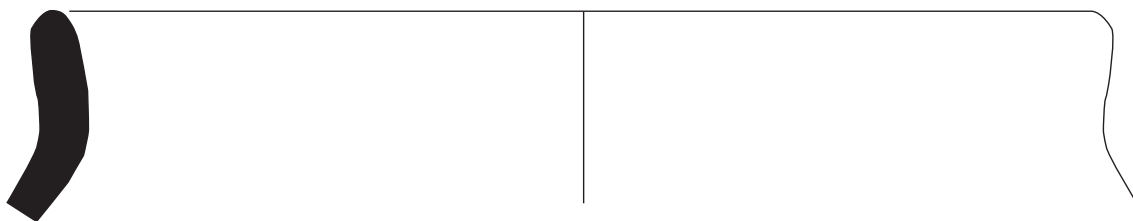
21



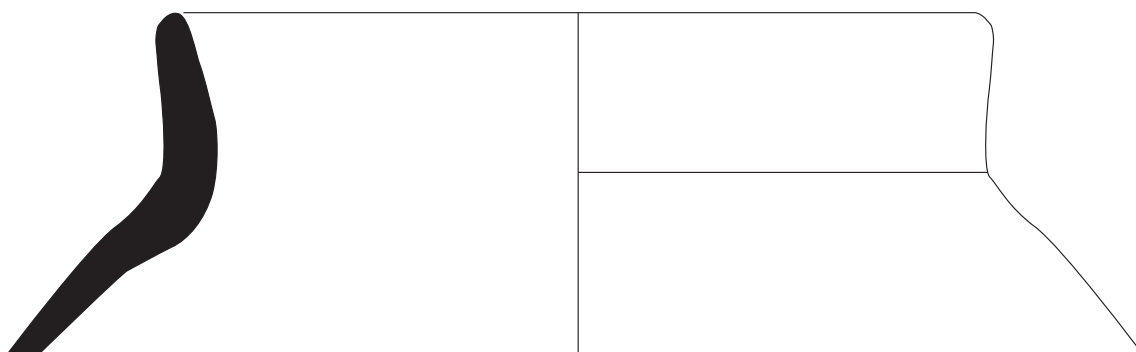
22



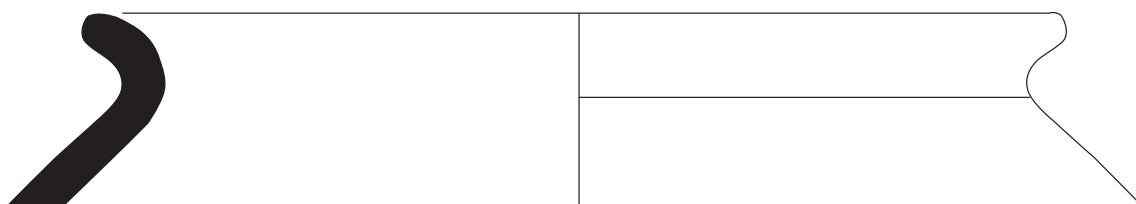
23



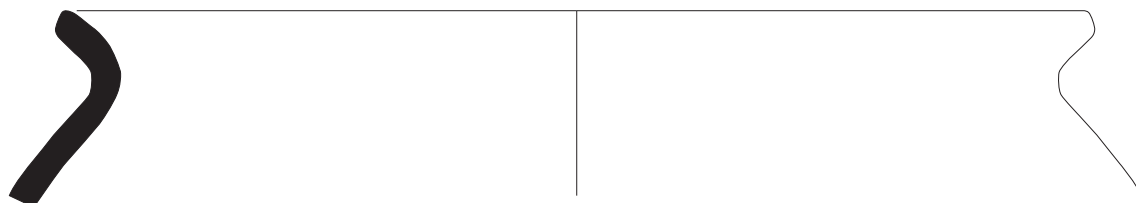
24



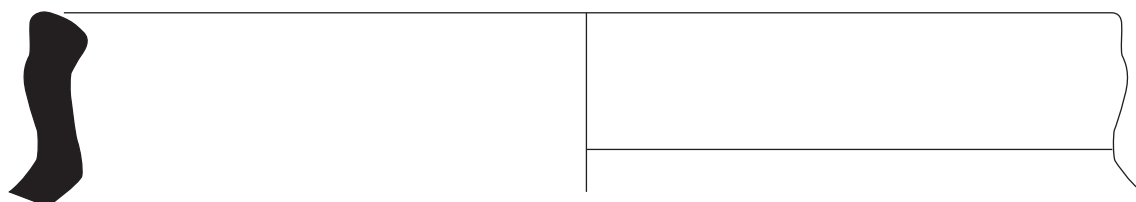
25



26



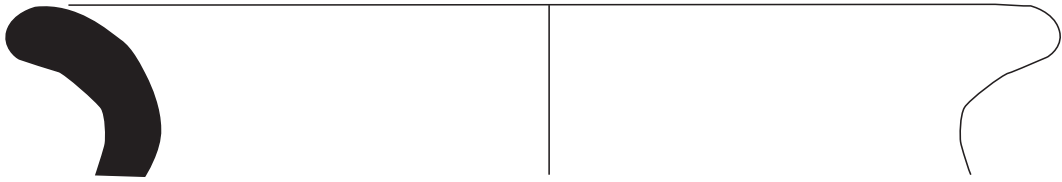
27



29

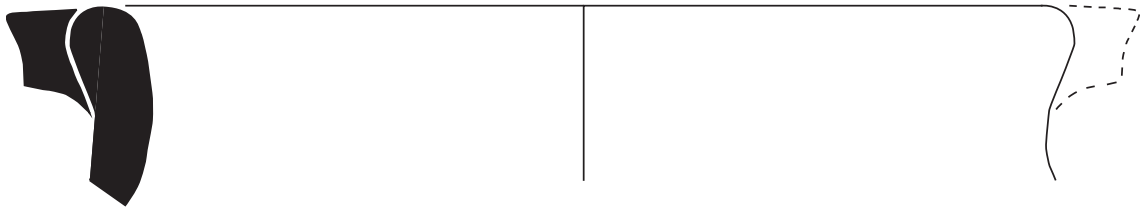


31

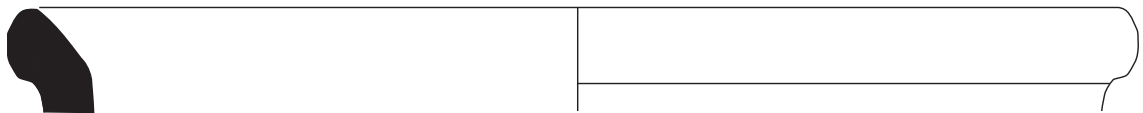


Estampa IV – Painelas

33

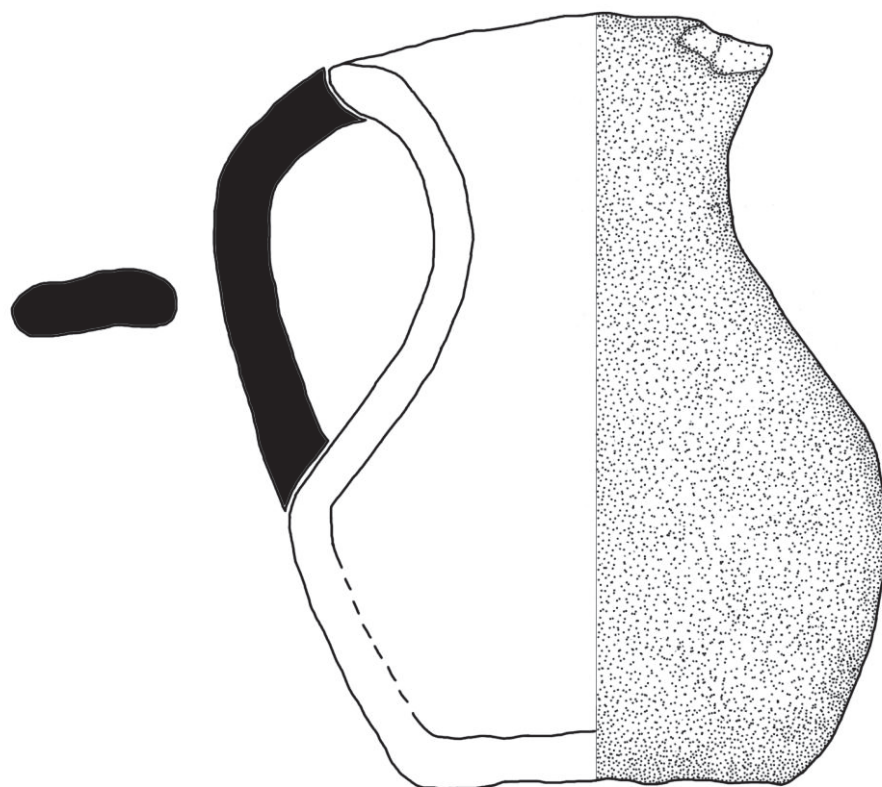


34

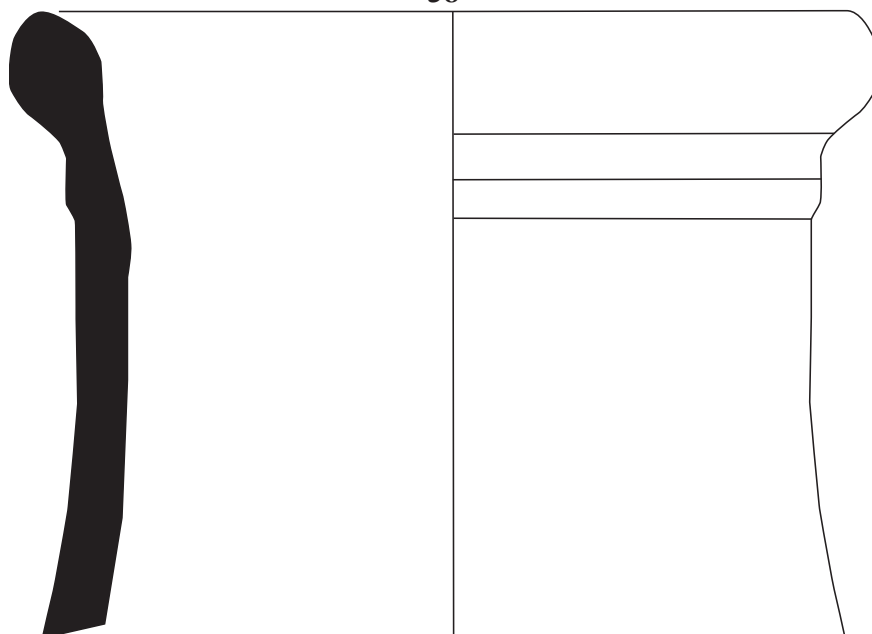


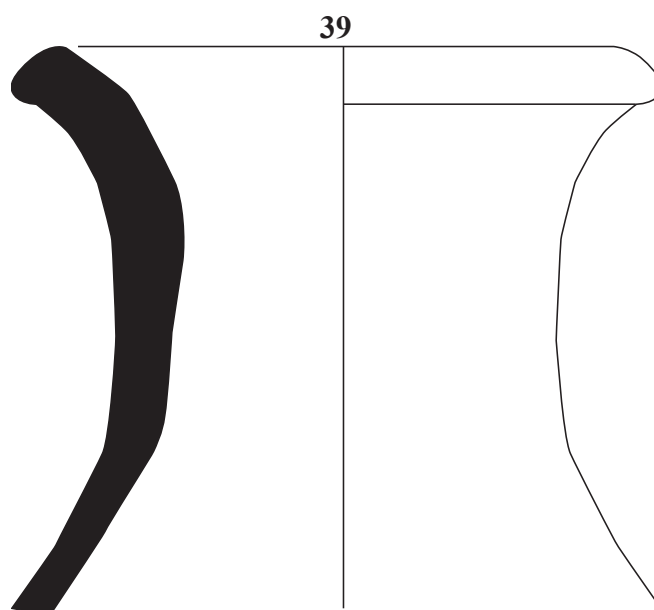


Estampa V – Jarros  
37



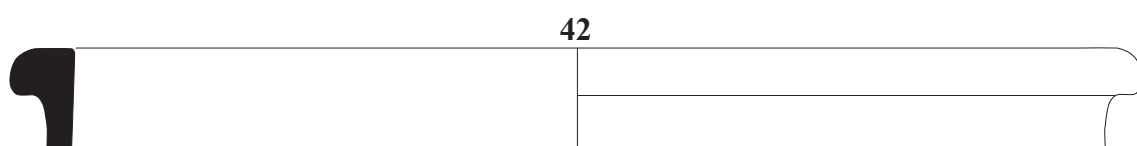
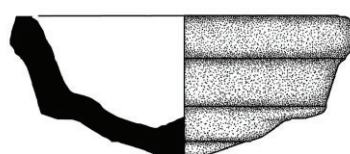
38



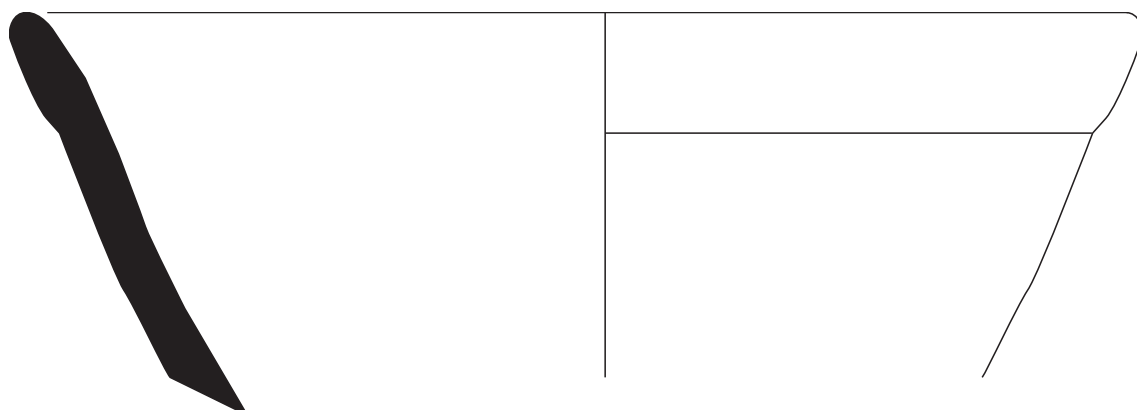


Estampa VI – Taças

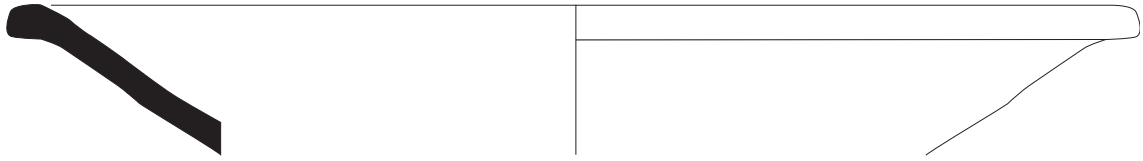
41



43

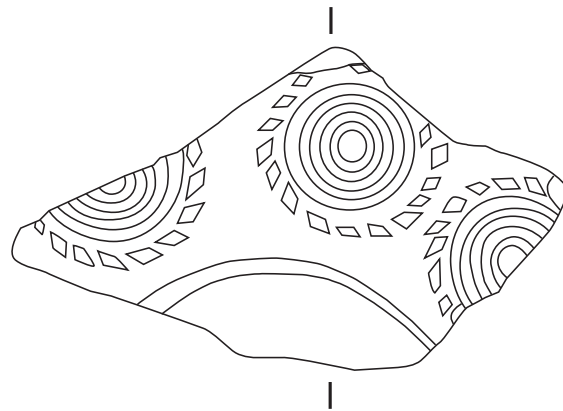


47



Estampa VII – Pratos

44

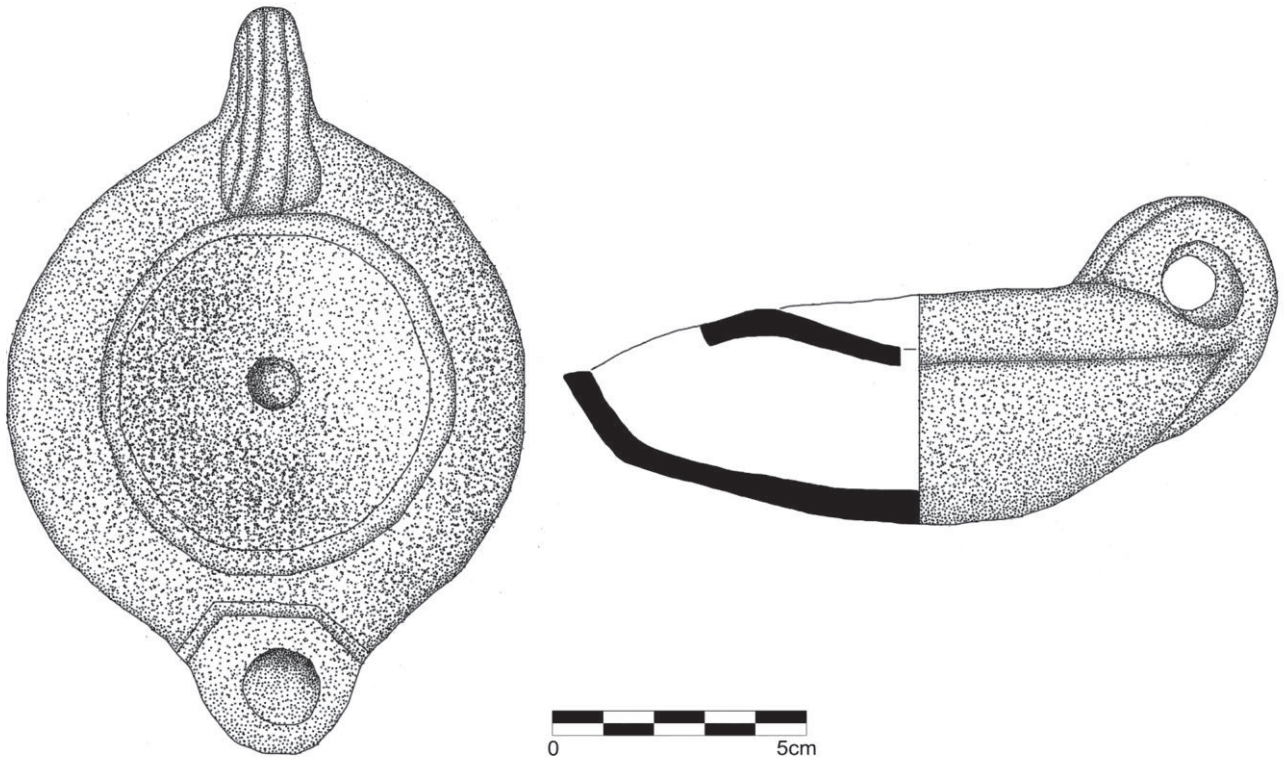


45



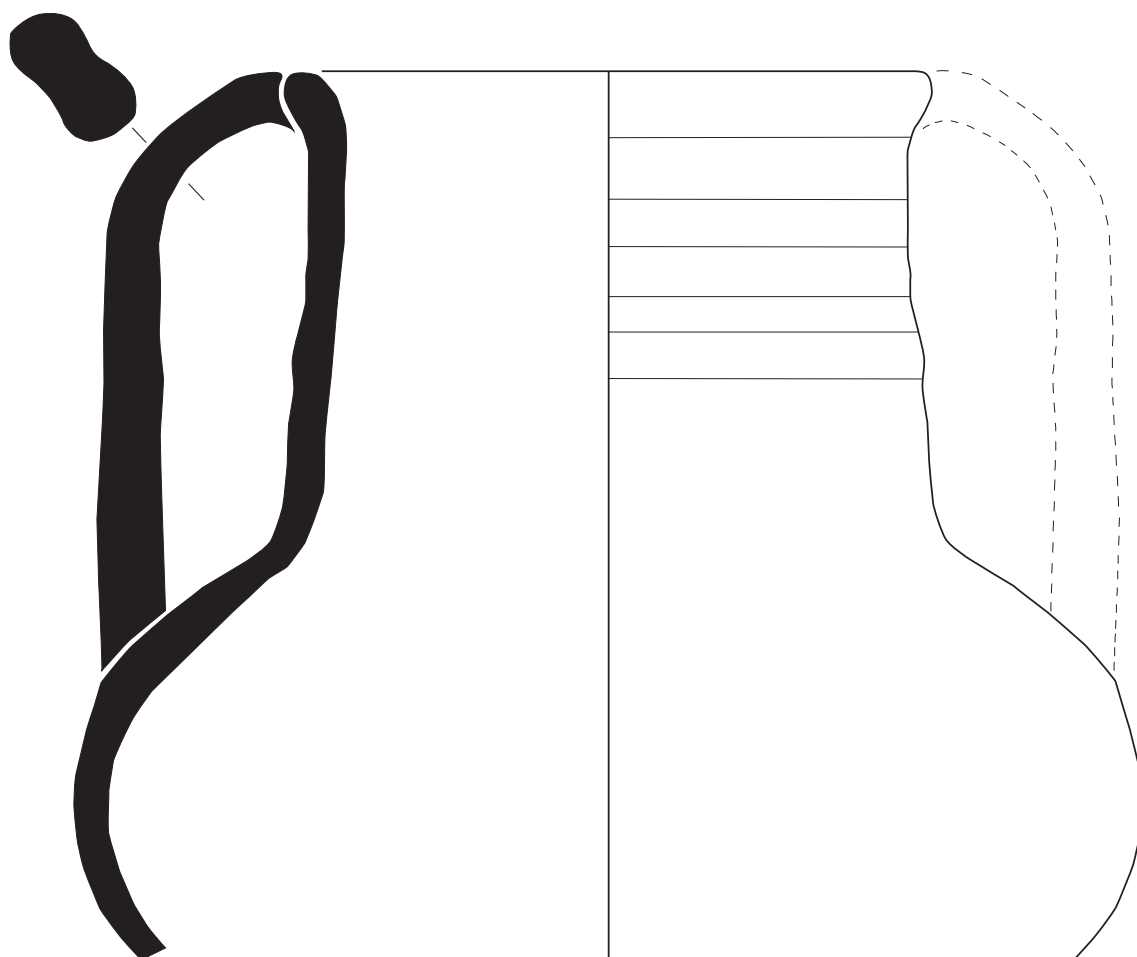
Estampa VIII – Lucerna

49



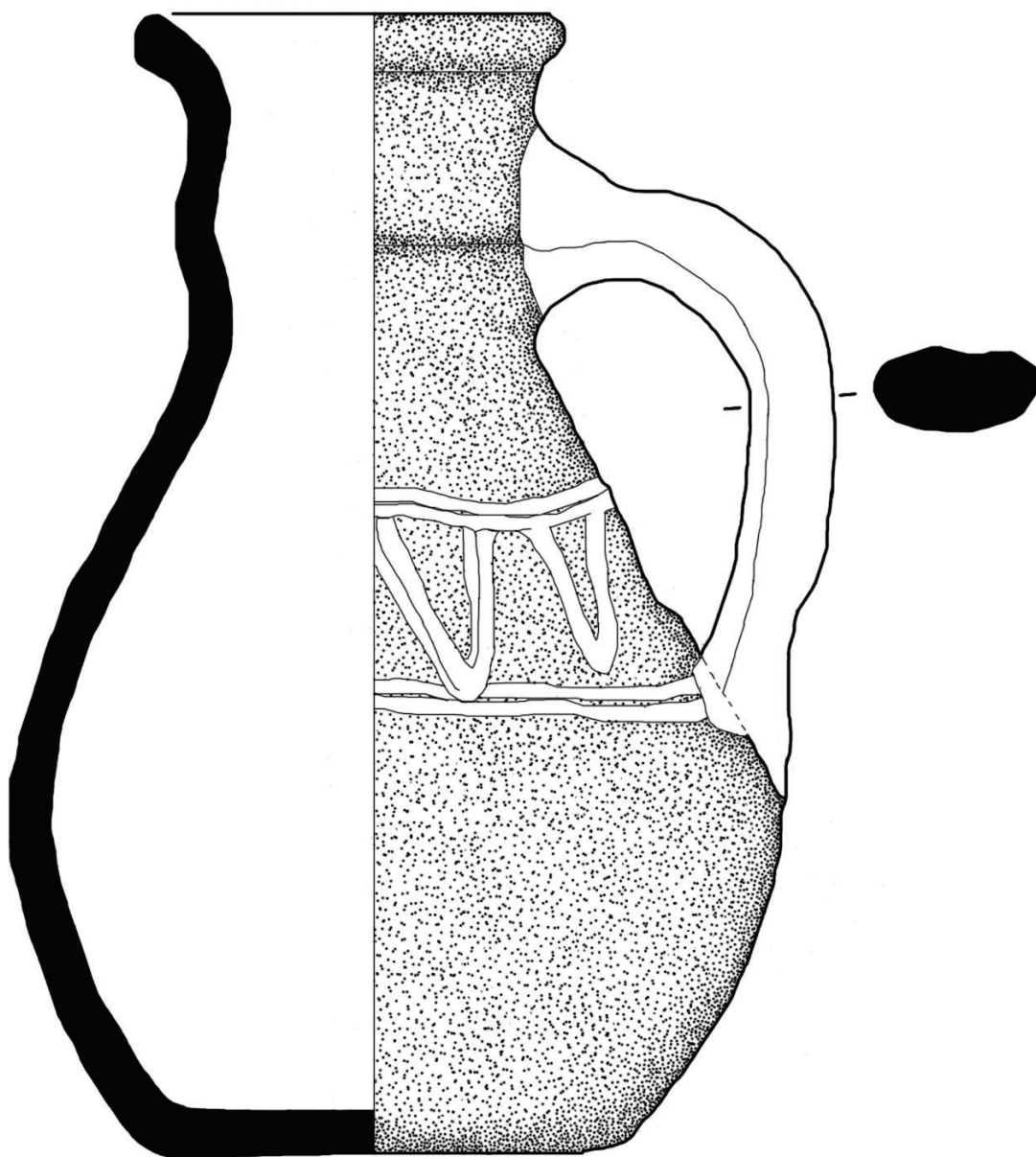
Estampa IX – Cântaro

50



Estampa X – Bilha

51

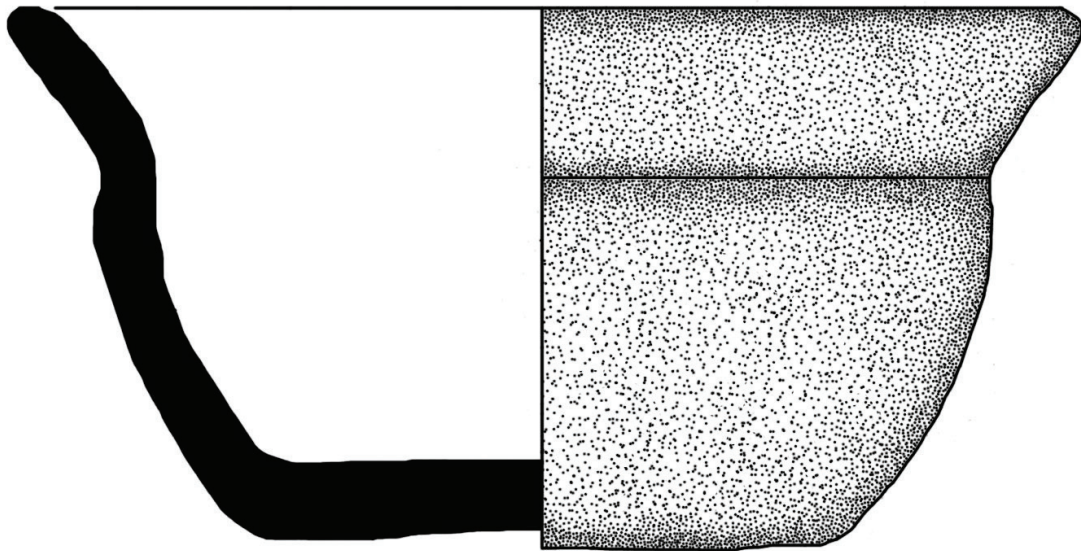


54

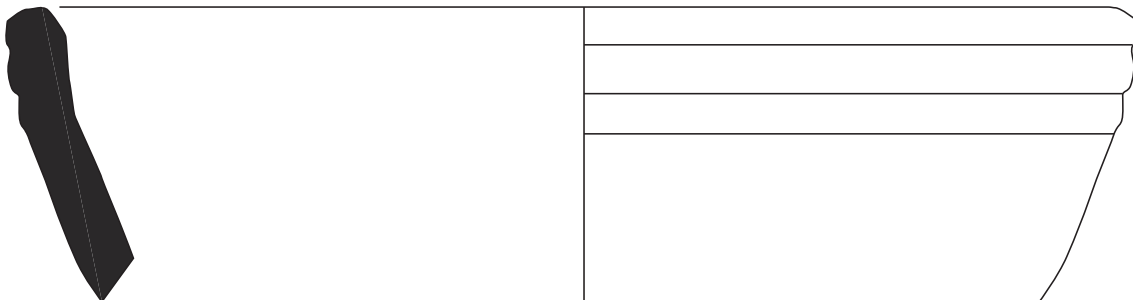


Estampa XI – Tigelas

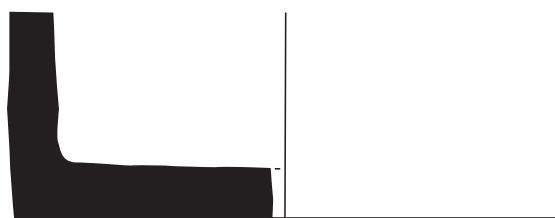
55



56



Estampa XII – Vidros  
57 – Garrafa



58



59 – Garrafa



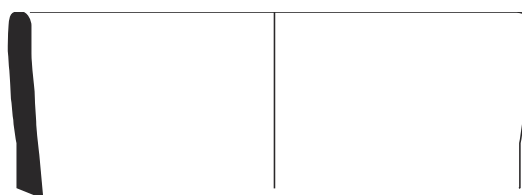
60 – Copo



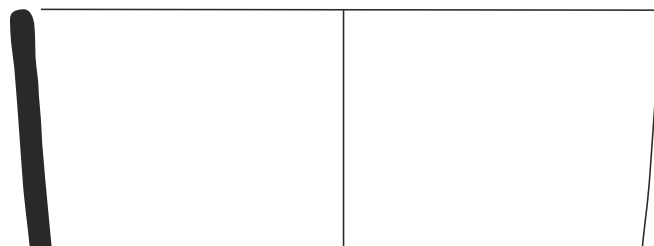
61



62



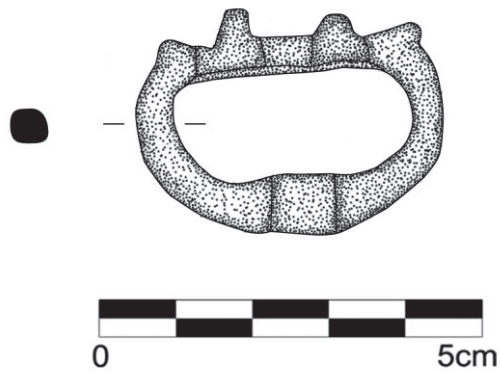
63



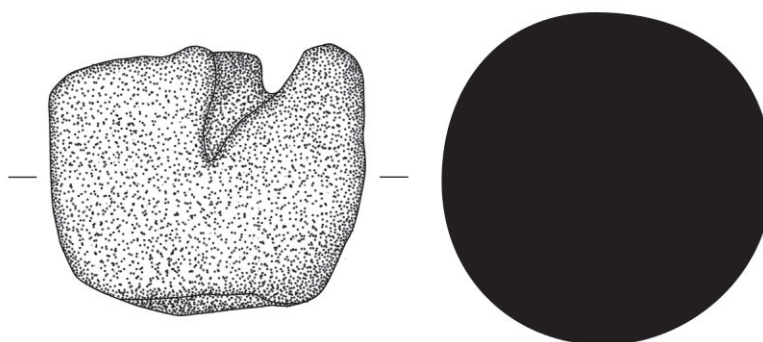


Estampa XIII – Metais

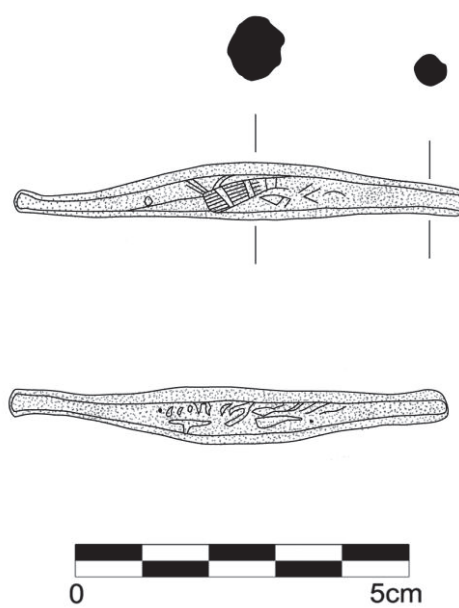
64 – Fivela



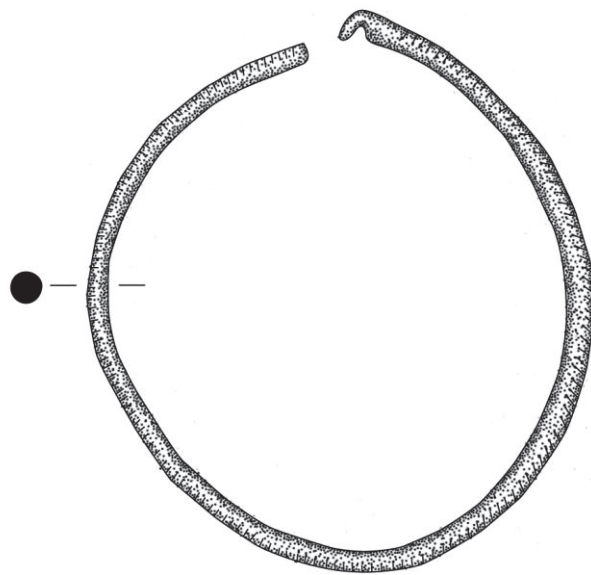
66 – Peso



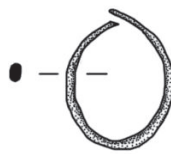
71 – Fíbula



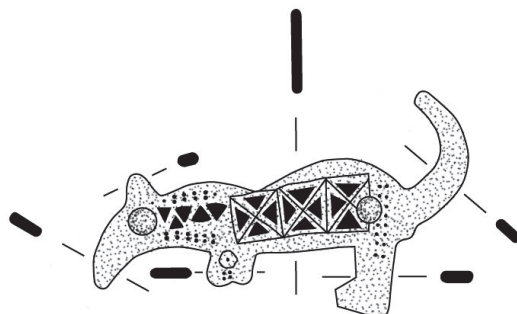
72 – Bracelete



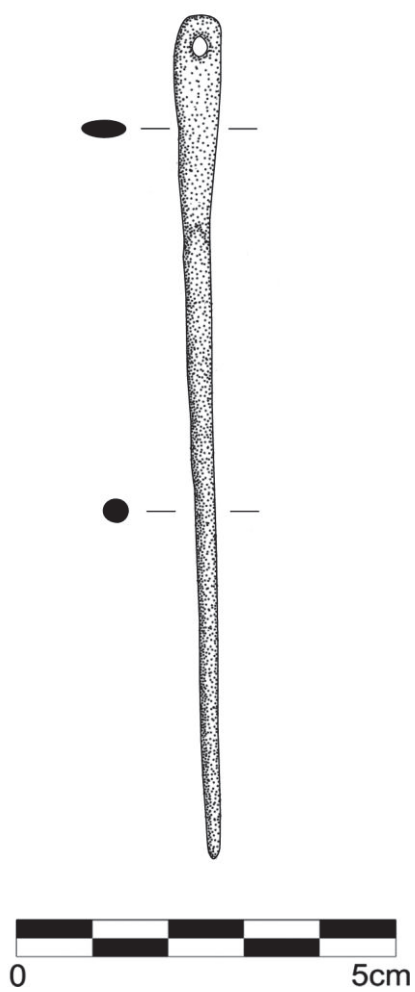
73 – Anel



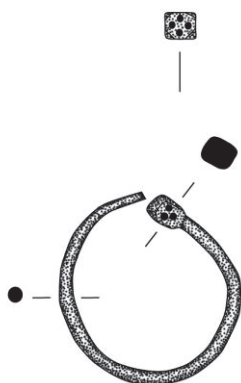
74 - Aplique



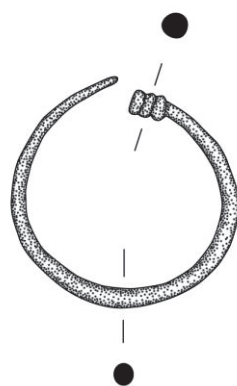
75 – Agulha



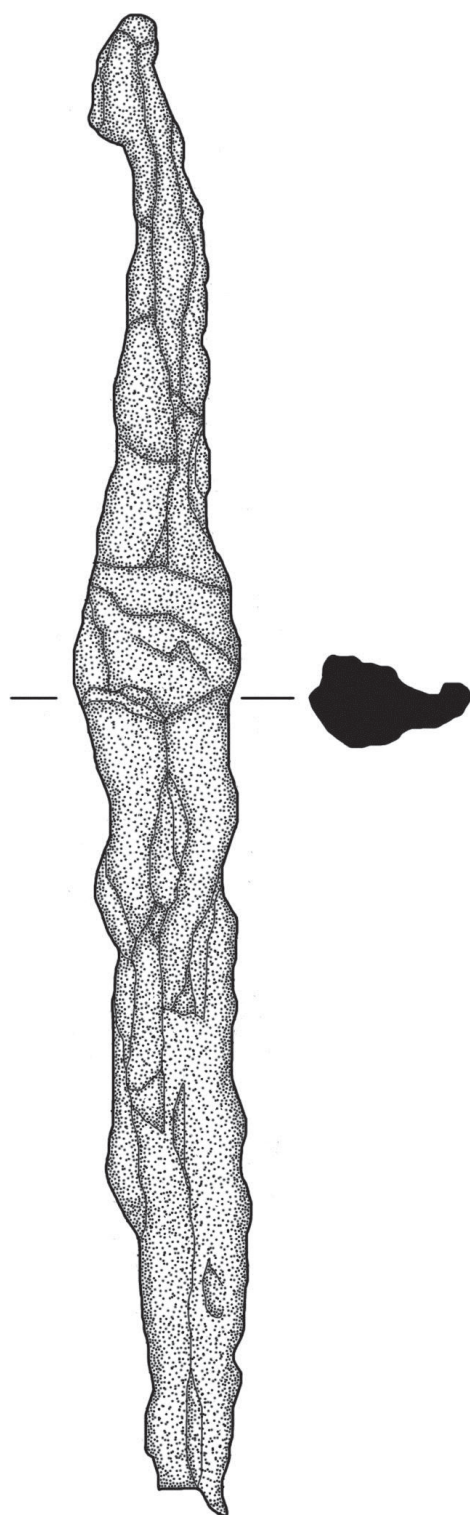
76 - Brinco



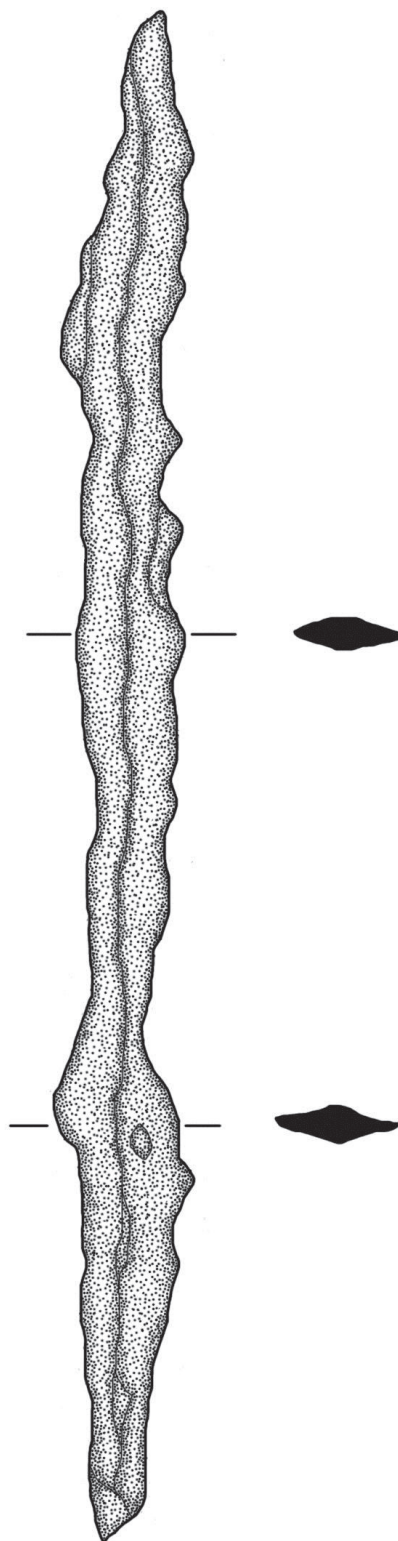
77 - Brinco



78 - Lança



79 - Lança



### ANEXO III – FICHAS DAS MOEDAS

#### FICHA 1

<b>Nº de Inventário:</b> CV. 718.45
<b>Período Cronológico:</b> Romana
<b>Tipo de moeda:</b>
<b>Descrição Anverso:</b> Ilegível
<b>Legenda:</b>
<b>Efigie:</b>
<b>Outras características:</b> Moeda muito deteriorada.
<b>Foto Anverso</b> 
<b>Descrição Reverso:</b> Ilegível
<b>Legenda:</b>
<b>Campo:</b>
<b>Outras características:</b> Moeda em muito deteriorada.

**Foto Reverso**

**Data da descoberta –**  
1968

**Data do estudo –** 2007

**Registo fotográfico –** Fotos n.º  
efectuadas com máquina digital  
NIKON D200, 10MGp.

**Estado de conservação**

**Anverso:** mau estado

**Reverso:** mau estado

**Tipo de cunhagem:** manual

**Local de Depósito:** Museu de Conde Castro de Guimarães

**Dimensões:** 27mm

**Peso:** 5.08g

**Tipo de metal:** Bronze


**Bibliografia:** CASTÁN, C. – “Las Monedas Imperiales Romanas y Bizantinas Sila 138 a.C. a 1453 d.C.” *Siglo XXI, Madrid, 2002.*

CASTELO BRANCO, António de, e VEIGA FERREIRA, O. Da: “Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho)”, *Cascais : Câmara Municipal de Cascais*, 1971, p. 77-79.

KENT, J.P.C. – “The Roman Imperial Coinage”, *London: Spink and Son, 1968-1994, 10 vol.*



## FICHA 2

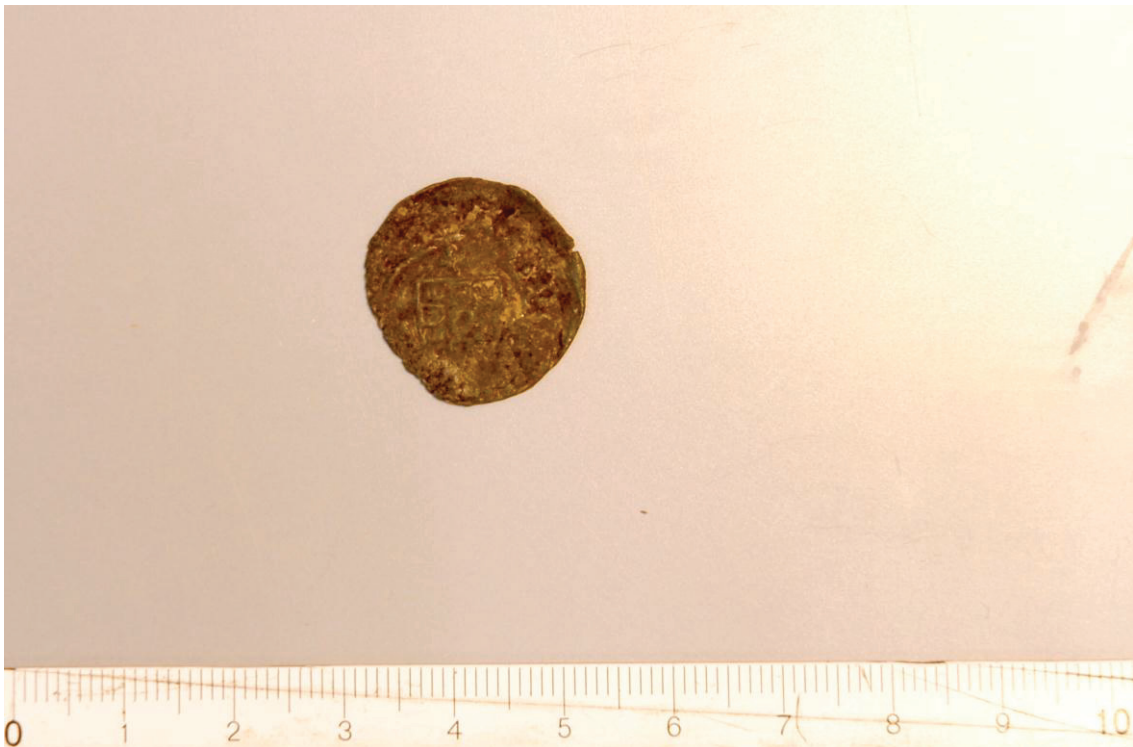
<b>Nº de Inventário:</b> CV.719.45
<b>Período Cronológico:</b> (1385 – 1438) <b>D. João I a D. Duarte I</b>
<b>Tipo de moeda:</b> Real Preto? Ou Ceitil
<b>Descrição Anverso:</b> Notam-se 3 figuras circulares de cerca, ao redor temos as inscrições, que não se percebem bem. <b>Legenda:</b> ...OS...ET ALG... <b>Efígie:</b> <b>Outras características:</b> a moeda parece ter sido amolgada.
<b>Foto Anverso</b> 
<b>Descrição Reverso:</b> Nota-se uma figura no centro, que parece ser uma cruz fina, rodeada por um círculo em forma de corda, que por sua vez é rodeada por inscrições. <b>Legenda:</b> ...OES...SVII... <b>Campo:</b> Rodeado por inscrições, o centro é ilegível, mas aparenta ter traços de uma coroa... <b>Outras características:</b> Moeda danificada/dobrada ao centro.

**Foto Reverso**

<b>Data da descoberta –</b> 1945	<b>Data do estudo –</b> 2007	<b>Registo fotográfico –</b> Fotos n.º efectuadas com máquina digital NIKON D200, 10MGp.
<b>Estado de conservação</b> <b>Anverso:</b> mau estado <b>Reverso:</b> mau estado		<b>Tipo de cunhagem:</b> manual
<b>Local de Depósito:</b> Museu de Conde Castro de Guimarães		
<b>Dimensões:</b> 21mm		<b>Peso:</b> 1.94g
<b>Tipo de metal:</b> Cobre		
<b>Bibliografia:</b> CASTELO BRANCO, António de, e VEIGA FERREIRA, O. da: “Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho)”, <i>Cascais : Câmara Municipal de Cascais</i> , 1971, p. 77-79; FOLGOSA, J. M.: <i>Dicionário de Numismática</i> , Livraria Fernando Machado, Porto, 1963; VAZ, J. Ferraro, SALGADO, Javier, <i>Livro das Moedas de Portugal</i> , Braga, 1984-85.		



### FICHA 3

<b>Nº de Inventário:</b> CV. 720.45
<b>Período Cronológico:</b> Século XV (1481) provável <b>D. Afonso V</b>
<b>Tipo de moeda:</b> Ceitil
<p><b>Descrição Anverso:</b> escudo ao centro, rodeado pelas inscrições.</p> <p><b>Legenda:</b> ...A...TV...</p> <p><b>Efigie:</b> Escudo de Portugal distorcido, percebem-se 5 quinas e 4 castelos.</p> <p><b>Outras características:</b> a moeda parece ter sido esmagada.</p>
<p><b>Foto Anverso</b></p> 
<p><b>Descrição Reverso:</b> castelo ao centro rodeado de inscrições.</p> <p><b>Legenda:</b> ...FD...</p> <p><b>Campo:</b> Castelo com três torres, a maior no centro.</p> <p><b>Outras características:</b> Moeda encontra-se em muito mau estado em virtude de ter sido esmagada.</p>

**Foto Reverso**


<b>Data da descoberta –</b> 1945	<b>Data do estudo –</b> 2007	<b>Registo fotográfico –</b> Fotos n.º efectuadas com máquina digital NIKON D200, 10MGp.
<b>Estado de conservação</b> <b>Anverso:</b> mau estado <b>Reverso:</b> mau estado		<b>Tipo de cunhagem:</b> manual
<b>Local de Depósito:</b> Museu de Conde Castro de Guimarães		
<b>Dimensões:</b> 21mm		<b>Peso:</b> 1.46g
<b>Tipo de metal:</b> Cobre		
<b>Bibliografia:</b> CASTELO BRANCO, António de, e VEIGA FERREIRA, O. da: “Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho)”, <i>Cascais : Câmara Municipal de Cascais</i> , 1971, p. 69-83; FOLGOSA, J. M.: <i>Dicionário de Numismática</i> , Livraria Fernando Machado, Porto, 1963; VAZ, J. Ferraro, SALGADO, Javier, <i>Livro das Moedas de Portugal</i> , Braga, 1984-85.		

## FICHA 4

<b>Nº de Inventário:</b> CV.721.45
<b>Período Cronológico:</b> reinado de <b>D. João VI</b> (1816-1826)
<b>Tipo de moeda:</b> 1 Tostão
<b>Descrição Anverso:</b> percebe-se ao centro uma forma circular (coroa), flanqueada por dois trevos. Por baixo da coroa aparece a numeração: <b>LXXX</b> , com um trevo por baixo.  <b>Legenda:</b> ...IOANNES E...ETALG REX...  <b>Efígie:</b> imagem de uma coroa com dois trevos, um no lado esquerdo o outro no direito, rodeada pelas inscrições.  <b>Outras características:</b> numeração por baixo da coroa.
<b>Foto Anverso</b> 
<b>Descrição Reverso:</b> Nota-se uma cruz fina ao centro com trevos em cada canto (4 trevos).  <b>Legenda:</b> VINCES INEXOC SIGNU  <b>Campo:</b> 1 Cruz e 4 trevos

**Outras características:****Foto Reverso****Data da descoberta –**  
1945**Data do estudo –** 2007**Registo fotográfico –** Fotos n.º  
efectuadas com máquina digital  
NIKON D200, 10MGp.**Estado de conservação**  
**Anverso:** mau estado  
**Reverso:** razoável**Tipo de cunhagem:** manual**Local de Depósito:** Museu de Conde Castro de Guimarães**Dimensões:** 21mm**Peso:** 1,98g**Tipo de metal:** Prata**Bibliografia:** CASTELO BRANCO, António de, e VEIGA FERREIRA, O. da: “Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho)”, *Cascais : Câmara Municipal de Cascais*, 1971, p. 77-79;  
FOLGOSA, J. M.: *Dicionário de Numismática*, Livraria Fernando Machado, Porto, 1963;  
VAZ, J. Ferraro, SALGADO, Javier, *Livro das Moedas de Portugal*, Braga, 1984-85.

# FICHA 5

<b>Nº de Inventário:</b> CV.722.45
<b>Período Cronológico:</b> Século XV (1457) <b>D. Afonso V</b>
<b>Tipo de moeda:</b> Ceitil
<b>Descrição Anverso:</b> Nota-se ao centro o escudo de Portugal, rodeado por inscrições.
<b>Legenda:</b> (REX): (PO)(RTUGAL: ED AL)
<b>Outras características:</b> Referência: N.º 144 do Livro “Moedas de Portugal”
<b>Foto Anverso</b> 
<b>Descrição Reverso:</b> Nota-se um castelo com três torres largas e uma muralha, sobre o mar.
<b>Legenda:</b> (C)EP(TA ) – (DOMIQ)
<b>Campo:</b> Um castelo com três torres e muralha, sobre o mar.
<b>Outras características:</b>



**Foto Reverso**

<b>Data da descoberta –</b> 1945	<b>Data do estudo –</b> 2007	<b>Registo fotográfico –</b> Fotos n.º efectuadas com máquina digital NIKON D200, 10MGp.
<b>Estado de conservação</b> <b>Anverso:</b> mau estado <b>Reverso:</b> razoável		<b>Tipo de cunhagem:</b> manual
<b>Local de Depósito:</b> Museu de Conde Castro de Guimarães		
<b>Dimensões:</b> 21mm		<b>Peso:</b> 2.47g
<b>Tipo de metal:</b> Cobre		
<b>Bibliografia:</b> CASTELO BRANCO, António de, e VEIGA FERREIRA, O. da: “Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho)”, <i>Cascais : Câmara Municipal de Cascais</i> , 1971, p. 77-79.; FOLGOSA, J. M.: <i>Dicionário de Numismática</i> , Livraria Fernando Machado, Porto, 1963; VAZ, J. Ferraro, SALGADO, Javier, <i>Livro das Moedas de Portugal</i> , Braga, 1984-85.		

## FICHA 6

**Nº de Inventário:** CV.723.45

**Período Cronológico:** Século XV (1457) **D. Afonso V**

**Tipo de moeda:** Ceitil

**Descrição Anverso:** é visível o escudo de Portugal.

**Legenda:** Ilegível

**Efigie:**

**Outras características:** anverso muito deteriorado.

**Foto Anverso**



**Descrição Reverso:** Nota-se um castelo com três torres sobre o mar, rodeado por inscrições.

**Legenda:** PO...D...

**Campo:**

**Outras características:**

**Foto Reverso**

**Data da descoberta –**  
1945

**Data do estudo –** 2007

**Registo fotográfico –** Fotos n.º  
efectuadas com máquina digital  
NIKON D200, 10MGp.

**Estado de conservação**

**Anverso:** mau estado

**Reverso:** razoável

**Tipo de cunhagem:** manual

**Local de Depósito:** Museu de Conde Castro de Guimarães

**Dimensões:** 20mm

**Peso:** 2.24g

**Tipo de metal:** Bronze

**Bibliografia:** CASTELO BRANCO, António de, e VEIGA FERREIRA, O. da: “Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho)”, *Cascais : Câmara Municipal de Cascais*, 1971, p. 77-79.;

FOLGOSA, J. M.: *Dicionário de Numismática*, Livraria Fernando Machado, Porto, 1963;

VAZ, J. Ferraro, SALGADO, Javier, *Livro das Moedas de Portugal*, Braga, 1984-85.



## FICHA 7

**Nº de Inventário:** CV.724.45

**Período Cronológico:** Século XV (1460) **D. Afonso V**

**Tipo de moeda:** Ceitil

**Descrição Anverso:** Em muito mau estado, percebe-se que o escudo está desviado para a esquerda.

**Legenda:** ...O...

**Efígie:**

**Outras características:**

**Foto Anverso**



**Descrição Reverso:** Nota-se a figura de um castelo com três torres (a maior no centro) e uma muralha, rodeada por inscrições.

**Legenda:** Ilegível.

**Campo:**

**Outras características:**

**Foto Reverso**

**Data da descoberta –**  
1945

**Data do estudo –** 2007

**Registo fotográfico –** Fotos n.º  
efectuadas com máquina digital  
NIKON D200, 10MGp.

**Estado de conservação**

**Anverso:** mau estado

**Reverso:** mau estado

**Tipo de cunhagem:** manual

**Local de Depósito:** Museu de Conde Castro de Guimarães

**Dimensões:** 20mm

**Peso:** 2.48g

**Tipo de metal:** Bronze

**Bibliografia:** CASTELO BRANCO, António de, e VEIGA FERREIRA, O. da: “Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho)”, *Cascais : Câmara Municipal de Cascais*, 1971, p. 77-79.;

FOLGOSA, J. M.: *Dicionário de Numismática*, Livraria Fernando Machado, Porto, 1963;

VAZ, J. Ferraro, SALGADO, Javier, *Livro das Moedas de Portugal*, Braga, 1984-85.

## FICHA 8

<b>Nº de Inventário:</b> CV.725.45
<b>Período Cronológico:</b> 247/249 d.C. (não datada) <i>MARCVS IVLIVS VERVS PHILIPVS</i> provavelmente de <b>FILIPE I</b> , O Árabe (244-249 d.C.).
<b>Tipo de moeda:</b> Sestércio
<p><b>Descrição Anverso:</b> lado em muito mau estado, bastante corroído, percebe-se apenas parte da efígie do imperador e algumas letras.</p> <p><b>Legenda:</b> (IMP PHILIPPVS) AVG</p> <p><b>Efígie:</b> resta apenas parte do perfil do imperador, sendo visível o nariz, os lábios e o queixo, a cavidade ocular e parte da testa...</p> <p><b>Outras características:</b></p>
<p><b>Foto Anverso</b></p> 
<p><b>Descrição Reverso:</b> lado em mau estado, muito corroído, no entanto entende-se algumas letras.</p> <p><b>Legenda:</b> AEQV(ITAS AVGG.)</p> <p><b>Campo:</b> “Aequitas em pé. Virada para a esquerda, segurando balanças e <i>cornucopiae</i>”</p> <p><b>Outras características:</b></p> <p><b>Centros emissores:</b> Tal como no caso de Gordiano III, a série de moedas de <b>FILIPE I</b>,</p>

da sua mulher, Otacília Severa, e do seu filho, FILIPE II, são facilmente identificadas e determinadas como sendo oriundas do centro emissor de ROMA. As únicas excepções são encontradas no caso das moedas de prata.

**Referência R.I.C.** – volume IV, 3ª. Parte, página 75, N.º 57

**Foto Reverso**



<b>Data da descoberta</b> – 1945	<b>Data do estudo</b> – 2007	<b>Registo fotográfico</b> – Fotos n.º efectuadas com máquina digital NIKON D200, 10MGp.
<b>Estado de conservação</b> <b>Anverso:</b> mau estado <b>Reverso:</b> mau estado		<b>Tipo de cunhagem:</b> manual
<b>Local de Depósito:</b> Museu de Conde Castro de Guimarães		
<b>Dimensões:</b> 29mm		<b>Peso:</b> 16.81g
<b>Tipo de metal:</b> Bronze		
<b>Bibliografia:</b> CASTÁN, C. – “Las Monedas Imperiales Romanas y Bizantinas Sila 138 a.C. a 1453 d.C.” <i>Siglo XXI, Madrid, 2002.</i> CASTELO BRANCO, António de, e VEIGA FERREIRA, O. da: “Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho)”, <i>Cascais : Câmara Municipal de Cascais</i> , 1971, p. 77-79. KENT, J.P.C. – “The Roman Imperial Coinage”, <i>London: Spink and Son, 1968-1994, 10 vol.</i>		



# FICHA 9

**Nº de Inventário:** CV.726.45

**Período Cronológico:** 323/324 d.C. *FLAVIVS VALERIVS CONSTANTINVS*  
**CONSTANTINO I** (307 – 337 d.C.)

**Tipo de moeda:** Follis

**Descrição Anverso:** Figura do Imperador rodeada por inscrições.

**Legenda:** CONSTAN TINVSAVG

**Efigie:** Cabeça do Imperador à direita com diadema e paludamento.

**Outras características:** a moeda encontra-se bem preservada.

**Foto Anverso**



**Descrição Reverso:** são visíveis duas figuras ao centro, sendo que a que tem mais destaque parece ser a figura de Vitória.

**Legenda:** SARMATIA DEVICTA, no exergo: PTR

**Campo:** – está representada a Vitória em forma de mulher que tem um ceptro e uma vara nas mãos, e uma figura sentada (cativo) ao lado direito que parece estar a olhar para a figura.

**Outras características:**

**Centro emissor:** “PTR” ou (Prima)TR – Treveris (na actual Alemanha)

Referência R.I.C. – vol. VII, pág. 201, n.º 429.

**Foto Reverso**



**Data da descoberta –**  
1945

**Data do estudo –** 2007

**Registo fotográfico –** Fotos n.º  
efectuadas com máquina digital  
NIKON D200, 10MGp.

**Estado de conservação**

**Anverso:** bom estado

**Reverso:** bom estado

**Tipo de cunhagem:** manual

**Local de Depósito:** Museu de Conde Castro de Guimarães

**Dimensões:** 20mm

**Peso:** 3.18g

**Tipo de metal:** Bronze

**Bibliografia:** CASTÁN, C. – “Las Monedas Imperiales Romanas y Bizantinas Sila 138 a.C. a 1453 d.C.” *Siglo XXI, Madrid, 2002.*

CASTELO BRANCO, António de, e VEIGA FERREIRA, O. da: “Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho)”, *Cascais : Câmara Municipal de Cascais*, 1971, p. 77-79.

KENT, J.P.C. – “The Roman Imperial Coinage”, *London: Spink and Son, 1968-1994, 10 vol.*

## FICHA 10

<b>Nº de Inventário:</b> CV.727.45
<b>Período Cronológico:</b> 342/348 d.C. (primeiro grupo – <i>Base Billon and Bronze</i> ) <i>FLAVIVS IVLIVS CONSTANS</i> , <b>CONSTANTE I</b> (333 d.C. – 337 d.C.)
<b>Tipo de moeda:</b> ¼ Centesimal A-4
<b>Descrição Anverso:</b> Figura do Imperador rodeada por inscrições.  <b>Legenda:</b> (CO)NSTANS P.F. AVG – <i>Constans Pius Felix Augustus</i>  <b>Efígie:</b> Busto do Imperador com diadema e paludamento.  <b>Outras características:</b>
<b>Foto Anverso</b> 
<b>Descrição Reverso:</b> Tipo 107 - Duas Vitórias, olhando-se cada uma, com a sua coroa e palma.  <b>Legenda:</b> VICTORIAE D. D. AVGG Q. NN.  <b>Campo:</b> <i>Victoria dominorum Augustorum quinque nostrarum.</i>  <b>Outras características:</b> No enxergo: TR ou TES.

**Centro Emissor: TR (TREVERIS) ou TES. (THESSALONICA)**

**Referência R.I.C.** – vol. VIII, pág. 152, N.º 207 (tem uma pequena bola à direita da marca).

**Foto Reverso**



**Data da descoberta –**  
1945

**Data do estudo –** 2007

**Registo fotográfico –** Fotos n.º  
efectuadas com máquina digital  
NIKON D200, 10MGp.

**Estado de conservação**

**Anverso:** razoável

**Reverso:** razoável

**Tipo de cunhagem:** manual

**Local de Depósito:** Museu de Conde Castro de Guimarães

**Dimensões:** 16mm

**Peso:** 1.33g

**Tipo de metal:** Bronze

**Bibliografia:** CASTÁN, C. – “Las Monedas Imperiales Romanas y Bizantinas Sila 138 a.C. a 1453 d.C.” *Siglo XXI, Madrid, 2002.*

CASTELO BRANCO, António de, e VEIGA FERREIRA, O. da: “Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho)”, *Cascais : Câmara Municipal de Cascais*, 1971, p. 77-79.

KENT, J.P.C. – “The Roman Imperial Coinage”, *London: Spink and Son, 1968-1994, 10 vol.*



## FICHA 11

<b>Nº de Inventário:</b> CV.728.45
<b>Período Cronológico:</b> 342/348 d.C. (primeiro grupo – <i>Base Billon and Bronze</i> ) <i>FLAVIVS IVLIVS CONSTANS</i> , <b>CONSTANTE I</b> (333 d.C. – 337 d.C.).
<b>Tipo de moeda:</b> ¼ Centesimal A-4
<b>Descrição Anverso:</b> Efigie do Imperador rodeada por inscrições.  <b>Legenda:</b> (CO)NTANS P.F. AVG – <i>Constans Pius Felix Augustus</i>  <b>Efigie:</b> Busto do Imperador com diadema e paludamento.  <b>Outras características:</b>
<b>Foto Anverso</b> 
<b>Descrição Reverso:</b> Duas vitórias, olhando-se cada uma, com a sua coroa e palma.  <b>Legenda:</b> VICT(ORIAE D.D.) AVGG Q. N.N.  <b>Campo:</b> <i>Victoria dominorum Augustorum quinque nostrarum.</i>  <b>Outras características:</b> No enxergo: <b>TR</b> ou <b>TES</b> . (pelo desgaste torna-se quase imperceptível).  <b>Centro emissor:</b> <b>TR</b> – TREVERIS, ou <b>TES</b> . – THESSALONICA.

**Referência RIC** – vol. VIII, pág. 152, N.º 203.

**Foto Reverso**



**Data da descoberta** – 1945

**Data do estudo** – 2007

**Registo fotográfico** – Fotos n.º efectuadas com máquina digital NIKON D200, 10MGp.

**Estado de conservação**

**Anverso:** mau estado

**Reverso:** razoável

**Tipo de cunhagem:** manual

**Local de Depósito:** Museu de Conde Castro de Guimarães

**Dimensões:** 16mm

**Peso:** 1.38g

**Tipo de metal:** Bronze

**Bibliografia:** CASTÁN, C. – “Las Monedas Imperiales Romanas y Bizantinas Sila 138 a.C. a 1453 d.C.” *Siglo XXI, Madrid, 2002.*

CASTELO BRANCO, António de, e VEIGA FERREIRA, O. da: “Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho)”, *Cascais : Câmara Municipal de Cascais*, 1971, p. 77-79.

KENT, J.P.C. – “The Roman Imperial Coinage”, *London: Spink and Son, 1968-1994, 10 vol.*

## FICHA 12

**Nº de Inventário:** CV.729.45

**Período Cronológico:** 348/351 d.C. (segundo grupo - *Base Billon and Bronze*)  
*FLAVIVS IVLIVS VALERIVS CONSTANTIVS* **CONSTANCIO II** (320 – 350 d.C.)

**Tipo de moeda:** ¼ Centesimal

**Descrição Anverso:** Figura do Imperador rodeada por inscrições.

**Legenda:** DN CON(stantivs P.F.) AVG – *Dominus Noster Constantius Pius Felix Augustus*

**Efigie:** Busto do Imperador à direita com diadema e paludamento.

**Outras características:** parte da moeda está muito gasta, ficou mais reduzida.

**Foto Anverso**



**Descrição Reverso:** A Phoenix sobre o globo.

**Legenda:** (P.) FEL (TEMP. REPA)RATIO

**Campo:**

**Outras características:** No enxergo: **TR●** No estudo previamente feito a esta moeda os autores entenderam que no enxergo estaria escrito: SHRL, no entanto, após uma nova análise neste estudo chegou-se à conclusão da possibilidade de se tratar da abreviação:

**TR●.**

**Centro emissor:** TREVERIS, Alemanha.

**Referência RIC** – vol. VIII, pág. 154, N.º 233.

**Foto Reverso**



**Data da descoberta** –  
1945

**Data do estudo** – 2007

**Registo fotográfico** – Fotos n.º  
efectuadas com máquina digital  
NIKON D200, 10MGp.

**Estado de conservação**

**Anverso:** razoável

**Reverso:** razoável

**Tipo de cunhagem:** manual

**Local de Depósito:** Museu de Conde Castro de Guimarães

**Dimensões:** 16mm

**Peso:** 1.75g

**Tipo de metal:** Bronze


**Bibliografia:** CASTÁN, C. – “Las Monedas Imperiales Romanas y Bizantinas Sila 138 a.C. a 1453 d.C.” *Siglo XXI, Madrid, 2002.*

CASTELO BRANCO, António de, e VEIGA FERREIRA, O. da: “Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho)”, *Cascais : Câmara Municipal de Cascais*, 1971, p. 77-79.

KENT, J.P.C. – “The Roman Imperial Coinage”, *London: Spink and Son, 1968-1994, 10 vol.*



## FICHA 13

<b>Nº de Inventário:</b> CV.730.45
<b>Período Cronológico:</b> 350/355 d.C. (Primeiro Grupo – Base Billon and Bronze) CONSTÂNCIO II ou CONSTANCIO GALLO (351-354)
<b>Tipo de moeda:</b> ½ Centesimal? A - 2
<b>Descrição Anverso:</b> Figura do Imperador rodeada por inscrições.
<b>Legenda:</b> (D N CONSTAN-TIVS P F AVG) ou (D N CONSTANTI -VSNOB AES)
<b>Efigie:</b> Busto do Imperador com diadema e paludamento.
<b>Outras características:</b>
<b>Foto Anverso</b> 
<b>Descrição Reverso:</b> Notam-se duas figuras, uma delas, à direita, parece ser a figura do imperador envergando um traje militar e a segurar Vitória sobre o globo na mão esquerda e um estandarte com a direita; a outra figura, à esquerda, parece ser um cativo, de joelhos ou dobrado. <i>“Emperor in military dress advancing l., holding Victory on globe and a standart with Chi-Rho on the banner; with his r. foot he spurns a seated captive.”</i>
<b>Legenda:</b> (FEL TE)MP RE – PA(RATIO).
<b>Referência RIC</b> – vol. VIII, página 418, N.º 172

**Centro emissor – TES - THESSALONICA**

**Outras características:** Reverso bastante danificado.

**Foto Reverso**



**Data da descoberta –**  
1945

**Data do estudo –** 2007

**Registo fotográfico –** Fotos n.º  
efectuadas com máquina digital  
NIKON D200, 10MGp.

**Estado de conservação**

**Anverso:** mau estado

**Reverso:** mau estado

**Tipo de cunhagem:** manual

**Local de Depósito:** Museu de Conde Castro de Guimarães

**Dimensões:** 18mm

**Peso:** 1.50g


**Tipo de metal:** Bronze

**Bibliografia:** CASTÁN, C. – “Las Monedas Imperiales Romanas y Bizantinas Sila 138 a.C. a 1453 d.C.” *Siglo XXI, Madrid, 2002.*

CASTELO BRANCO, António de, e VEIGA FERREIRA, O. da: “Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho)”, *Cascais : Câmara Municipal de Cascais*, 1971, p. 77-79.

KENT, J.P.C. – “The Roman Imperial Coinage”, *London: Spink and Son, 1968-1994, 10 vol.*

## FICHA 14

<b>Nº de Inventário:</b> CV.731.45
<b>Período Cronológico:</b> 364/375 d.C. (primeiro período) <b>VALENTINIANO I</b>
<b>Tipo de moeda:</b> ¼ Centesimal ou ½ Centesimal
<b>Descrição Anverso:</b> Figura do Imperador, circundada por inscrições imperceptíveis. <b>Legenda:</b> (DN VAL)ENT(INI – ANVS P)F AVG - <i>Dominus Noster Valentinianus Pius Felix Augustus</i> <b>Efigie:</b> Busto do imperador com diadema e paludamento. <b>Outras características:</b> moeda em mau estado, não possibilita uma boa verificação das legendas.
<b>Foto Anverso</b> 
<b>Descrição Reverso:</b> Vitória avançando à esquerda com coroa e palma. <b>Legenda:</b> (SEC)VRITAS – (REI)PVB(LICAE) <b>Campo:.</b> não está visível, mas poderá ter como centros emissores: ARL (Arles) ou CONS (Constantinopla), ou HER (Heraclea). <b>Referência RIC</b> – vol. IX, pág. 14, N.º 7(a)

**Outras características:** No reverso. À esquerda da figura de Vitória surge uma bola. A moeda encontra-se em mau estado, dificultando assim a identificação do centro emissor.

**Foto Reverso**



<b>Data da descoberta –</b> 1945	<b>Data do estudo –</b> 2007	<b>Registo fotográfico –</b> Fotos n.º efectuadas com máquina digital NIKON D200, 10MGp.
<b>Estado de conservação</b> <b>Anverso:</b> razoável <b>Reverso:</b> razoável		<b>Tipo de cunhagem:</b> manual
<b>Local de Depósito:</b> Museu de Conde Castro de Guimarães		
<b>Dimensões:</b> 16mm		<b>Peso:</b> 1.46g
<b>Tipo de metal:</b> Bronze <i>Aes III</i>		
<b>Bibliografia:</b> CASTÁN, C. – “Las Monedas Imperiales Romanas y Bizantinas Sila 138 a.C. a 1453 d.C.” <i>Siglo XXI, Madrid, 2002.</i> CASTELO BRANCO, António de, e VEIGA FERREIRA, O. da: “Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho)”, <i>Cascais : Câmara Municipal de Cascais, 1971, p. 77-79.</i> KENT, J.P.C. – “The Roman Imperial Coinage”, <i>London: Spink and Son, 1968-1994, 10 vol.</i>		



**Nº de Inventário:** CV.732.45

**Período Cronológico:** 378/383 d.C. (quarto período) *FLAVIVS VALENTINIANVS VALENTINIANO II* (375 – 392 d.C.)

**Tipo de moeda:** Centesimal

**Descrição Anverso:** em mau estado, percebe-se apenas parte da efígie do imperador e parte da legenda.

**Legenda:** (D. N.) VAL(ENTINIANVSIVN P. F. AVG) - *Dominus Noster Valentinianus Iunior Pius Felix Augustus*

**Efígie:** o retrato parece algo grosseiro, é visível o perfil do rosto e parte da cabeça.

**Outras características:** falta uma parte da moeda. Moeda muito desgastada.

**Foto Anverso**



**Descrição Reverso:** ao centro é visível a figura em pé do imperador (com Vitória sobre o globo) oferecendo a mão ao que parece ser uma figura feminina ajoelhada à esquerda. Por baixo dessas figuras encontra-se a marca: **LVG** com mais uma marca à sua direita (pouco perceptível, pode ser um P, um S, um C, um A ou mesmo B).

**Legenda:** (R)EPARA(TIO - )RE(IPVB)

**Campo:** LVG – Centro emissor de Lyon, França.

**Outras características:** Moeda muito desgastada.

**Referência RIC** – vol. IX, pág. 67, N.º 20(a)

**Foto Reverso**



**Data da descoberta** –  
1945

**Data do estudo** – 2007

**Registo fotográfico** – Fotos n.º  
efectuadas com máquina digital  
NIKON D200, 10MGp.

**Estado de conservação**

**Anverso:** mau estado

**Reverso:** mau estado

**Tipo de cunhagem:** manual

**Local de Depósito:** Museu de Conde Castro de Guimarães

**Dimensões:** 22mm

**Peso:** 3.66g


**Tipo de metal:** Bronze *Aes II*

**Bibliografia:** CASTÁN, C. – “Las Monedas Imperiales Romanas y Bizantinas Sila 138 a.C. a 1453 d.C.” *Siglo XXI, Madrid, 2002*.

CASTELO BRANCO, António de, e VEIGA FERREIRA, O. da: “Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho)”, *Cascais : Câmara Municipal de Cascais*, 1971, p. 77-79.

KENT, J.P.C. – “The Roman Imperial Coinage”, *London: Spink and Son, 1968-1994, 10 vol.*

## FICHA 16

<b>Nº de Inventário:</b> CV.733.45
<b>Período Cronológico:</b> 378/383 d.C. (quarto período) <i>FLAVIVS VALENTINIANVS VALENTINIANO II</i> (375 – 392 d.C.)
<b>Tipo de moeda:</b> Maiorina
<p><b>Descrição Anverso:</b> Em muito mau estado, é apenas visível parte do retrato do imperador e algumas letras.</p> <p><b>Legenda:</b> (DN VAL)ENT(INIANVSIVN) PF AVG - <i>Dominus Noster Valentinianus Junior Pius Felix Augustus</i></p> <p><b>Efigie:</b> Busto do Imperador com diadema e paludamento.</p> <p><b>Outras características:</b> Habitualmente o tipo <i>Maiorina</i> em AE costuma ter de peso real 4 gramas e 6 gramas de peso teórico.</p>
<p><b>Foto Anverso</b></p> 
<p><b>Descrição Reverso:</b> Figura do imperador virado à esquerda, com a Vitória sobre o globo, oferecendo a sua mão a uma figura feminina, que está ajoelhada à esquerda.</p> <p><b>Legenda:</b> (REPARAT)IO – (REIPVB)</p> <p><b>Campo:</b> No enxergo nota-se SIS ou SISC – SISCIA, Sisak na actual Croácia.</p> <p><b>Outras características:</b> moeda em mau estado.</p> <p><b>Referência RIC</b> – vol. IX, pág. 150, N.º 26(b)</p>

**Foto Reverso**

**Data da descoberta –**  
1945

**Data do estudo –** 2007

**Registo fotográfico –** Fotos n.º  
efectuadas com máquina digital  
NIKON D200, 10MGp.

**Estado de conservação**

**Anverso:** mau estado

**Reverso:** mau estado

**Tipo de cunhagem:** manual

**Local de Depósito:** Museu de Conde Castro de Guimarães

**Dimensões:** 21mm

**Peso real:** 4.31g

**Tipo de metal:** Bronze *Aes II*

**Bibliografia:** CASTÁN, C. – “Las Monedas Imperiales Romanas y Bizantinas Sila 138 a.C. a 1453 d.C.” *Siglo XXI, Madrid, 2002.*

CASTELO BRANCO, António de, e VEIGA FERREIRA, O. da: “Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho)”, *Cascais : Câmara Municipal de Cascais*, 1971, p. 77-79.

KENT, J.P.C. – “The Roman Imperial Coinage”, *London: Spink and Son, 1968-1994, 10 vol.*



## FICHA 17

**Nº de Inventário:** CV.734.45

**Período Cronológico:** 383/387 d.C. (quinto período) *FLAVIVS VALENTINIANVS VALENTINIANO II* (375 – 392 d.C.)

**Tipo de moeda:** Centesimal

**Descrição Anverso:** Figura do Imperador com legendas.

**Legenda:** DN VALENT(INIANVS) PF AVG - *Dominus Noster Valentinianus Iunior Pius Felix Augustus*

**Efigie:** Busto do Imperador com diadema e paludamento.

**Outras características:** Falta uma parte da moeda.

**Foto Anverso**



**Descrição Reverso:** Entende-se uma figura em pé virada à esquerda a segurar um globo.

**Legenda:** (SALVS) REI – P(VBLICAE)

**Campo/enxergo:** várias hipóteses - **AQ** (Aquileia), **ROM** (Roma), **TES** (Thessalonica), **HER** (Heraclea), **CONS** (Constantinopla), **KYZ** (Kyzikos), **NIK** (Nicomedia), **ANT** (Antioquia), **ALE** (Alexandria).

**Referência RIC** – vol. IX, pág. 153, N.º 35

**Outras características:** moeda em muito mau estado.

**Foto Reverso**



**Data da descoberta** –  
1945

**Data do estudo** – 2007

**Registo fotográfico** – Fotos n.º  
efectuadas com máquina digital  
NIKON D200, 10MGp.

**Estado de conservação**

**Anverso:** mau estado

**Reverso:** mau estado

**Tipo de cunhagem:** manual

**Local de Depósito:** Museu de Conde Castro de Guimarães

**Dimensões:** 23mm

**Peso:** 5.37g

**Tipo de metal:** Bronze *Aes IV*

**Bibliografia:** CASTÁN, C. – “Las Monedas Imperiales Romanas y Bizantinas Sila 138 a.C. a 1453 d.C.” *Siglo XXI, Madrid, 2002.*

CASTELO BRANCO, António de, e VEIGA FERREIRA, O. da: “Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho)”, *Cascais : Câmara Municipal de Cascais*, 1971, p. 77-79.

KENT, J.P.C. – “The Roman Imperial Coinage”, *London: Spink and Son, 1968-1994, 10 vol.*

## FICHA 18

<b>Nº de Inventário:</b> CV.735.45
<b>Período Cronológico:</b> 392/395 d.C. (sétimo período) <i>FLAVIVS THEODOSIVS</i> <b>TEODÓSIO I</b> (370 – 395 d.C.)
<b>Tipo de moeda:</b> Centesimal
<b>Descrição Anverso:</b> É visível o retrato do imperador e algumas legendas.  <b>Legenda:</b> DN THEODO - (SIVS) PF AVG - <i>Dominus Noster Theodosius Pius Felix Augustus</i>  <b>Efigie:</b> Figura do Imperador, com diadema e paludamento, virada para a direita.  <b>Outras características:</b> Moeda em mau estado de conservação.
<b>Foto Anverso</b> 
<b>Descrição Reverso:</b> Figura do Imperador em pé, com a cabeça virada para a direita, segurando o estandarte e o globo.  <b>Legenda:</b> GLORIA – (ROMANO)RVM  <b>Referência RIC</b> – vol. IX, pág. 198, N.º 27(a)  <b>Outras características:</b> No enxergo, é pouco perceptível a marca do centro emissor devido ao desgaste da moeda.



**Centros emissores:** possibilidades – **HER** (Heraclea), **CONS** (Constantinopla), **KYZ** (Kyzikos), **NIK** (Nicomedia), **ANT** (Antioquia), **ALE** (Alexandria).

**Foto Reverso**



**Data da descoberta –**  
1945

**Data do estudo –** 2007

**Registo fotográfico –** Fotos n.º  
efectuadas com máquina digital  
NIKON D200, 10MGp.

**Estado de conservação**

**Anverso:** razoável

**Reverso:** mau estado

**Tipo de cunhagem:** manual

**Local de Depósito:** Museu de Conde Castro de Guimarães

**Dimensões:** 22mm

**Peso:** 3.98g

**Tipo de metal:** Bronze *Aes II*

**Bibliografia:** CASTÁN, C. – “Las Monedas Imperiales Romanas y Bizantinas Sila 138 a.C. a 1453 d.C.” *Siglo XXI, Madrid, 2002*.

CASTELO BRANCO, António de, e VEIGA FERREIRA, O. da: “Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho)”, *Cascais : Câmara Municipal de Cascais*, 1971, p. 77-79.

KENT, J.P.C. – “The Roman Imperial Coinage”, *London: Spink and Son, 1968-1994, 10 vol.*



## FICHA 19

<b>Nº de Inventário:</b> CV.736.45
<b>Período Cronológico:</b> 392/395 d.C. (sétimo período) <i>FLAVIVS THEODOSIVS</i> <b>TEODÓSIO I</b> (370 – 395 d.C.)
<b>Tipo de moeda:</b> Centesimal
<b>Descrição Anverso:</b> É visível o retrato do imperador e algumas legendas.  <b>Legenda:</b> (D. N. THEODO - SIVS P.F.) AVG - <i>Dominus Noster Theodosius Pius Felix Augustus</i>  <b>Efigie:</b> Figura do Imperador com diadema e paludamento.  <b>Outras características:</b> Moeda em mau estado de conservação.
<b>Foto Anverso</b> 
<b>Descrição Reverso:</b>  <b>Legenda:</b> (GLORIA – ROMANORVM)  <b>Campo:</b> Figura do Imperador em pé, vestido à militar, com a cabeça virada para a direita, segurando o estandarte e o globo.  <b>Referência RIC</b> – vol. IX, pág. 198, N.º 27(b)

**Outras características:** No enxergo, é pouco perceptível a marca do centro emissor devido ao desgaste da moeda.

**Centros emissores:** hipóteses – **HER** (Heraclea), **CONS** (Constantinopla), **KYZ** (Kyzikos), **NIK** (Nicomedia), **ANT** (Antioquia), **ALE** (Alexandria).

**Foto Reverso**



<b>Data da descoberta –</b> 1945	<b>Data do estudo –</b> 2007	<b>Registo fotográfico –</b> Fotos n.º efectuadas com máquina digital NIKON D200, 10MGp.
<b>Estado de conservação</b> <b>Anverso:</b> mau estado <b>Reverso:</b> mau estado		<b>Tipo de cunhagem:</b> manual
<b>Local de Depósito:</b> Museu de Conde Castro de Guimarães		
<b>Dimensões:</b> 20mm		<b>Peso:</b> 4.08g
<b>Tipo de metal:</b> Bronze <i>Aes II</i>		
<b>Bibliografia:</b> CASTÁN, C. – “Las Monedas Imperiales Romanas y Bizantinas Sila 138 a.C. a 1453 d.C.” <i>Siglo XXI, Madrid, 2002.</i> CASTELO BRANCO, António de, e VEIGA FERREIRA, O. da: “Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho)”, <i>Cascais : Câmara Municipal de Cascais</i> , 1971, p. 77-79. KENT, J.P.C. – “The Roman Imperial Coinage”, <i>London: Spink and Son, 1968-1994, 10 vol.</i>		

## FICHA 20

**Nº de Inventário:** CV.737.45

**Período Cronológico:** 392/395 d.C. (sétimo período) *FLAVIVS THEODOSIVS*  
TEODÓSIO I (370 – 395 d.C.)

**Tipo de moeda:** Centesimal

**Descrição Anverso:** É visível o retrato do imperador e algumas legendas.

**Legenda:** DN THEO – DOSIVS P. F. AVG - *Dominus Noster Theodosius Pius Felix Augustus*

**Efigie:** Busto do Imperador virado à direita, com diadema e paludamento.

**Outras características:** Falta uma parte da moeda.

**Foto Anverso**



**Descrição Reverso:** Figura do Imperador em pé, vestido à militar, segurando o estandarte e o globo. No seu lado direito aparece uma estrela.

**Legenda:** (GLORIA – ROMANORVM)

**Campo:** HER - Heraclea

**Outras características:** presença de uma estrela à direita da figura principal.



**Referência RIC** – vol. IX, pág. 198, N.º 27(a) ou 27(b), marca 3 ou 4 (consoante a última letra)

**Foto Reverso**



**Data da descoberta** – 1945

**Data do estudo** – 2007

**Registo fotográfico** – Fotos n.º efectuadas com máquina digital NIKON D200, 10MGp.

**Estado de conservação**

**Anverso:** mau estado

**Reverso:** mau estado

**Tipo de cunhagem:** manual

**Local de Depósito:** Museu de Conde Castro de Guimarães

**Dimensões:** 22mm


**Peso:** 3.42g

**Tipo de metal:** Bronze *Aes II*

**Bibliografia:** CASTÁN, C. – “Las Monedas Imperiales Romanas y Bizantinas Sila 138 a.C. a 1453 d.C.” *Siglo XXI, Madrid, 2002.*

CASTELO BRANCO, António de, e VEIGA FERREIRA, O. da: “Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho)”, *Cascais : Câmara Municipal de Cascais, 1971, p. 77-79.*

KENT, J.P.C. – “The Roman Imperial Coinage”, *London: Spink and Son, 1968-1994, 10 vol.*

<b>Nº de Inventário:</b> CV.770
<b>Período Cronológico:</b> 383/388 d.C. (quinto período) <i>FLAVIVUS MAGNVS CLEMENS MAXIMVS</i> <b>MAGNO MÁXIMO</b> (383 – 388 d.C.)
<b>Tipo de moeda:</b> Maiorina
<b>Descrição Anverso:</b> É visível o retrato do imperador e algumas legendas.  <b>Legenda:</b> DN MAG MAX(IMVS) PF AVG - <i>Dominus Noster Magnus Maximus Pius Felix Augustus</i>  <b>Efigie:</b> Imperador virado à direita com diadêma  <b>Outras características:</b>
<b>Foto Anverso</b> 
<b>Descrição Reverso:</b> Figura do imperador vestido de militar, em pé, com a cabeça virada à esquerda, segurando Vitória sobre o globo com a mão direita e estendendo a mão esquerda a uma figura feminina com uma coroa mural que está ajoelhada à sua esquerda.  <b>Legenda:</b> (R)EPARATIO - REIPVB  <b>Campo:</b> Imperceptível.  <b>Outras características:</b> Hipóteses para centro emissor: <b>TR</b> (Treveris), <b>LVG</b>

(Lugdunum), **ARL** (Arles), **ROM** (Roma).

**Referência RIC** – vol. IX, pág.29, N.º85, marca 1 ou 2 (consoante a última letra)

**Foto Reverso**



**Data da descoberta** –  
1945

**Data do estudo** – 2007

**Registo fotográfico** – Fotos n.º  
efectuadas com máquina digital  
NIKON D200, 10MGp.

**Estado de conservação**

**Anverso:** mau estado

**Reverso:** mau estado

**Tipo de cunhagem:** manual

**Local de Depósito:** Museu de Conde Castro de Guimarães

**Dimensões:** 23mm

**Peso:** 4.16g

**Tipo de metal:** Bronze *Aes II*

**Bibliografia:** CASTELO BRANCO, António de, e VEIGA FERREIRA, O. da: “Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho)”, *Cascais : Câmara Municipal de Cascais*, 1971, p. 77-79.

## ÍNDICE

<b>AGRADECIMENTOS</b>	3
<b>RESUMO</b>	5
<b>INTRODUÇÃO</b>	7
<b>I – ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO</b>	
1.1 – Delimitação geográfica e administrativa	8
1.2 – Geologia	11
1.3 - Hidrografia, clima e vegetação	12
<b>II – ANTECEDENTES DO TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO</b>	
2.1 – Trabalhos arqueológicos realizados pelos diferentes investigadores ao longo do século XX.	13
2.1.1 – As primeiras escavações arqueológicas	14
2.1.2 – Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia	17
2.1.3 – As investigações de Guilherme Cardoso e José d’Encarnação	19
2.1.4 – Algumas reflexões sobre a Púrpura	21
<b>III – METODOLOGIA – O ESTUDO DOS MATERIAIS CERÂMICOS</b>	
3.1 – O conjunto cerâmico de Casais Velhos	22
3.2 – As formas da cerâmica comum	25
3.3 – A cerâmica <i>sigillata</i> clara de Casais Velhos	29
3.4 – As ânforas	34
3.5 – A lucerna	38
<b>IV – O CONJUNTO DE VIDROS E METAIS DE CASAIS VELHOS</b>	
4.1.1 – O conjunto de vidros	40
4.1.2 – Fabrico e cronologia	42
4.2.1 – O conjunto de metais	44
4.2.2 – Análise dos materiais metálicos	46
4.2.3 – A decoração	49
4.2.4 – Cronologia	51
4.3 – O conjunto numismático	51
4.3.1 – Estudo do conjunto numismático	52
4.3.2 – Os centros emissores	55
4.3.3 – As moedas medievais e a moeda moderna	56
4.3.4 – Algumas conclusões sobre o conjunto numismático	56
<b>V – CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	57
<b>VI – BIBLIOGRAFIA</b>	61
<b>VII – ANEXOS</b>	69